

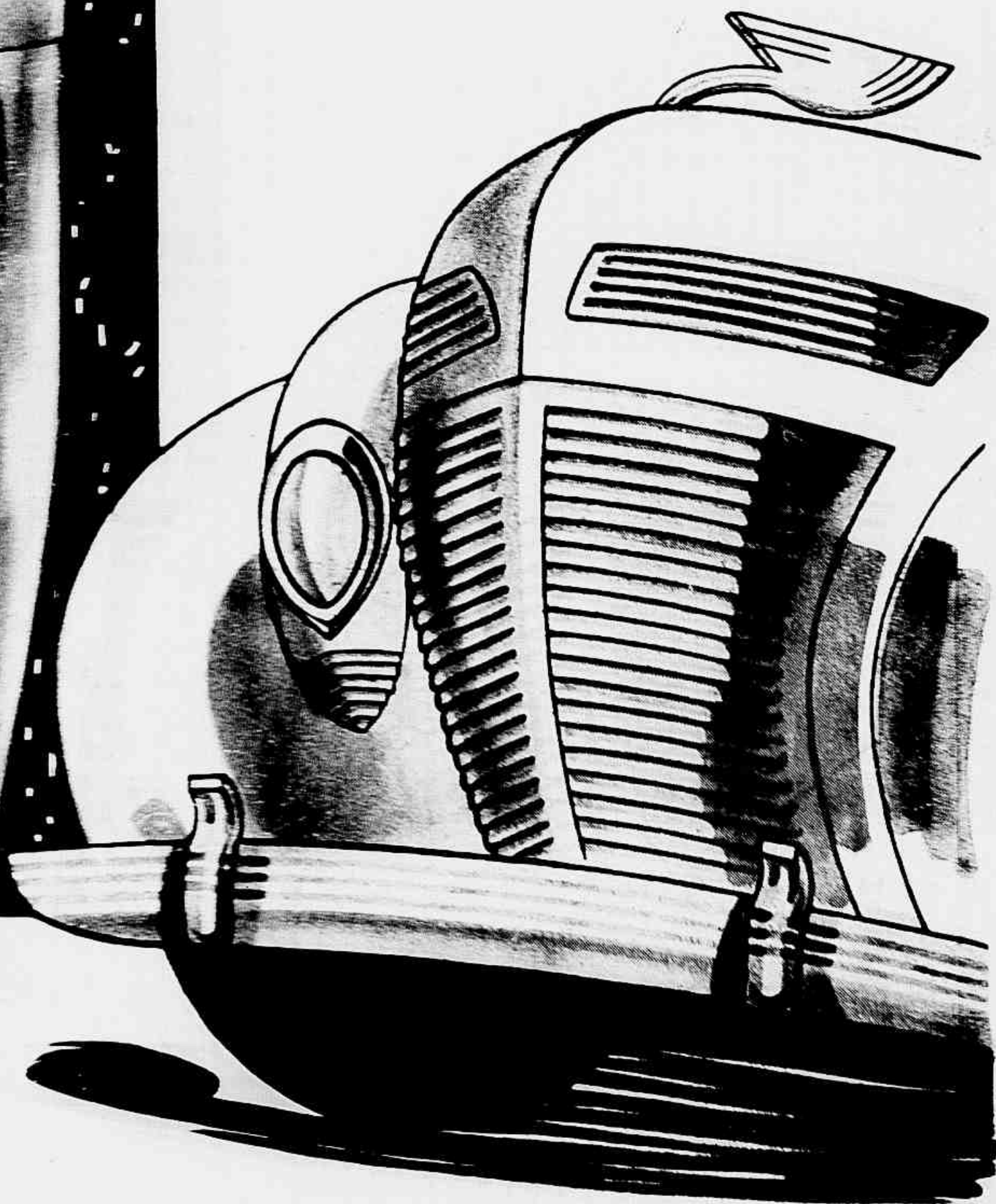
Revista da Semana

ANO XLV -- N.º 2 -- Cr\$ 2,50 no Rio e Cr\$ 3,00 nos Estados -- 8 de Janeiro de 1944



AURORA

*"A Casemira
Perfeita"*



Capa
510

O AUTO-DESCOBRIMENTO DA AMERICA

De HAL BORLAND

Só agora, em vésperas de terminar a grande catástrofe que abalou a humanidade, os Americanos proficuamente e a si próprios se revelam, assim consumando como uma *novel* descoberta do seu *Mundo* ainda *nov*.

Reagrupando os valores, separando o superfluo do essencial, olhando para as riquezas que sempre possuímos mas que só nesta oportunidade aprendemos a valorizar, começamos a atribuir-lhes o exato valor.

Mas, até aqui, o que cedemos nós? Alguns privilégios, umas poucas concessões, coisas sem importância e sem as quais poderíamos passar.

Em compensação abrimos-nos para nós perspectivas mais amplas, nossos sentidos estão mais aguçados, nosso entendimento é maior. Entramos a perceber a importância de muitas coisas que considerávamos garantidas para sempre, justamente porque nos vimos ameaçados de perdê-las.

São coisas pequenas: uma rua tranquila ao entardecer, onde nossas crianças brincam despreocupadas, o sino de uma igreja repicando alegremente aos primeiros albos. A igreja de bancos toscos onde ha o doce silencio do recolhimento. A silhueta de uma arvore recortada sobre o fundo tranquilo do céu, este céu livre das bombas mortíferas.

São coisas eternas: a grande lua cheia boiando no azul ou no negrume do céu, onde não voam os pássaros da morte.

Coisas simples e familiares: a alacridade na voz de uma adolescente, o sorriso bom e o olhar feliz das mães que tem seus filhos ao pé de si, a tranquila segurança do joven que tem o futuro na sua frente. Uma simples trepadeira que plantamos no muro de nossa casa e que vemos crescer e florir. E acima de tudo isto um lar: o nosso lar.

São também coisas grandiosas. O imponente despenhadeiro batido pelo rubro sol nascente. O rio que se precipita caudaloso e a arvore agitada pelo temporal.

Só agora tudo isto começa a assumir aos nossos olhos a sua verdadeira importância. Tornamos a encontrar satisfação em todas essas coisas simples que já iamnos esquecendo.

E' a compreensão que nasce quando temos uma causa em comum. O sentimento de que somos necessários e a consciencia de sermos uma parte essencial de alguma coisa muito mais importante do que nós mesmos. A mutua simpatia que a todos une e o prazer de ajudar um irmão. A satisfação que nos traz uma tarefa levada a cabo e até mesmo a alegria selvagem do sacrificio. Os filósofos veem pregando isto através dos séculos; mas trata-se de algo que transcende as palavras e que hoje compreendemos com tanta facilidade. Elas devem existir dentro de nós ou nunca as poderemos encontrar.

Surpreendemo-nos ao descobrir as emoções honestas. Muitas vezes zombamos delas enganando o nosso coração. Agora, porém, tudo o que se relaciona com a pátria deixa-nos dominados pela emoção.

Habituamo-nos à segurança de uma vida demasiadamente fácil. Somos povos inteligentes e hábeis e sempre fomos os filhos diletos da Fortuna. Aquella fibra inquebrantável dos desbravadores do nosso Continente começava a relaxar-se. Viviamos na abundancia gastando a herança que receberamos de um passado de sacrificios e de lutas.

Sabemos agora que não era real essa inércia, e uma enorme satisfação nos invade ao adquirirmos tal convencimento.

Quando chegar a hora das proações não voltaremos as costas covardemente à guerra mais pavorosa que a humanidade já presenciou. Nunca na história foram cobrados preços tão elevados e nunca foram exigidos tão grandes sacrificios dos defensores da liberdade. Nós assumimos este compromisso e havemos de levá-lo a cabo.

Sopesando os nossos recursos, constatamos que a nossa fibra não se relaxara. E' verdade que ainda ouvimos o côco d' lamentações dos fracos. E' verdade que ainda ha brasileiros covardes e oportunistas, e que põem seus interesses pessoais acima de tudo. Mas foi bom que os tivéssemos descoberto. Foi ainda melhor sabermos que há homens de coragem e determinação, sempre prontos a defender seus ideais. Eternamente poderemos orgulhar-nos de tal certeza.

Sentimo-nos fortes e seguros quando vemos que nas horas de perigo encontramos sempre um bom piloto ao leme.

Temos as nossas forças e o animo de as accionar. Algum dia começaremos a reconstruir sem o auxilio de ninguém e robusteceremos os alicerces de um Brasil mais grandioso.

Sabemos por que estamos lutando e não temos medo de enfrentar a adversidade, pois dela virá uma geração de homens alegres e fortes, aptos a edificar um mundo melhor em que possam viver felizes.



Roupa masculina e outros assuntos





De Janet Mackensie

Não é só a mulher do mundo mágico do cinema quem ensina às suas irmãs em Eva a se vestirem corretamente, para o encanto desta vida efêmera, e que dia a dia os homens complicam mais. O homem também. É preciso, minha amiga, que vocês, desse maravilhoso país, não pensem que as nossas estrelas e mesmo os astros, com sua beleza masculina e viril, se vistam na vida real, nos seus passeios e mesmo nas horas de folga, exatamente como se trajam para a filmagem. Eles não perdem nunca a personalidade, cada um tem o seu gosto pessoal. As roupas para os filmes são feitas de maneira a se ajustarem, não ao artista, mas à personagem que ele vai interpretar, o que nem sempre coincide com o gosto do artista pessoalmente.

O americano tem suas excentricidades, sobretudo o americano que subiu à fama ou à notoriedade, abrindo ele mesmo o seu caminho.

Não aconselho ninguém a "copiar" exatamente alguém; acho que o mais inteligente é "adaptar" este ou aquele modelo à nossa personalidade, ao nosso tipo físico. A "bata" é um traje pouco elegante, meio feminino; entre a camisa e a "gandola"; é indefinível. Ele só deve ser usado nos "Week-ends", nas praias, em pic-nic; sempre como roupa bastante prática, porém também bastante doméstica...

O homem que tem um bom ambiente social não pode descuidar a sua maneira de vestir; isso é uma regra de boa educação. É uma falta de consideração apresentar-se com aspecto negligente numa reunião.

Na rua, como em qualquer outro lugar, julgamos o homem pela roupa e pela maneira de a usar. O homem deve sempre ser sóbrio nas cores e no feitio de suas roupas, sobretudo quando já passou da primeira juventude, isto é, dos 30...

BOB HUTTON, da Warner, mostramos uma "toilette" cem por cento masculina, para rua e reuniões mais simples. É cinza, preto e verde muito escuro. Reparem o colete cinza e a gravata verde bem escuro, com desenhos chineses. O Bob é um rapaz forte, esportivo e tem bom gosto.

JOHN LODER é seu companheiro na Warner; está com um terno azul marinho, uma gravata de setim da mesma cor. Notem a camisa de punhos duplos, presos com abotoadura de platina e esmalte. Correto para uma reunião elegante.

(Continua na pag. 7)

1 — Bob Hutton — 2 — John Loder — 3 — Irene Manning — 4 e 5 — Evelyn Kayes — 6 — Alexis Smith — 7 — Peggy Diggins — 8 — Janet Blair.



6



Provisorio — quanto em ecos esta palavra acorda o Rio de Janeiro na sua vida no seculo das luzes, o seguinte em sombral.

De 1852 a 1870 a capital do Brasil conheceu o *Teatro Provisorio* no Campo de Santa Ana, campo por sua vez teatro de sucessos historicos na sua consideravel amplitude. Basta lembrar o Sete de Abril, no Campo dando ultimo ato ao Primeiro Reinado, o Segundo, pela Abdicação, de primeiro ato no palacio de S. Cristovão para prologo da Regencia.

Em pleno Segundo Império, em 1851, o governo imperial deu ordem a Vicente Rodrigues, mestre de obras português, de edificar teatro no Campo e isto sem perda de tempo.

Diligenciou-se tanto que em 1852 o teatro estava pronto. Devendo durar trinio, recebeu o nome de *Provisorio*, para durar vinte e tres anos. Não raro os adjetivos inclinam-se mais a antonimos que a sinónimos.

Pernadas de bailes à fantasia estrearam alegremente o duradouro *Provisorio*, em coreografia, a beneficio do construtor, talvez em condições de dansar. Logo depois, estreando liricamente, o *Provisorio* poz em cena uma opera semi-lugubre, *Macbeth*, opera na qual musica de Verdi traduzia Shakespeare por sustentidos e bemóes.

Destinado a eternisar-se, o *Provisorio* principiou a influir na vida artistica e social do Rio de Janeiro. Realizou espetaculos de estrondo, chamou celebres artistas interpretando grandes operas, trouxe pianistas celebres a concertos notaveis, de onde a crescente fama do teatro do Campo.

Pelo lado social merecia ele a presença frequente do imperador e da imperatriz, cujas filhas só depois de casadas foram ao teatro. Merecia tambem o *Provisorio* a presença do que na sociedade organizada e respeitável se chamava a flôr.

Por tudo isto e mais pela escolha de seus elencos, o *Provisorio* não receava a concorrência do *S. Pedro de Alcantara*, este atraindo arte lirica, entremeando-a com a dramatica maximamente encarnada em João Caetano.

Espectaculo de grande gala, por motivo de data nacional, memoravel récita em beneficio enchiam a sala do *Provisorio* de sociedade elegante, para revista de mostra de indumentaria e joalheria representada em ouros e cintilações nas joias de familia que nem todas as heranças dispersavam. Havia quem as conservasse e transmitisse dando-lhes prego atávico. Data isto de longe e vir de longe valorisa cousas quanto mais pessoas. Até nossos selvicolas se prezavam de provir dos valentes de suas tribus.

Dizer é bom, poder provar ótimo. Ferdinand Denis ajude-nos a provar ao referir que "segundo calculo quando as senhoras da familia Carneiro Leão se reuniam traziam entre si cerca de seis milhões de diamantes, vulgar no Rio de Janeiro o luxo das pedras preciosas".

Nas noites de enchente do *Provisorio*, por seus occupants femininos e masculinos, a sala do teatro era como que album aberto para visão de modas. Sobretudo de 1852 a 1869 elas viveram no Romantismo e às inspirações da venusta imperatriz Eugenia, esta por sua elevação imperial inesperada secretamente invejada pelas ambiciosas do mundo todo.

Paris e Londres alem de capitais de paises magnos o eram da Moda. Os olhares femininos voltavam-se para Paris, os masculinos para Londres.

Costureira e alfaiate, á primeira vista, só representam tesoura, agulha, linha, alfinhvos. Mas, para satisfazer freguezes, costureira e alfaiate se vêem em tálas. E os freguezes do tempo do *Provisorio* entravam na regra geral das exigencias de clientela.

De traje apurado, os teatristas do *Provisorio* miravam-se antes de ouvir as volatas dos cantores. No fim das operas eram testemunhas, sem chamados á policia, de mortes e ferimentos conforme libretos dramaticos ou tragicos.

Nos *Huguenotes* o côro dos punhais ameaçava só por musica e depois dele, nos bastidores, sem cuidar da noite de S. Bartolomeu, conjurados fraternisavam com seus inimigos, todos irmanados na folha de pagamento.

Certas operas do tempo do *Provisorio* cahiram em completo olvido, outras ressurgem a espaços. *Simão Boccanegra*, partitura de Verdi, novidade em 1856, fingio de novidade ha pouco no *Municipal*.

ESCRAGNOLLE DORIA

O TEATRO PROVISORIO

Noites memoraveis contou o *Provisorio*. Um livro sobre ele, custando pesquisa ao autor, mostraria muito da nossa evolução musical, que escapou de ter Wagner no Rio de Janeiro. Mostraria igualmente a obra bastantes costumes nossos, alguns dos quais nos honraram como sociedade políciada.

Fonseca Benevides, em volume de tomo, traçou a historia do *S. Carlos* de Lisboa. O *Provisorio* espera a sua, incluídos na obra capitulos lembradores das noites triunfais do teatro do Campo. Uma foi a de 22 de Agosto de 1852, brevemente descrita em romance nosso, olvidado o nome do primeiro evocador da noite, um amigo de cousas do passado. A pressa levou o romancista a citar inexatamente versos de Otaviano em louvor da Steltz e a promover a duqueza a viscondessa de Abrantes de 1852, sendo comum escrever esquecido do que se leu.

No *Provisorio* não se levantou pano de boca apenas para mostrar cantores, sim tambem para vista dos pianos sobre cujos teclados correriam os dedos magicos de Thalberg e Gottschalk. No *Provisorio* e seu palco Adelaide Ristori mostrou quanto valia como tragica servindo-se da lingua italiana tanto musica como idioma.



HENRIQUE TAMBERLICK
(Roma 1820 — Paris 1889)

Tudo na vida vai a combate, por isto o *Provisorio* não escapou a lutas de partidos teatrais pró e contra a Stoltz, a Candiani, a Charton, La Grua, La Grange, a Casaloni. Tinham os cantores masculinos partidarios mais calmos, beneficios de menos estrépito e dissídios vozeantes.

Assim foi mais natural haver stoltztistas e candianistas, chartonistas e lagruistas do que tamberlistas e miratistas.

O *Provisorio*, subvencionado pelo governo, sofria-lhe a influencia diante ou atraz da cortina, mormente na escolha das diretorias. Os sucessos do teatro despertavam ecos até no parlamento, sobretudo na Camara dos Deputados. Em nossos anais legislativos figuram questões relativas ao *Provisorio* e aos seus artistas, os mais celebres tambem ouvidos pela classe popular, deixados mil réis na bilheteria.

Um frequentador do *Provisorio* inteirou-nos de muito particular dele. Foi Augusto de Paiva Freese Pinheiro, de dias aureos e outros desditosos em fim de vida. Para lembrança dos aureos diga-se ter Freese Pinheiro pertencido à nossa diplomacia, adido de legação em Paris, no tempo de Napoleão III, ministro nosso junto a este o conselheiro Marques Lisboa.

Quem se preze de pesquisador deve querer em seus escritos bastantes cousas não ditas ou ao menos salpicados de inedito.

Com alguns acréscimos nossos, sejam utilizadas as informações de Freese Pinheiro do *Provisorio* quanto ao fisico e às vozes de suas celebridades.

Augusta Candiani

Na carreira das artistas liricos um trecho de musica os assinala na memoria de coévos transmitida a vindouros. Assinalou a Candiani a *Casta Diva* da *Norma*. Interpretava aquela invocação da opera de Bellini a modulando com voz doce, extensa, expressiva. De estatura mais para baixa do que para alta, bonita e simpatica, a Candiani era um tipo romantico pela tez páida e por feições finas.

Ana La Grange

Aita, de rosto mais agradável que bonito, primava pelas maneiras aristocraticas. Viajava acompanhada pelo marido, fidaço na origem e nas maneiras. Veio ao Rio de Janeiro com duas filhas, uma legitima e outra adotiva, residindo La Grange, com os seus, a pouca distancia do *Provisorio*, na rua dos Ciganos, ora da Constituição.

De voz não muito volumosa, La Grange sabia dirigi-la a primor, sobretudo nos trinados tão de uso nas operas do tempo e notas ainda hoje impostas às sopranos que não queiram sonorisar publicos, já então o publico do *Provisorio* tido por exigente a valer. Sempre La Grange o satisfiz, pondo em delirio os frequentadores do *Provisorio*, este posto quasi em frente da rua dos Ciganos onde a cantora tinha lar tambem provisorio.

Uma grande tela de Luís Augusto Moreau, no Museu Nacional de Belas Artes, lindamente mostra La Grange personificando Lucia de Lamermoor.

Emmy La Grua

De estatura regular, repleta de formas sem desgracioso, La Grua era bonita. "Como voz não se a podia desejar melhor", disse o informante Freese Pinheiro, qualificando voz extensa, volumosa e doce. O repertorio da cantora era variado, a *Norma* porem lhe dando ensejo a seus maiores triunfos. Muitos, naquela opera, preferiam a Candiani, que residindo no Rio de Janeiro, onde morreria, sempre estava à mão de diretorias liricas para contratos e substituições.

Henrique Tamberlick

Inda hoje quando se fala ou se escreve de *O Trovador* vem á balha o nome do famoso tenor que o *Provisorio* cobrio de aplausos.

Claro de tez, de cabelos castanhos, tinha Tamberlick muita distinção no fisico e nas maneiras agradaveis, sem ser nada enfatuado apesar de celebridade.

Nos variados papeis do seu repertorio lirico Tamberlick era sempre Tamberlick, numa noite Fernando na *Favorita*, noutra Polião na *Norma*, noutra Genaro na *Lucrecia Borgia*. Em *O Trovador* ninguém se media com Tamberlick, sobretudo no seu ultra-famoso dó de peito, nos adeuses de Manrico votado à fogueira, a futuros cantores Tamberlick deixando o dó altisonante por herança a esquivos rivais.

Rafael Mirale

Outro cantor caído em graça junto ao publico carioca foi o tenor Mirale. Gordo e reforçado, de tipo vulgar, cantava com frieza, sem imprimir maior emoção a situação cenica alegre ou triste. Diziam que assim procedia por convencido da sua reputação mundial. Soltasse toda a voz ou se servisse da meia voz era inegualavel. Só muito tempo depois, no Rio de Janeiro, Gayarre se mostraria emulo de Mirale no *bel canto*.

Ao afamado tenor o nosso Conservatorio de Musica, então seção da Academia Imperial das Belas Artes, conferio o titulo de seu professor honorario.

Outros artistas notaveis pisaram o palco do *Provisorio*, assim a Charton, assim o baixo Whitworth, assim o tenor Tati. Segundo as *Reminiscencias* de Taunay, dizia Abrantes ao imperador que "Tati não podendo alcançar a nota desejada fingia-a na ponta do dedo e mostrava-a ao publico". Por sua vez opinava Rio Branco: "Quando a idéia não vai por si bastante alto, suspendo-a na ponta do dedo. Faço como o Tati". "Tais declarações mostram Abrantes e Rio Branco frequentadores do *Provisorio* e Abrantes disse ter aplaudido Tati "com entusiasmo".

Roupas masculinas e outros assuntos

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 5)

Agora, mais alguma coisa.

IRENE MANNING com um elegante traje de montar, modelo que você, minha amiga, poderá usar nos seus passeios a cavalo, durante as férias de verão.

...bos os lados e nas costuras. A saia é drapeada na frente... O chapéu é enfeitado com magnolias pequenas e um véu em finos quadriculados.

EVELYN KAYES exhibe dois lindos modelos para diferentes ocasiões. O costume, em seda "faillé" quadriculado miúdo, a saia e os enfeites do casaco; este é em seda lisa de uma cor que com-

PEGGY-DIGGINS — Costume estamparia oriental, curto, tendo bolsos transversais com abas; seu chapéusinho, chic e original, é feito com duas tulipas grandes de pena, em côres diferentes e folhas também de penas.



GIN'N'G EJR* R, O G, E R

bina com o quadriculado. O outro é uma elegante "toilette" para cerimonia, em georgette preto sobre forro de setim preto ajustado ao forro, uma fila de botões de setim. Luvas, bolsa, sapatos e chapéu em "faillé" de seda, da cor do vestido. O véu forma a linda moldura de seu rosto.

ALEXIS SMITH — Um original e belo modelo para cerimonia; as mangas são curtas e de traspasse. A blusa é drapeada no decote traspassando de am-

JANET BLAIR veste um avental-saia em estilo campônio, com bordados multicoloridos.

GINGER ROGER oferece-lhe um bellissimo modelo de blusa em estilo eslavico, com bordados variagados e um ponto de cruz.

E, por hoje, basta.

Escreva-me, minha leitora amiga, e pergunte qualquer coisa que lhe interesse; das colunas desta REVISTA lhe responderemos, com prazer.

Verdadeiros Venenos!

Uma verdade que todos os médicos conhecem e confirmam: Dentro do estômago e intestinos há sempre impurezas e substâncias infectadas, muitas vezes das mais perigosas, verdadeiros venenos, produzidos pelas fermentações tóxicas internas, que pouco a pouco invadem o sangue e prejudicam todo o organismo, causando dor de cabeça, peso, calor e mal-estar na cabeça, cólicas e graves desarranjos repentinos do ventre, irritação da mucosa do estômago, inflamação intestinal, falta de energia para o trabalho, nervosismo, tonturas, vertigens, ânsias e vontade de vomitar, biliosidade, arrêtos, mau gosto na boca, indigestão, muita sede e quentura na garganta, azia, gases, falta de apetite, empachamentos, língua suja, mau hálito, certas coceiras e irritações da pele, mal-estar depois de comer, preguiça, abatimento, sonolência e moleza geral e muitas doenças graves e prolongadas, quando não se toma cuidado.

Para evitar e tratar estes males use **Ventre-Livre**, remédio sério e de inteira confiança, contra a prisão de ventre e suas consequências.

Ventre-Livre estimula, tonifica o estômago e intestinos e os limpa das impurezas, substâncias infectadas e fermentações tóxicas, e assim evita e trata tão penosos sofrimentos.

Use **Ventre-Livre**

* * *

Lembre-se sempre:

Ventre-Livre não é purgante

* * *

Tenha sempre em casa
Ventre-Livre

Revista da Semana

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMERICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Sels meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Sels meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Sels meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país;
o número atrasado Cr\$ 2,00

Visconde de Maranguape, 15 — Endereço telegráfico: "Revista" — Rio de Janeiro

Tels.: — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7866
Corresp. na Baía: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knoppe & Cia. Times Bldg., New York City. Na Africa Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434, Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 229 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

ESTE NÚMERO CONSTA DE 52 PAGINAS

A nossa capa

A capa que vai na REVISTA de hoje é praticamente uma alegoria.

Dir-se-ia que Lynn Bagget, da Warner, anuncia a todo o mundo a paz que todos querem de par com a vitória por todos almejada.

A primeira vista não parece uma capa bem indicada para este numero em que damos um suplemento de guerra.

Entretanto, é mistér reconhecer que quanto mais acêsa se torna a luta tanto mais se fala de paz.

Ela como que está dando o primeiro passo sobre o mundo neste primeiro mês de 1944.

A redação da "REVISTA" não publica colaboração que não tenha sido solicitada. E não devolve originais em nenhuma hipotese.



O trabalho que presto ao meu país, longe de fazer com que eu deseuze os estudos, faz-me compreender melhor o valor do estudo; e eu hoje de-sejo ir à escola mais do que nunca.



Espero ser uma professora quando a guerra acabar; entretanto vou fazendo o que posso para ajudar.



O nosso futuro é incerto, não comporta planos antecipados. O exercício decidirá o que devo fazer.



Alguns estão empregando dinheiro em bonus de guerra, mas acho que ainda não é bastante.



JUVENTUDE DIFERENTE

A juventude americana destes dias atormentados não gosa as suas férias como costumava fazê-lo em dias idos. Não ha mais o grito de liberdade, atirando à gavêta cadernos e livros; ela emprega todo o seu tempo, entre as aulas, a ajudar; é o batalhão de reserva, numa retaguarda que tem um grande sentido civico.

Ha dias dizia uma senhora: "Si toda a disciplina, sacrificios, energias e dinheiros que um povo tira do seu capital para ganhar uma guerra se continuasse extraindo em tempo de paz, para resolver os problemas da desocupação, da pobreza, da educação e do alimento, quanto progresso teriamos em pouco tempo!

A' juventude que ha de sobreviver à catastrofe é preciso que se ensine a disciplina do trabalho como um habito indispensavel aos que teem de continuar o progresso da nação.

O espirito pratico do americano está interessando a juventude nos problemas da atualidade e preparando-a para o que ha de vir. Não é, porém, como a imposição de um dever, não; é antes sob uma forma simpatica de apelo, de compreensão, da solidariedade humana.

Promoveram-se entrevistas entre universitarios, para aquilatar do sentimento civico da parte jovem da nação. Muitas vezes a voz da mocidade é profética, parece que por ela fala um deus invisio. Transcrevemos algumas respostas dessas entrevistas.



Confesso que hoje acho o trabalho a cousa mais séria: faz-nos crescer mais depressa...

Trabalho com Dod; por ora vai bem, mas depois da guerra quero ter uma profissão.



Acho que não devemos pensar sinão no trabalho. Gente moça não deve pensar em casar, pois as ideias mudam muito com a idade.

Acho que poderíamos ir para a escola depois da guerra, pois hoje cada rapaz trabalha. Trabalham para substituir aqueles que partiram para a frente de batalha e estão bem orgulhosos de o fazer.



O templo do idolo Astarte

AGATHA CHRISTIE

— E agora, dr. Pender, que é que vai contar-nos?

O velho pastor sorriu amavelmente.

— Minha vida transcorreu em lugares quietos — disse ele. — Poucos acontecimentos dignos de nota se passaram comigo. Todavia, uma vez, quando eu era muito moço, tive uma aventura muito estranha e trágica.

— Ah! — disse Joyce Lemprière de modo estimulante.

— Nunca a esqueci — continuou o pastor. — Na ocasião isso produziu uma profunda impressão no meu espírito e hoje, por um leve esforço de memória, posso experimentar novamente o estardalhaço e o horror daquele momento terrível em que vi um homem ferido de morte sem haver aparentemente um agente mortal.

— Você está me fazendo ficar todo arrepiado, Pender, queixou-se Sir Henry.

— Isso me fez ficar todo arrepiado, como você diz — replicou o outro. — Desde então nunca mais eu ri das pessoas que usam a palavra "atmosfera". Tal coisa existe. Há certos lugares impregnados de influências benígnas ou malignas que podem fazer sentir seu poder.

— Aquela casa, "Os Pinheiros", tem muito azar — observou Marple. — O velho Mr. Smithers perdeu todo o dinheiro e teve que abandoná-la; depois os Carslakes ficaram com ela e Johnny Carslake rolou pela escada e partiu a perna e Mrs. Carslake teve que procurar o sul da França por causa da saúde, e agora os Burdens a adquiriram e ouço dizer que o pobre Mr. Burden precisou de fazer uma operação quase imediatamente.

— Creio que há muita superstição sobre essas coisas — disse Mr. Petherick. — Grandes prejuízos são causados a certas propriedades por causa de notícias insensatas levianamente espalhadas.

— Eu sei de um ou dois "fantasmas" que tinham uma personalidade muito robusta — observou Sir Henry com uma risadinha.

— Creio — disse Raymond — que deveríamos deixar o dr. Pender continuar com sua história.

Joyce levantou-se e desligou as duas lâmpadas, deixando a sala iluminada apenas pela chama vacilante do fogão.

— Atmosfera — disse ele. — Agora podemos continuar.

O dr. Pender sorriu para ele e, recostando-se na cadeira e tirando o pince-nez, começou sua história, numa voz gentil e evocadora.

— Eu não sei se algum de vocês conhece Dartmoor. O lugar de que estou falando fica situado nos limites de Dartmoor. Era uma propriedade encantadora, embora estivesse à venda há vários anos, sem achar nenhum comprador. A situação era talvez um tanto erma no inverno, mas o panorama era magnífico e havia certas coisas curiosas e originais acerca do próprio lugar. A propriedade tinha sido comprada por um homem chamado Haydon — Sir Richard Haydon. Eu o conhecera nos tempos de colégio e embora o tivesse perdido de vista por alguns anos, os velhos laços de amizade ainda persistiam e aceitei com prazer seu convite para visitar o Bosque Silencioso, como se chamava sua nova aquisição.

O grupo de amigos não era muito numeroso. Achavam-se lá o próprio Richard Haydon e seu primo, Elliot Haydon. Achava-se Lady Mannering, com uma filha muito pálida e insignificante, chamada Violeta. Havia o capitão Rogers, com a mulher, um pessoal duro de sela, curtido de intempéries, que vivia apenas para montar e caçar. Havia também o jovem dr. Symonds e Miss Diana Ashley. Eu sabia qualquer coisa a respeito dessa última. Seu retrato saía muitas vezes nos jornais elegantes, pois era uma das belezas notórias da estação. Sua figura na verdade chamava muito a atenção. Era morena e alta, com uma linda pele de um tom creme esbatido e os olhos escuros entrecerrados e oblíquos davam-lhe uma picante aparência oriental. Tinha ainda uma voz maravilhosa, profunda e cristalina.

Eu percebi imediatamente que meu amigo Richard Haydon estava muito caído por ela e desconfiei que a reunião fosse apenas um pretexto para contar com a sua presença. Sobre os sentimentos da moça eu não tinha a mesma segurança. Ela era muito volúvel nos seus favores. Um dia era toda de Richard e excluía de sua atenção todo o mundo, e no outro dedicava-se toda a Elliot, mal parecendo notar que existia uma criatura chamada Richard, para outra hora conceder os sorrisos mais feiçozeiros ao tranquilo e esquivo dr. Symonds.

Na manhã seguinte à minha chegada, o dono da casa mostrou-nos toda a propriedade. A casa em si mesma não tinha nada de mais, uma boa e sólida casa construída de granito de Devonshire. Construída para resistir ao tempo e às intempéries. Não era romântica, e sim confortável. Das janelas contemplava-se todo o panorama do planalto, vastas colinas ondulantes com penedias batidas de temporais.

Na encosta do outeiro mais próximo de nós havia diversos círculos de cabanas, relíquias dos dias pré-heróicos da última Idade da Pedra. Noutra colina havia um túmulo que fora recentemente escavado e no qual tinham achado vários objetos de bronze. Haydon estava ficando interessado por assuntos de antiguidade e nós falava com uma grande dose de energia e entusiasmo. Aquele ponto, explicava ele, era particularmente rico em relíquias do passado.

— Espera-se achar traços dos habitantes das cabanas neolíticas, dos druidas, dos romanos e até mesmo dos primitivos fenícios. Mas este lugar é o mais interessante de todos — disse ele. — Vocês sabem seu nome: Bosque Silencioso. Bem, é muito fácil ver donde provém esse nome.

Apontou com a mão. Aquela parte da região era bastante escavada — penhas, urzes e sarçaes, porém a cerca de cem metros da casa havia um bosque muito fechado.

— Aquilo é uma relíquia dos dias primitivos — disse Haydon. — As árvores tem morrido e sido replantadas, mas no conjunto foi conservado mais ou menos como era talvez no tempo dos moradores fenícios. Venham ver.

Nós todos o seguimos. Ao entrarmos no pequeno bosque, uma curiosa opressão me assaltou. Creio que era do silêncio. Não parecia que os pássaros fizessem ninho naquelas



(Novela traduzida especialmente para a REVISTA DA SEMANA)

árvores. Havia no ambiente uma impressão de desolação e de horror. Vi Haydon olhando para mim com um sorriso curioso.

— Nota alguma coisa neste lugar, Pender? — perguntou-me ele. — Aversão ou mal-estar?

— Não gosto disto — disse eu tranquilamente.

— Você tem razão. Isto foi uma fortaleza de um dos antigos inimigos de nossa fé. Este é o Bosque de Astarté.

— Astarté?

— Astarté, ou Ishtar, ou Ashoreth, ou como prefira chamar-lhe. Eu prefiro o nome fenício de Astarté. Creio que há um pequeno bosque de Astarté conhecido no norte da Inglaterra. Não tenho prova, mas gosto de acreditar que nós temos aqui um autêntico bosque de Astarté. Aqui, dentro deste denso círculo de árvores, eram realizados ritos sacros.

— Ritos sacros — murmurou Diana Ashley. Seus olhos tinham uma expressão de sonho remoto. — Que ritos eram esses, eu gostaria de saber?

— Por todas as aparências não eram nada decentes — disse o capitão Rogers, com uma risada sonora e despreocupada. — Qualquer coisa bem quente, imagino.

Haydon não lhe prestou atenção.

— No centro do bosque deveria haver um templo — disse ele. — Eu não vou muito com os templos, porém condescendi numa pequena fantasia.

Nesse momento nós havíamos dado numa pequena clareira, ao centro das árvores. No meio da clareira havia uma coisa que não diferia dum pavilhão de verão, feito de pedra. Diana Ashley olhou interrogativamente para Haydon.

— Eu chamo a isto o Templo do Ídolo — disse ele. — É o templo do Ídolo Astarté.

Ele abriu caminho para o templo. Dentro havia um pilar de ébano rústico, sobre o qual repousava uma pequena imagem representando uma mulher de chifres em forma decrescente, sentada sobre um leão.

— Astarté dos fenícios — disse Haydon — a Deusa da Lua.

— A Deusa da Lua — gritou Diana. — Oh, vamos fazer uma saturnal esta noite. Todos fantasiados. E viremos aqui, ao clarão do luar, celebrar os ritos de Astarté.

Eu fiz um gesto repentino e Elliot Haydon, o primo de Richard, voltou-se rapidamente para mim.

— Não está gostando disto, não é, padre? — disse ele.

— Não — disse eu gravemente. Não estou gostando.

Ele olhou para mim com curiosidade. — Mas é apenas uma frivolidade. Dick não sabe realmente se isto aqui é um lugar sagrado. É apenas uma fantasia dele; ele gosta de se divertir com essa idéia. E de qualquer modo, se fosse...

— E se fosse?

— Bem... — ele riu contrafeito. — Você não acredita nessa espécie de coisas, não é mesmo? Você, um sacerdote.

— Eu não estou certo de que como sacerdote não devesse acreditar nisso.

— Mas isso é uma coisa completamente passada e liquidada.

— Não tenho tanta certeza assim — disse eu teimosamente. — Apenas sei isto: eu não sou dum modo geral um homem sensível à atmosfera, mas desde que entrei neste bosque senti uma curiosa impressão e uma sensação de malefício e de ameaça em redor de mim.

Ele olhou em torno, contrafeito.

— Sim — disse ele — é... é de certo modo estranho. Eu sei o que você quer dizer mas suponho que é apenas nossa imaginação que nos faz sentir assim. Que é que você diz, Symonds?

O doutor ficou silencioso um ou dois minutos antes de responder. Depois disse calmamente:

— Não gosto disto. Não sei dizer por que razão. Mas, dum modo ou doutro, não gosto.

Nesse momento Violeta Mannering veio para perto de mim.

— Delesto este lugar — disse ela. — Vamos embora daqui.

Nós nos afastamos e os outros nos seguiram. Apenas Diana Ashley se demorou. Voltei a cabeça para olhar por cima do meu ombro e a vi de pé em frente ao templo do ídolo, contemplando gravemente a imagem que estava lá dentro.

O dia estava desusadamente quente e bonito e a lembrança de Diana Ashley a respeito duma festa à fantasia foi recebida com agrado geral. As risadas habituais, os cochichos e as costuras secretas entraram em ação, e quando aparecemos para o jantar houve as sabidas expansões de jovialidade. Rogers e a mulher eram habitantes das cavernas neolíticas, o que explicava o súbito desaparecimento dos tapetes da lareira. Richard Haydon dizia-se marinheiro fenício, e o primo era um chefe pirata; o dr. Symonds um cozinheiro francês, Lady Mannering uma enfermeira de hospital, e a filha escrava circassiana. Eu próprio me arranjei de qualquer modo como um monje. Diana Ashley atrasou-se e houve um certo desapontamento quando ela apareceu enrolada num domínio negro sem forma definida.

— "Desconhecida" — declarou ela frivolamente. — É o que eu sou. Agora, por favor, vamos jantar.

Depois do jantar, saímos de casa. Era uma noite adorável, quente e branda, e a lua ia subindo.

Andamos atoa, conversando, e o tempo passou com bastante rapidez. Devia ser uma hora depois, quando verificamos que Diana Ashley não estava conosco.

— Com certeza ela não foi dormir — disse Richard Haydon.

Violeta Mannering abanou a cabeça.

— Oh, não — disse ela. — Eu a vi saindo naquela direção há um quarto de hora.

— E apontou, enquanto falava, na direção do bosque que aparecia negro e sombrio ao luar.

— Eu queria saber que é que ela foi fazer — disse Richard Haydon. — Alguma diabrura, juro. Vamos ver.

Nós todos largamos atropeladamente, um tanto curiosos de ver o que estava fazendo Miss Ashley. No entanto, eu, pelo menos, senti uma curiosa relutância em entrar naquela trevosa cintura de árvores. Alguma coisa mais forte do que eu mesmo parecia puxar-me para trás e aconselhar-me a não entrar. Eu me sentia mais do que nunca convencido do malefício infernal do sítio. Penso que alguns dos outros experimentaram as mesmas sensações embora não quizessem dar o braço a torcer. As árvores eram plantadas tão junto uma da outra que o luar não podia penetrar. Havia uma série de brandos rumores em torno de nós, cochichos e suspiros. A impressão era fantástica em extremo e por comum acordo nós nos conservávamos todos juntos.

De repente saímos na clareira aberta ao meio do bosque e paramos estatelados, pois, no limiar do templo do ídolo, estava de pé uma figura tremulante, envolta em diafanos véus e com dois chifres em forma de crescente erguendo-se das negras massas do cabelo.

— Meu Deus! — disse Richard Haydon, e o suor lhe brotou da testa.

Mas Violeta Mannering foi mais violenta.

— Ora, é Diana — exclamou ela. — Que foi que ela fez? Oh, ela parece completamente diferente.

O vulto na soleira do templo levantou as mãos. Deu um passo para diante e entoou um cântico em voz alta e suave.

— Eu sou a Sacerdotiza de Astarté — psalmodiava ela. — Fugam de se aproximarem de mim, pois trago a morte nas mãos.

— Não faça isso, querida — protestou Lady Mannering. — Você nos aterroriza, não tenha dúvida.

Haydon investiu para ela.

— Meu Deus, Diana! — gritou ele. — Você está maravilhosa.

Meus olhos agora estavam habituados ao luar e eu podia ver com maior nitidez. Ela, como dizia Violeta, parecia outra pessoa inteiramente diversa. O rosto era mais definitivamente oriental, e os olhos simples fendas com alguma coisa cruel no brilho, e o estranho sorriso nos lábios como eu não vira nunca antes.

— Cuidado — gritou ela, avisando. — Não se aproximem da Deusa. Se alguém puser a mão em mim está morto.

— Você está maravilhosa, Diana — gritou Haydon — mas acabe com isto. De qualquer modo eu... eu não gosto disto.

Ele ia andando na sua direção pelo gramado e ela estendeu uma das mãos para ele.

— Parel — gritou. — Um passo mais e eu o fulmino com os poderes de Astarté.

Richard Haydon riu e apressou o passo, quando de repente aconteceu uma coisa

curiosa. Por um momento ele hesitou e depois pareceu cambalear e caiu de bruços. Não se levantou em seguida, mas ficou estirado no chão, onde havia caído redondamente.

De repente Diana começou a rir histericamente. Era um som horrível que quebrava o silêncio da clareira.

Com uma praga, Elliot avançou.

— Não posso aturar isto — gritou ele — levante-se, Dick, levante-se, homem.

Mas Richard permaneceu ainda onde havia caído. Elliot Haydon chegou ao lado dele, ajoelhou-se e voltou delicadamente. Curvou-se para ele, perscrutando-lhe o rosto.

Depois se levantou de golpe e ficou de pé, cambaleando um pouco.

— Doutor — disse ele — Doutor, pelo amor de Deus, venha cá. Eu... eu acho que ele está morto.

Symonds correu para diante e Elliot se aproximou de nós, andando muito lentamente. Estava olhando para as mãos dum modo que não entendi.

Neste momento veio um grito selvagem da boca de Diana.

— Eu o matei — gritou ela. — Oh, meu Deus! Eu não pretendia, mas o matei.

E desmaiou, rolando desamparadamente na relva.

Houve um grito de Mrs. Rogers.

— Oh, vamos embora deste lugar horrendo — gemeu ela — tudo pode acontecer-nos aqui. Oh, é horrível!

Elliot segurou-me o ombro.

— Não pode ser, homem — murmurou ele. — Eu lhe digo que não pode ser. Um homem não pode ser morto deste modo. É... é contra a natureza.

Procurei acalmá-lo.

— Há alguma explicação — disse eu. — Seu primo devia ter alguma fraqueza do coração. O choque e a exaltação...

Ele me interrompeu.

— Você não compreende — disse ele. Levantou as mãos para que eu visse e notei nelas um filete vermelho. — Dick não morreu de choque, foi apunhalado, apunhalado no coração, e não há nenhuma arma.

Eu o mirei incredulamente. Nesse momento, Symonds ergueu-se de seu exame do corpo e veio para a nossa direção. Estava pálido e tremia da cabeça aos pés.

— Nós todos estamos loucos? — disse ele. — Que lugar é este... onde podem acontecer coisas assim?

— Então é verdade — disse eu.

Ele fez que sim.

— O ferimento é tal que só poderia ter sido feito por uma longa adaga afiada, mas... não há ali nenhuma adaga.

Nós todos nos entreolhamos.

— Mas deve estar por ali — gritou Elliot Haydon. — Deve ter caído. Deve estar nalgum canto da relva. Vamos ver.

Pesquizamos o chão inutilmente. Violeta Mannering disse de súbito:

— Diana tinha uma coisa na mão. Uma espécie de adaga. Eu vi. Eu a vi brilhando, quando ela o ameaçou.

Elliot Haydon sacudiu a cabeça.

— Ele não chegou sequer a três metros de distância dela — objetou.

Lady Mannering curvou-se sobre a jovem prostrada no chão.

— Agora não há nada na mão dela — anunciou — e não posso ver coisa alguma no chão. Você está certa de que viu, Violeta? Eu não vi.

O dr. Symonds aproximou-se da pequena.

— Devemos levá-la para casa — disse ele. — Rogers, você quer ajudar-nos?

Carregamos a moça sem sentidos para a casa. Depois voltamos e apanhamos o corpo de Sir Richard.

O dr. Pender interrompeu-se, em ar de desculpa, e olhou em torno. — Hoje sabe-se melhor dessas coisas — disse ele — devido à difusão das histórias policiais. Todo garoto da rua sabe que se deve deixar um cadáver onde foi encontrado. Mas naqueles tempos não tínhamos os mesmos conhecimentos, e portanto carregamos o corpo de Sir Richard Haydon para o quarto de dormir na casa quadrada de granito e o mordomo foi despachado numa bicicleta para chamar a polícia, numa distância de cerca de doze milhas.

Foi então que Elliot Haydon me chamou de lado.

— Olhe aqui — disse ele. — Vou voltar para o templo. Aquela arma deve ser encontrada.

— Se houve uma arma — disse eu em dúvida.

Ele me segurou o braço e o sacudiu com força. — Você meteu essa bobagem supersticiosa na cabeça. Pensa que a morte foi sobrenatural; bem, eu vou voltar ao templo para dar uma busca.

Eu me sentia curiosamente contrário a essa idéia. Fiz o que pude para dissuadi-lo, mas sem resultado. A simples idéia daquele círculo fechado de árvores era intolerável para mim e senti uma forte premunição de futuros desastres. Mas Elliot foi cabeçudo em extremo. Ele estava, creio, amedrontado, porém não queria admitir semelhante coisa. Assim, saiu, disposto a resolver inteiramente o mistério.

Foi uma noite espantosa; nenhum de nós pôde dormir ou tentou fazê-lo. A polícia quando chegou ficou fracamente incrédula com a história. Queriam à fina força interrogar Miss Ashley, mas tiveram que haver-se com o dr. Symonds, que se opôs violentamente. Miss Ashley tinha voltado a si do desmaio ou do transe e ele lhe dera uma forte dose de narcótico. Até o dia seguinte ela não estava em condições de ser perturbada.

Até sete horas da manhã ninguém pensou mais em Elliot Haydon, quando Symonds de repente perguntou onde ele estava. Eu expliquei o que Elliot tinha feito e a cara grave de Symonds ficou ainda mais grave. — Eu gostaria que ele não tivesse feito isso. É... é uma insensatez — disse ele.

— Você acha que pode ter-lhe acontecido alguma coisa?

— Tomara que não. Eu creio, padre, que seria melhor irmos ver.

Eu sabia que ele tinha razão, mas precisei de toda a minha coragem para controlar meus nervos para a tarefa. Saímos juntos e uma vez mais entramos no bosque malfadado. Por duas vezes o chamamos e não obtivemos resposta. Dentro de um ou dois minutos

RUMOS DA NOVELA

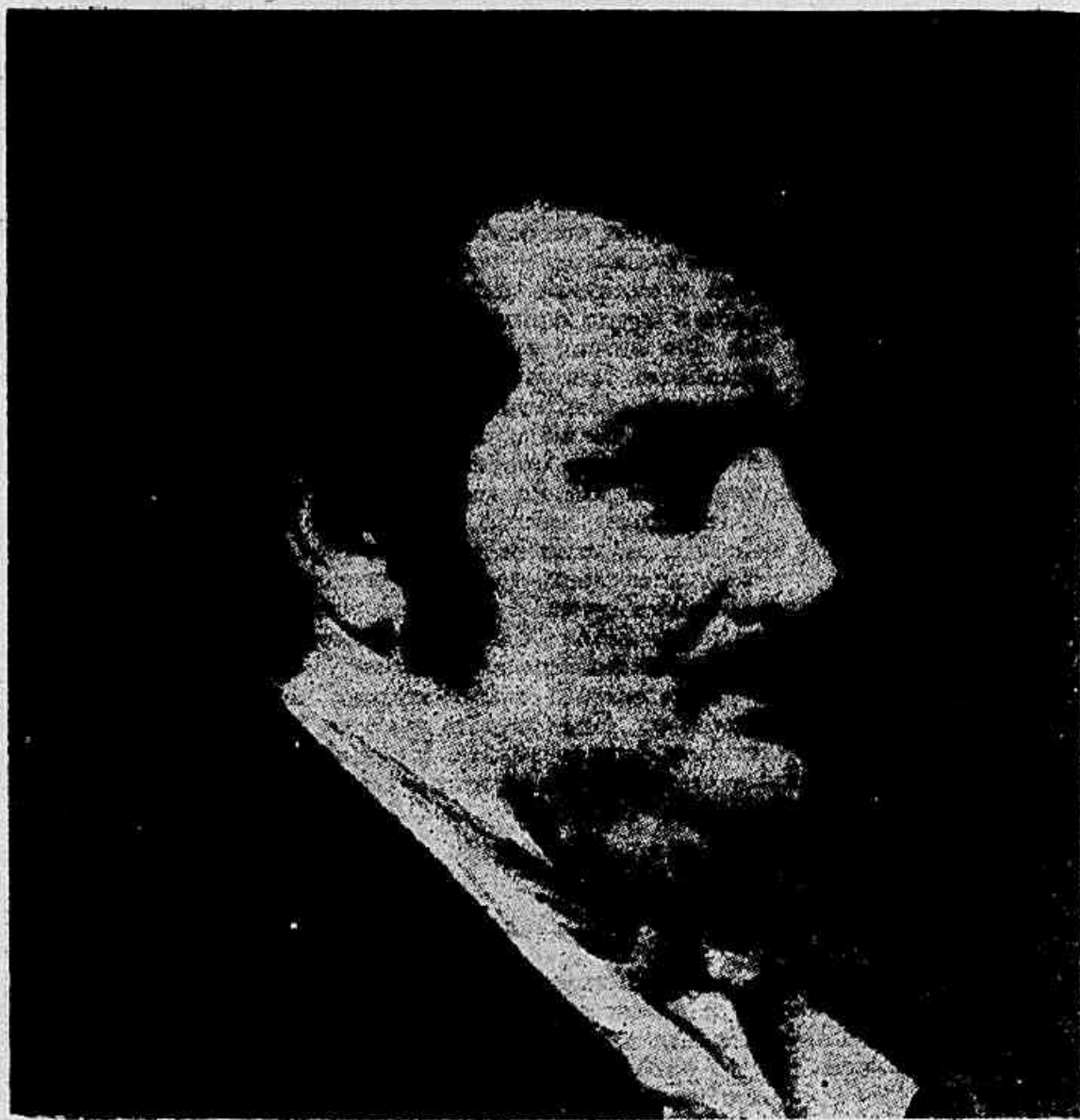
VENTURA GARCÍA CALDERÓN

Não vou comentar mais uma vez, como toda a imprensa literária, uma frase dita meio a sério, meio a riso, que André Therive ouviu de um editor parisiense. O editor era Bernard Grasset, uma das glórias de Paris, de história singular. Com quinhentos francos fundou, há mais de vinte anos, uma casa editorial que, antes da guerra, valia milhões. Seu olfato canino, sua amável petulância, seu amor ao risco haviam de levá-lo longe.

Era um jogador e os novelistas seus cavalos de corridas, seus "poulains", como éle próprio os chamava. Modestamente, pois mais difícil que educar um magnífico potro é, por exemplo, levar a cabo a implantação das vidas noveladas ou impor ao leitor refratário a fama súbita de um novo autor. Este autor pode ser o marinheirinho de água doce que é amigo íntimo de Cocteau ou a judia desconhecida que se torna célebre em vinte e quatro horas: a autora de "David Golder". Também no hipódromo literário, quando se jogam centenas de mil francos a perpétua emoção fatiga o dono da cavalaria. De vez em quando é preciso sequestrá-lo por seis meses num sanatório suburbano para aliviar sua neurastenia aguda. Grasset daí saía bom e sadio, disposto a cortar o rabo a seu cão de luxo, a editar um livro sensacional, ou a rotular uma coleção com o título insolente de "Para me dar prazer", como si o leitor não lhe pagasse por cada exemplar seus quinze francos... Este simpático Grasset de olhos tristes, a quem Balzac teria sem dúvida incluído na Comédia Humana, deu-nos a frase que nos servirá neste artigo para percorrer os prédios da novela francesa, pesquisar seu estado d'alma e prognosticar prudentemente seu futuro.

"Quebrarei as cadeiras da novela!" — disse o Tartarin da edição que pretendia desbaratar em França a literatura de ficção por não achá-la conforme a seu gosto. Sua crítica não carecia de fundamento nem de oportunidade. As vitrinas dos livrinhos estavam cheias de novelas, os jornais anunciavam-nas às dezenas. Mereceriam, porém, tal nome? Eis o que nos resta discutir.

Que é a novela? perguntamo-nos e logo quedamos pensativos. Enciclopédias e dicionários, o defunto senhor Larousse e a Academia de Madrid nos propõem definições que não são desprezíveis, e sim incompletas, como toda definição. "Relato em prosa de aventuras imaginárias, inventadas e combinadas para divertir o leitor," diz o primeiro. "Obra literária em que se narra uma ação fingida no todo ou em parte e cujo



BALZAC. (Retrato do pintor Court)



STENDHAL com o uniforme de consul. (Retrato atribuído ao conde Demidoff.)

Enquanto André Therive quer retornar à novela de ação, em que se observem apenas por transparência os movimentos do aquário mental, o senhor Maurice escrevia ontem: "A verdadeira vida está ausente." Claudel cita esta frase de Rimbaud para vedar aos novelistas que pintem a verdadeira vida. Têm razão: somos os pintores da vida que não é a vida."

Caímos na metafísica. Cabe perguntar que Vida é esta com maiúscula que o novelista digno dêse nome deve retratar. Uma vida filtrada, pasteurizada, deformada num espelho íntimo? Mas também é o caso de averiguar que elementos da realidade deve desprezar ou preferir o narrador si não pretende escrever relatos meramente ilusórios e até que ponto tem direito de inventar almas que não sejam plausíveis, ou personagens excepcionais.

Para tratar de fô em claro algumas verdades aproximadas, comecemos por limitar o campo de visão. Servir-nos-á de atilado guia um excelente livro de Pierre Mille que passou quasi inadvertido na profusa e enlouquecedora selva de livros. Intitula-se "Le Roman Français". Sem dúvida para buscar-lhe entroncamento nos mais notáveis gêneros literários — apesar de no meu sentir a novela ser de origem nitidamente plebeia e picaresca. — Mille pergunta-se a si próprio si a *Iliada* e a *Odisséia* não devem ser classificadas no gênero novelesco. Foi opinião favorita da crítica francesa chamar à novela "epopéia em prosa". Creio de pés juntos que Dante e Milton ganhariam o prêmio de melhor novela de aventuras si apresentassem num concurso "O Inferno" e o "Paraíso Perdido".

Menos fabulosa, menos ilustre origem do gênero constituem aqui "A Princesa de Clèves" e sobretudo essa pitoresca e chocante pintura de "Manon Lescaut" tão moderna na sua liberdade que poderiam tê-la escrito ainda ontem Charles Louis Philippe e Francis Carco. Novela típica dêste país: breve, de estilo rápido, livre e ameníssima.

"Sem mulher e sem amor não ha' novela" — diz Pierre Mille, para negar êsse título às Viagens de Culiver — e esta confissão vai nos esclarecendo o conceito francês da arte de novelar, tão oposto ao inglês e ao russo. Sem nos determos em Rousseau, cuja "Nova Heloisa", ampulosa e lacrimogênea, já quasi ninguém lê, chegamos com Balzac ao centro da cidade, à catedral. Todo seu povo vivido sonhado aí está com seus anjos violentos, suas faces de bestial verdade e suas gárgulas de pesadelo. A' direita, o cândido altar onde reinam as imaculadas imagens de Serafita e do Lírio do

fim é causar prazer estético," opinam os régios tesouros do idioma espanhol, acrescentando novas vacilações íntimas.

São e devem ser imaginárias as aventuras narradas? Quantas gotas de invenção deve conter êsse "cocktail" agri-doce para ser grato ao paladar? Pretende unicamente agradar? Merecem hoje como ontem ser classificadas as novelas com os livros de "vaga e amena literatura", ou pode outorgar-se a seus autores, como a Balzac, o título de super-historiadores de uma época? Devem ser sedentários, como queria Flaubert, afim de bem contar vidas agitadas, ou é melhor que, como os bodes expiatórios dos pecados de Israel, sejam uma espécie de sublimes responsáveis e de mártires da ação — galés, epilépticos — para melhor descrever-nos a alma russa e seguir assim o exemplo de Dostoiévski? Outras tantas perguntas faz-se o crítico a si mesmo, dando a si próprio a evasiva como resposta. O pró e o contra contam com acérrimos partidários.

(Continúa na pág. 14)

EIS O CAMINHO PARA UMA SAÚDE "SUPER"



Mamãe, papai e todos os filhos vão tirar grande proveito de um prato diário da deliciosa aveia Quaker Oats. A aveia Quaker Oats é um cereal de grão integral, três vezes mais rico em Thiamina (vitamina B1), em ferro, fósforo e proteína. Pela sua riqueza em energia alimentícia — nutre, revitaliza e concorre para dar força e saúde. A aveia Quaker Oats não é remédio, mas um alimento delicioso para ser apreciado diariamente por todos.



"SUPER" benéfico

A Aveia Quaker Oats é um dos alimentos mais nutritivos — muito mais nutritivo que o arroz. Suas proteínas desenvolvem os músculos, o fósforo fortalece dentes e ossos, a Thiamina fornece energia e combate a fadiga.

"SUPER" econômico

A Aveia Quaker Oats é um dos alimentos mais econômicos. Prepara-se com facilidade de diversas maneiras. Compre hoje mesmo uma lata de aveia Quaker Oats e comece a gozar melhor saúde.

Há pessoas que às vezes se referem a aveias inferiores, chamando-as imprópriamente de Quaker. Só há uma aveia Quaker — a original e legítima — identificada sempre pelo nome e pela figura do Quaker. Rejeite substitutos.

QUAKER OATS

PREPARADO EXCLUSIVAMENTE PELA QUAKER OATS CO.



A' venda em toda parte

"ALMANAQUE EU SEI TUDO" PARA 1944

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias, inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio; toda a gente, enfim, das cidades e dos campos, terá no "ALMANAQUE EU SEI TUDO" um informante através de leitura agradabilíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "Livro dos mil assuntos", não obstante as dificuldades do momento, oferece aspecto agradável em quase 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

Livros

Madame de Staël — MEMÓRIAS — Rio, 1943.

Este livro é, em todos os sentidos, um grande bluff. Vendo que as *Memórias* propriamente ditas dariam um volume muito reduzido, seus editores artemizaram-lhes, à guisa de prefácio, as *Notas sobre o caráter e a obra literária da senhora de Staël*, da autoria da senhora Necker de Saussure. Esta xaroposa e louvável heira introdutória toma nem mais nem menos que 143 das 334 páginas de que se compõe o volume. Do ponto de vista literário, essa introdução, que por si só daria um volume, nada vale. A descendente da escritora procura, através dos mais enfadonhos lugares comuns, caracterizar-lhe a obra que considera pouco meros que genial. Além de pretenciosa é superficial, abordando os fatos e idéias que descreve com um critério de dona de casa.

Quanto às *Memórias* propriamente ditas têm o inestimável valor de nos revelar até que ponto um grande gênio pode ser incompreendido e depreciado por uma mulher vaidosa e medíocre. As encontramos a figura de um Napoleão deformado, reduzido às proporções de um tiranete ridículo, incapaz de um grande pensamento e de uma obra ação. Não queríamos que Madame de Staël nos legasse uma análise profunda do gênio de Bonaparte. Merikowski, B. Villèle e Ludwig já se encarregaram de o fazer superiormente. Apenas desejáramos que nos desse uma visão exata e imparcial dos acontecimentos, como muitos autores de *Memórias* que escreveram na época fervida e tumultuosa em que o Corso revolveu a Europa. Madame de Staël estava fadada a não compreender Napoleão. Ela pertencia a outro tempo. Era uma figura do "Ancien Régime" e Bonaparte vinha inaugurar uma nova era. Pertencia à classe dos burgueses enobrecidos que jamais entenderia os princípios revolucionários que ele encarnava. Descendente direta daquelas "preciosas" que Mallarmé satirizou, autora de romances sentimentais de sufocante mediocridade, a filha de Necker via em Napoleão, antes de tudo, o homem que não lhe dera a importância de que se julgava merecedora e, além disso, a antítese de sua concepção da vida que não diferia muito da de uma costureira há de seu tempo. Por tudo isso e pela ênfase com que estão escritas, essas *Memórias* são inteiramente inúteis e ignoramos os motivos que levaram a Epasa a traduzi-las.

Heinrich Heine — AMOR, SUPREMO AMOR — Rio, 1943.

Heine foi um dos maiores líricos de todos os tempos. Seu lirismo transborda-lhe da alma a todo momento com a espontaneidade de uma fonte cantante. E' lírico até fazendo prosa, até fazendo filosofia. Sua pena só encontra uma que se lhe compare em leveza: a de Voltaire. Como é te posue a ironia sutil, a maneira incerta de exprimir idéias venenosas, a facilidade de transformar a mais densa metáfora numa bôlha de sabão. Voltaire, porém, no qual a razão e a análise primavam, estava longe de possuir seu poder imaginativo. e seu senso poético.

A imaginação de Heine não é propriamente germânica; é nórdica. Vibra intensamente ao contacto da natureza que lhe revela seus mais íntimos segredos. Para ele a quietude dos lagos, onde se refletem as línguas geladas, os regatos que se ocultam humildemente na calma verde dos prados para entoar seu canto de graças, a brisa que agita os heráldicos pinheiros, — tudo isso tem uma significação especial, uma ressonância afetiva que ele procura cantar. Em Voltaire a ironia matou o poeta embriagado. Em Heine o poeta de alto lirismo e o ironista impreciso se harmonizam num equilíbrio jamais alcançado. Prova-o esse *Intermezzo* que podemos classificar de A B C do lirismo universal, onde os poetas de todas as latitudes vieram buscar inspiração. Ali encontramos a imagem mais perfeita e harmoniosa do gênio de Heine. Há de tudo nesses poemas breves: o canto da paixão mais ardente, o amor da reflexão filosófica desiludida, as mais belas descrições da natureza e uma fantástica irreverência que não respeita as imitações do real.

A *Impressões de Viagem*, *O Tambor Legendado* e as demais composições que o editor Vecchi reuniu neste volume, traduzido por Edison Carneiro, demonstram o espírito amargo e travesso de Heine, cujo predomínio máximo era a irreverência. O poeta a *Alta Trill* e *Germania*, pelo seu caráter eminentemente satírico e quase parafletário são mais difíceis de ser apreciadas por nosso público. Suas alusões mais ou menos obscuras careceriam de notas explicativas para ser bem compreendidas. De qualquer modo louvamos o editor que nos prestou o benefício de revelar Heine numa tradução bem cuidada, coisa rara nos dias que correm.

Guy de Maupassant — BEL-AMI — S. Paulo, 1943

Os romances de Maupassant nada mais são muitas vezes que cortos desenvolvidos. O artista extraordinário que sabia condensar em poucas linhas a história de uma paixão, o trágico e o ridículo das almas humanas, o detalhe psicológico revelador, unido tudo solidamente pelo fio do enredo que deflagra na catástrofe final, decepção ou um pouco em seus romances. Nêstes não encontramos o vigor conciso, a estética impecável e cruel de *Bola de Sebo*, de *Miss Harriet* e a alucinante realidade de *Le Horla*. Embora Maupassant transpor para seus romances a mesma acuidade de observação, o mesmo rigor do detalhe que nos atraiem nos cortos, sentimos-nos algo fatiados pela sua preocupação — comum a todos os naturalistas — do fato mórbido, do caráter vil e sem escrúpulos, que se transformam em verdadeira obsessão nos últimos anos, quando já surgiam os primeiros sintomas do mal que o levaria à loucura e ao túmulo. Esse pessimismo sem horizonte, que não era um mero produto da razão desesperada, mas que nascia de vicissitudes orgânicas e tinha raízes na carne torturada do escritor, é um dos característicos de *Bel-Ami* que bem poderia chamar-se a história de um canalha. Duroy é um homem que sobe pela falta de escrúpulos, usando seu poder de sedução sobre as mulheres alheias. O sexo foi um dos grandes temas de Maupassant, em toda a sua obra. E' o próprio drama pessoal que ele transcreve em seus livros, fazendo desse modo uma auto-confissão. *Bel-Ami* está impregnado de sexo e também da obsessão da morte. A descrição da agonia de Forestier é uma das páginas mais fortes que brotaram da pena de Maupassant, e culmina no instante em que os dois cúmplices veem crescer a barba sobre o rosto do morto. "En-

Novos

tão, tendo olhado o cadáver, Duoy estremeceu e gritou: — Chl sua barbal! — Ela havia crescido em algumas horas sobre a face que se decompunha, como cresceria em alguns dias sobre a face de um vivo. E ficaram assustados com a vida que continuava sobre o morto, como diante de um prodígio horroroso, diante de uma ameaça sobrenatural de ressurreição, diante de uma dessas coisas anormais, medonhas, que transtornam e confundem a inteligência.

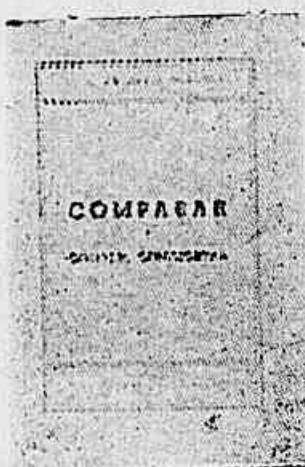
Este período é de mestre e basta-nos a explicar a imortalidade do homem doente e angustiado que o escreveu.

Capitão de Mar e Guerra Lucas Alexandre Boiteux. — MARINHA IMPERIAL VERSUS CABANAGEM. — Ministério da Marinha. — Rio, 1943.



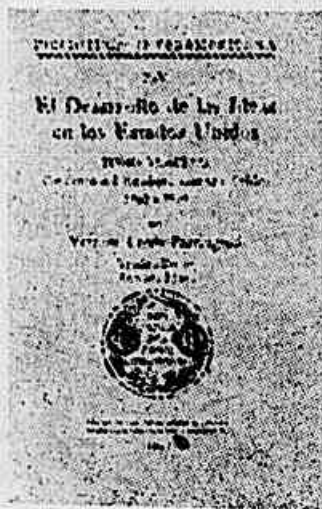
Num denso volume de cerca de 400 páginas o Capitão de Mar e Guerra Lucas Alexandre Boiteux estuda um dos episódios mais tormentosos de nossa vida nacional, elucidando a destacada ação que nele teve a marinha imperial. O livro nos dá uma visão completa do clima político e social que favoreceu a Cabanagem. Seu autor fez uma obra séria e minuciosa, pesquisando a origem do movimento e a maneira como o Império o enfrentou e o sufocou. Nessa obra encontramos a mesma escrupulosidade honesta, o mesmo amor aos fatos de nosso passado que seu autor patenteia em todas as suas produções. A obra, muito bem impressa, encerra, além de inúmeras reproduções fotográficas, mapas minuciosos que muito favorecem a compreensão do sangrento motim e de sua repressão. É um volume que, por certo, terá lugar destacado na bibliografia da Cabanagem.

O. G. da Costa Miranda — COMPARAR É COTEJAR, CONFRONTAR.



Dir-se-ia que o sr. Costa Miranda escreveu uma obra de filosofia, onde discute o significado real do verbo *comparar*. Felizmente não se trata disso. A obra é uma reunião de ensaios discursivos e conferências versando problemas brasileiros. É verdade que o trabalho não rimou pela unidade. O sr. Costa Miranda deixou no livro um ensaio sobre *A Capital do Brasil*, outro sobre *o Valor do Gráfico*, estudando ainda *O Problema da Mecanização*, *O Amor ao Solo Pátrio*, as *Concentrações Populacionais* e outros assuntos não menos transcendentes. Em alguns desses trabalhos que não são destituídos de mérito — como no último que citamos, há um certo abuso de citações. Gostaríamos que o autor deixasse falar a sua própria personalidade de observador e estudioso dos nossos problemas econômicos e sociais. Compreendemos que sua modestia o iniba de falar na primeira pessoa, mas estamos certos de que disso adviria lucro para os verdadeiros estudiosos da matéria, que infelizmente, ainda são bem poucos entre nós.

EL DESARROLLO DE LAS IDEAS EN LOS ESTADOS UNIDOS — Vernon Luis Parrington — Lancaster Press. E. U. A. — 1943.



Chega-nos mais um volume entre os muitos que compõem a série sob o título "Biblioteca Interamericana". É o tomo 3.º de "El desarrollo de las ideas en los Estados Unidos" pelo Sr. Vernon Luis Parrington, vertido para o castelhano pelo Sr. Antonio Llano.

Diga-se de passagem que a "Biblioteca Interamericana", é uma criação da "Delegação Carnegie para a Paz Internacional", biblioteca que se destina à difusão das ideias entre os povos do Novo Mundo, mediante a tradução e publicação de obras importantes que expressam as ideias e os sentimentos das nações.

O autor em causa dá a esse 3.º volume o sub-título correspondente à matéria que se contém nas suas 550 páginas, isto é, "Comienso del Realismo Literario Critico, de 1860 a 1920". Porque o 1.º volume tratou de "Las ideas coloniales", de 1620 a 1860 e o 2.º tomo estudou "La Revolución Romántica" de 1860 a 1890.

A obra, como se vê pelos títulos dos tomos em que se divide, é importantíssima e constitui precioso elemento para quantos pretendam conhecer a evolução dos Estados Unidos na América do Norte.

Pena é que a morte havia colhido o professor Vernon Luis Parrington, em Junho de 1929, quando não tinha concluída a sua preciosa tarefa. É esta a razão pela qual o 3.º tomo — ainda bem que de qualquer modo seria este o último — é constituído pelo esboço que o ilustre mestre deixava pronto ao lado de alguns capítulos, os quais, reunidos inteligentemente pelo editor a trabalhos esparços que o autor deixara, compõem o livro.

"ESQUIZOFRENIA E GLANDULAS ENDOCRINAS"

É esse o título de uma separata de Adalberto de Lira Cavalcanti, publicação da Revista "O Hospit. J".

Ainda que não tivesse publicado muitos outros trabalhos literários e científicos, a apresentação ao público do ex-diretor do Hospital de Alienados e professor substituto de clínica psiquiátrica da Faculdade de Medicina de Recife seria fácil aos que admiram esse habil manejador da pena, cujo espírito sutil sempre se tem manifestado nas letras de maneiras várias através de obras científicas e de ficção.

Nome conhecido nas redações científicas e literárias, dá ele muitas vezes ensejo de se lhe apreciar o vigor do intelecto. Como os outros labores de Lira Cavalcanti, este recente trabalho há de ser lido com bastante agrado, pois vem dar certo relevo e, sobretudo uma orientação nova, ainda não explanada nos meios científicos: novos rumos para o tratamento da esquizofrenia, novas armas para o combate de uma das mais difíceis doenças.

ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



PRINCIPE DE GALES
UM PRODUTO COSTA PENNA

Sã MATERNIDADE
CONSELHOS E SUGESTÕES PARA FUTURAS MÃES
Prof. ARNALDO DE MORAES
3.ª EDIÇÃO
PREÇO: Cr\$ 15,00
Pedidos à LIVRARIA F. ALVES — Rua OUVIDOR, 166

Rotenol

A base de óleos balsâmicos e plantas germicidas da Amazonia, contém os elementos naturais de que a epiderme necessita para a conservação de sua beleza.

NÃO HA MELHOR SABONETE SEJA QUAL FÔR O PREÇO



PERFUMAM OS MAIS BELOS PENTEADOS!

A VENDA EM TODO O BRASIL

Rumos da novela

Continuação da pág. 11)

Vale a cada passo nos telhados essa esfinge de garras contemporâneas que se chama na obra imortal Madame Marneffe. O equilíbrio do real e do imaginativo parece difícil mas tão perdurável como os próprios arcobotantes. Que predomina na vastíssima fábrica? Como se operou a conjunção de tantas coisas? Sem esquecer que Balzac era homem feito em 1830, isto é em pleno romantismo, Pierre Mille diz ter comprovado a obediência de suas descrições seguindo o mesmo itinerário da novela "O Último Chuan". Crêmo-lo sem dificuldade. O exagô balzaqueano, si o houve, foi desjo de estilizar tipos humanos: afan de lógica, necessidade de explicar-nos um caráter sem deixar sombra nem recanto obscurecido. Nisso estriba também a grandeza da escola francesa e seu calcanhar de Aquiles. Os discípulos de Dostoiévski dir-vos-ão que nem tudo se pode explicar, que há sempre na alma humana uma vastíssima e erigida "no man's land"; que, nos retratos incoerentes, difusos e minuciosos soi delinear-se melhor um personagem que na sutil simetria de um arquiteto francês. Para a simetria da novela, para que seja apreciada pelos latinos, é preciso podar as intermináveis análises de um caráter, as discussões dos personagens sobre temas alheios à ação, tudo que entorpece a vivacidade seca do relato, e isto o compreenderam tão bem os primeiros tradutores franceses do mestre russo que suprimiram um bom terço de "Crime e Castigo" e de "O Idiota". Tiveram razão? Não julgamos, apenas referimos.

Continuemos este passeio panorâmico. Stendhal, ignorado e vilipendiado por seus contemporâneos, já não parece tão distante de Balzac. Um e outro criaram a novela da energia francesa e não é pa adoxo afirmar que essa alma condenada de Napoleão,



BALZAC passando em revista seus personagens. Caricatura da época do apogeu do grande escritor.

ídolo de ambos, foi o precursor do relato de aventuras. Quando se escrever a história da inquietação contemporânea, filha do famoso "mal do século", poderão buscar-se em Stendhal e Balzac os paradigmas dessa inquietude. Compreenderam estes que a novela viável deve nutrir-se de ação, de movimento, de choque de almas. Exageraram? Talvez.

Estamos já no ano de 1895. Parecia presunçoso e revolucionário o projeto de Edmundo de Concourt que declarava então: "As novelas de meu irmão e as minhas procuraram antes de tudo matar a aventura na novela." Retenhamos estas palavras que recordam a "boutade" de Grasset. O menos lido, o menos popular dos membros da escola naturalista achava uma fórmula pitoresca e perigosa em que ia plasmar-se o futuro literário. Sua fórmula pode aplicar-se à coorte de escritores intelectualizados de ontem e de hoje que condenam não só a aventura como a imaginação. Desde fins do século passado a novela parece desviar-se de seu caminho natural, não sem que saudemos de passagem exceções esplêndidas. Foi sucessivamente documentária com Zola, erudita com Anatole France, psicológica com Paul Bourget, doutrinária com Maurice Barrés egoísta e esquisitamente monócorda com Pierre Loti, casuística e prolixa com André Gide, o mestre desconcertante que veio da história da vida interior ou do encrespamento de uma alma jansenista — recordai o milagre da "Porta Estreita" — até a novela folhetinesca de acento russo. (Não esqueçamos que seu tardio mestre, Dostoiévski, era leitor assíduo de Eugene Sue).

A tudo se chamou novela, tanto à análise espectral de uma alma em trezentas páginas como aos magistrais relatos de viagem, exemplo "Fantasma do Oriente" e o "Lírio Vermelho", e com esse nome amparou Maurice Barrés a exaltação de seu lirismo hebraico quando se foi a Toledo pintar ruínas e torrentes, paisagem favorita de seu romantismo intelectualizado.

Impossível enumerar sequer nas estreitas linhas de um artigo, os grandes nomes da atual novela francesa, herdeira, mais que de Stendhal e Balzac, dos predecessores imediatos como Proust e Gide. Ao citar um livro inquietante de Emanuel Berl, Mille reproduz a acusação do autor à novela contemporânea. Segundo Berl, os escritores novos detestam "as paixões e em particular o amor, rebelde por natureza a toda disciplina e que rapidamente decomporia o mundo de títeres que aqueles fabricam." O mal e a decadência — continua dizendo — provêm do triunfo da burguezia inimiga do heroísmo, da burguezia que tudo diminuiu e aviltou. "As novelas modernas são valises vazias."

Nem paixão, nem vidas patéticas, nem reflexo da realidade achamos a miude na novela atual, e sim um mundo doentio, um tanto grisáceo, voluntariamente nublado por homens muito inteligentes, mas muito pouco sensitivos. Nunca o autor procura tornar-se independente de seus personagens, aspirar à famosa impessoalidade do relato que tantas obras primas produziu. Dir-se-ia que procura o mínimo de acontecimentos exteriores. Nada lhe interessa senão o próprio caso sem sequer colocar-se em cena com o descaso e a energia de Stendhal.

Não é Pierre Mille o único observador que acusa a decadência do gênero novelesco em França. "A novela agoniza", escrevia o poeta do "Angelus". Francis Jammes e o eminente crítico André Billy perguntava-se há pouco si em 1960 ainda se escreveriam novelas. O novelista atual parece afastar-se da grande tradição sem inovar esplendidamente outra. Clamamos por um Balzac, ou pelo menos, por um Daudet e um Maupassant. Acontece aqui algo semelhante ao que aconteceu à pintura: nos grandes séculos foi moral, amplíssima, pronta a abarcar em seus afrescos a paixão e a có do mundo, até que começou o receio do que se chamou a anedota, o episódico, o pitoresco. Seu "naturalismo", o de Cézanne — coincidiu estranhamente com a mingua de seus antigos recursos, com um plebeísmo triste. Já o pintor nunca evoca a amplitude do panorama vital. Em seus quadros não há lugar para todos os homens de gola rendada que assistem ao enterro do conde de Orgaz, ou para a corte celestial que gravita sobre um quadro de El Greco. Nem se admitem os ademanos violentos, a animação e o exotismo de uma certa "barbaresca" do romântico Delacroix. Fazem-se raras na palheta as cores plenas e antiquíssimas: o vermelho veneziano, o anil do céu oriental, o subiro verde que acode ao pincel do Greco como um remorso, um hálito de juventude. O pintor — poderíamos dizer o novelista — é um homem linfático, minucioso e timorato que só pinta bustos, um homem muito inteligente (demasiado inteligente) que de costas à cálida vida esboça num cinza enfumado perfis de almas larvárias, deixando a aventura aos mestres da reportagem, às gestas fortes e heroicas, aos autores de vidas noveladas e o revolver aos folhetinistas...

E' preciso lutar pelos direitos da "novela novelesca" que se sustentava com multiplicidade de personagens e aventuras esgotando toda a palheta vital como em Balzac. O já citado crítico André Billy surpreende-se ao ver a pobreza da novela contemporânea e a dramática abundância que nos rodeia. "Censura-se aos nossos novelistas — dizia ultimamente — que não saibam olhar a seu redor, que fechem os olhos ao grande drama de sua época." Billy supõe que nossa era marcha tão depressa que tudo envelhece demasiado rapidamente e o narrador é como o fotógrafo do autódromo que não consegue reter em seus instantâneos a fuga vertiginosa de um "bólide".

Paradoxal maneira de desculpar uma idade comercializada em que o escritor não tem a paciência antiga nem esperaria sete anos em seu escritório, como Flaubert, para retocar a obra-prima. Deve entregar, de acordo com seu contrato, uma novela por ano. E precisamente um dos grandes culpados desta superprodução é o Senhor Grasset que se queixava da novela decadente.

A novela francesa, porém, não agoniza, como pretende o velho poeta. O após-guerra serviu-lhe de trampolim, como a Balzac as ruínas napoleônicas e a "Novela novelesca" retorna com paixão, sutil amálgama de poesia e realidade que originou a antiga definição, mutilada, mas plausível: "A história é a novela do que foi; a novela é a história do que podia ser."

Está á Venda em toda a parte o ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1944

Circula em todo o país desde princípios de Dezembro último a grande edição do ALMANAQUE EU SEI TUDO para 1944.

Calendário e informações completas sobre o novo ano, de interesse geral, veem ao lado de outras matérias inclusive conselhos práticos, notas úteis, etc.

Assuntos históricos, religiosos, novidades científicas, contos de aventura e sentimentais tomam muitas páginas do precioso livro.

Os agricultores, os militares, os aeronautas, os banqueiros, os militares de terra e mar, os bancários, os turistas, os amadores de rádio, toda a gente enfim, das cidades e dos campos, terá no ALMANAQUE EU SEI TUDO um informante através de leitura agradávelíssima.

Trabalho feito para o homem e para a mulher, o "LIVRO DOS MIL ASSUNTOS", não obstante as dificuldades do momento, oferecerá aspecto agradável em quase 300 páginas, muitas das quais primorosamente coloridas.

Poderá ser procurado em todas as livrarias e pontos de jornais do Brasil, ao preço único de Cr\$ 8,00 por exemplar.

Pedidos por via postal pelo serviço de reembolso ou mediante vale do Correio à COMPANHIA EDITORA AMERICANA, Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

O ARRIEIRO

Conto de

HERMAN LIMA

— Foi na seca de 1919, que eu passei toda ao sertão cearense, na construção de uma rodovia de Aracati a Quixadá, começou o engenheiro Norberto Sales, naquela roda de passageiros formada no bar do Itanaque, em plena viagem da Bahia ao Rio.

A obra ia já em três ou quatro meses de trabalho, através das varzeas de canaúbas e dos taboleiros escaldantes na outra margem do Jaguaribe, em frente à cidade velha.

Serviço duro, aquele, dias e dias no campo, ao sol, dentro do inferno da luz implacável e do calor de fornalha, medindo tarefas, retificando traçadas e fiscalizando construções, isso tudo a pé, acima e abaixo, no abrigo único do chapéu de palha de canaúba, que nos impedia apenas a combustão da cara.

Apesar de tudo a estrada seguia celere, por cortes e aterros, lanhando a terra adulta, rumo ao sertão para onde ia também a saudade cansada dos quinhentos homens que a seca expulsara dos ranchinhos felizes lá de longe.

Como tivéssemos necessidade de muita pedra para as obras de arte, numerosas pontes e varios drenos, uma turma de cavouqueiros trabalhava sem cessar, às ordens do Mariano, cabra do Cariri, de cara fôca e modos tórvos, olhos injetados, trunfa caída sobre a testa, a dentuço à mostra no prognatismo feroz, corpanzil ereto e longo, com a musculatura enxuta do mesmo do Norte — e um formidável, um estupendo punhal de três palmos quasi de comprido, enfiado na cinta a toda hora.

Essa turma da pedreira tornou-se logo celebre na zona. Ao passo que os outros "cassacos" arrancados em barracas à margem da "lilha" não davam motivo a uma queixa sequer, enchendo as horas de folga em cantorias nostálgicas, no pontear dos violões ou remoendo as harmonicas — o grupo do Mariano em breve era o alvoroço da povoação vizinha, onde aos sábados, após o pagamento semanal, se reuniam todos numa jogatina desafiadora, puxada a muito cachaca. Pois no melhor das paradas, lá um deles, por um nada qualquer, rompia a discussão. Choviam desaforos, insultos bravos, desafios tremendos — fúrias luziam, faziam garruchas, as cartas de jogo e as notas de dinheiro ficavam na mesa cravadas a punhal, para a queixa inevitável ao delegado no dia seguinte, visita desse ao engenheiro-chefe, o diabo em suma, invariavelmente.

Eu antipatizara logo, solenemente, com o leitor lombrosiano, e não perdia ocasião de demonstrá-lo. Mas o administrador, ao contrário, sempre achava jeito de gabá-lo pela disciplina da tropa no serviço, o máximo de rendimento que ela dava, e o respeito com que, nas horas de trabalho acatava as ordens superiores.

— "Homem de confiança está ali" — dizia sempre como remate, convencido.

Foi quando uma ordem da Inspetoria de Secas me obrigou a uma viagem precipitada à capital. Tratava-se de uma variação do projeto, a ser talvez aproveitada, para economia grande da obra. Do mesmo passo, eu deveria também — e essa era a parte seria da empreitada — trazer cem contos de réis para as despesas da construção.

Have, do somente vapor uma vez por mês, — e o último passara já dois dias antes — o recurso era mesmo viajar a cavalo, por estrada êrmas de leguas e leguas, o que não constituia perspectiva risonha, pelo contratempo do dinheiro, principalmente.

Necessitava, portanto, um camarada de confiança, para me acompanhar. Pedi-o com urgência ao administrador por estar mais ao par dos seus homens. Mas, daí, a uma hora, estando eu aos preparativos da bagagem, entrou-me pelo quarto, com a apresentação do chefe, o Mariano, da pedreira.

Não pude recusar o meu aborrecimento, o meu susto é melhor dizer, quando aquele estafermo comorido e seco me estendeu o bilhete do outro, anunciando a pessoa que eu precisava.

Estive a devolvê-lo na mesma hora, mas sempre me contive, e, ordenando-lhe que voltasse depois do almoço, aguardei furioso o regresso do administrador para romper com ele pelo estorvo que me reservara.

Num grande riso, porém, de inteira segurança, o rapaz me afiançou o que repetia sempre: podia eu ficar tranquilo, que ele se responsabilizava.

Em vão procurei mostrar-lhe a loucura daquela coisa, que nada de concreto baseava. Depois que vili a responsabilidade dele, se eu tomasse um tiro, ou uma paulada assassina pelo caminho?

O homem, aí, se fez solene e ofendido, mostrando a injustiça das minhas palavras.



EUCLIDES
B. SANTOS

Ele não era criança, para me expor assim. Além disso, era meu amigo, ou pelo menos se prezava de sê-lo. E, se não livrava as mãos do caso, deixando-me a escolha do arriero, era justamente para evitar que eu me arrependesse depois. Com tão profundo acento de sinceridade falou, que me caí, afinal, rendido, inteiramente.

Foi contudo num estado de espírito lamentável que eu partí, acolitado pelo ferrabraz, com o punhal temeroso arrependendo o paletó, como um sabre, e um rifle, ainda por cima, a tiracolo. O tipo completo do jagunço, creiam.

Só uma coisa me consolava um pouco, era o sigilo absoluto que se fizera sobre o negócio do dinheiro, pois só o engenheiro-chefe, o administrador e eu conhecíamos o fim verdadeiro da minha viagem. Dizia-se que era por causa do serviço, apenas, ou pelo menos era o que eu pensava.

A viagem de ida se fez sem incidentes. Monotona somente, horrivelmente monotona, horas e horas leguas e leguas sem fim, pela estrada do telegrafo todo o tempo, e aquela faixa branca de areia polida fugindo sob o passo da montaria, o calor da fogueira universal esbraseando a paisagem de redor, o horizonte, cefe, vendo, e o céu e a terra, tudo envolto no mesmo turbilhão de labaredas invisíveis. Viagem de etapas ferozes, desde o romper da madrugada até a noite cair de todo, com o intervalo do almoço ao

(CONTINUA NA PAG. 30)

*Sempre em 1ª Edição!
A Casa Lú apresenta o que
há de mais fino e moderno
para a Mulher*



VESTIDOS
CHAPÉOS
COSTUMES
"LINGERIE"
"SPORT" e
PRAIA
BOLSAS
LUVAS
MEIAS
"BIJOUTERIE"

Casa Lú
Modas

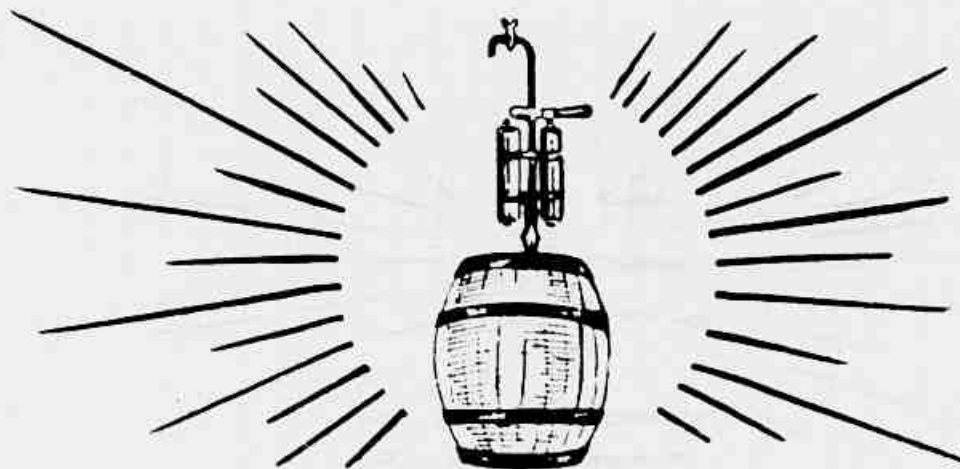
ASSEMBLÉA Esq. GONÇALVES DIAS

ANIVERSARIO?
o fereça
CHOPP!



...e terá alegria em casa!

O chopp ANTARCTICA é e será
sempre a bebida predileta nas festas,
por suas qualidades de frescura e leveza.



NÃO SENDO DE BARRIL, NÃO É CHOPP!

UM PRODUTO
ANTARCTICA

DOS ESTADOS



Paraíba

Flagrantes apanhados em João Pessoa, em 15 de Dezembro proximo passado por ocasião da entrega de diplomas aos alunos que concluíram o Curso Ginásial no "Girásio Nossa Senhora das Mercês" naquela Capital. Foi paraninfo da turma o dr. Oswaldo Trigueiro, advogado no Distrito Federal, que na solenidade proferiu brilhante oração.



São Paulo

Flagrantes da distribuição de brinquedos na Legião Brasileira de Assistência em Dezembro ultimo; a seguir flagrante colhido no "Bazar de Caridade" da Clínica Infantil Ipiranga.

PARATODOS

**LINDA
e
SAUDAVEL!**

porque ela não **ESCONDE** os defeitos da sua cutis, mas **CORRIGE-OS** com o

OLEO de VIOLETAS
de Mme. GRAÇA

que não é uma "máscara" para a mulher, mas um produto que tonifica e refresca a cutis, dando-lhe uma impressão **LINDA E SAUDAVEL!**

Experimente também —

CREME ANTI-RUGAS, contra a flacidez dos músculos
LOÇÃO ACNÉA, para espinhas e cravos.
BALSAMO BRANCO, para clarear a pele.

CATÁLOGO GRATIS PELO CORREIO RUA DA ALFÂNDEGA, 181 - RIO

DISTRIBUIDORES: ESPAÑA PARAMÉS & IRMÃO

O REI E A RAINHA DO CINEMA EM 1942

Duas tricromias de Greer Garson e James Cagney eleitos pela Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood, além de 14 contos ilustrados (policiais e de amor), calendários, informações sobre o ano novo, conselhos práticos de interesse para a mulher e para o homem — na grande edição do

ALMANAQUE EU SEU TUDO PARA 1944

Preço: oito cruzeiros em todo o Brasil — Pedidos mediante vale postal ou pelo reembolso à

COMPANHIA EDITORA AMERICANA
MARANGUAPE, 15 — RIO.

Quando fôr a São Paulo

... não deixe V.S. de incluir em seu programma de passeios ou digressões uma visita aos

Maiores Estabelecimentos de Modas do Brasil

• Restaurante • Salão de Chá • American Bar (4a. sobreloja)

CASA ANGLO BRASILEIRA

Succedida de **MAPPIN STORES**
D. RAMOS DE AZEVEDO - S. PAULO

O PRESIDENTE DA REPUBLICA



O general Horta Barbosa saudando o Chefe da Nação.

Entusiástica manifestação promovida pelo operariado de São Bernardo ao Presidente Vargas, quando S. Excia. visitava aquele bairro paulista.



EM SÃO PAULO



O Presidente Getúlio Vargas à porta da Feira Nacional de Indústrias.

Fértil em benefícios para a terra baudeirante foi a visita que recentemente lhe fez o Presidente Getúlio Vargas, durante a qual recebeu S. Excia. as mais carinhosas manifestações de simpatia e apoio, não só das classes conservadoras, como também do operariado da Paulicéia. Foram dias de grandes festividades cívicas na Capital Paulista aqueles em que o Primeiro Magistrado da Nação ali permaneceu, convivendo de perto com o seu povo, estudando as suas necessidades e resolvendo os seus problemas. A instalação do Serviço de Assistência aos Trabalhadores Intelectuais é uma afir-



O Chefe da Nação pronunciando o seu discurso de agradecimento no banquete que lhe foi oferecido pelas classes agrárias de São Paulo.



mação insofismável de quanto foi profícua a visita do Chefe da Nação a São Paulo.

Nesta página estampamos alguns aspectos das manifestações prestadas pelos paulistas ao Presidente Getúlio Vargas.

Instantâneo do banquete de recepção do Governo Paulista ao Presidente Getúlio Vargas, quando o Chefe da Nação pronunciava o seu vibrante discurso.

O Chefe da Nação ao entrar no Banco Nacional da Cidade de São Paulo é calorosamente aplaudido pelos funcionários do estabelecimento.

Quando de sua visita a São Paulo, teve o Presidente Getúlio Vargas ocasião de percorrer as dependências da matriz do Banco Nacional da Cidade de São Paulo, onde lhe foi prestada significativa homenagem pela Diretoria daquele estabelecimento de crédito.

A porta da famosa casa de crédito, o Chefe da Nação, o Interventor Fernando Costa e demais membros da comitiva foram recebidos por uma comissão de diretores, composta dos Srs. Rafael Mayer, Carlos Teixeira Junior e Achilles Lima.



VISITA AO BANCO NACIONAL DA CIDADE DE S. PAULO



O general Firmino Paim Filho, Vice-Presidente do Banco Nacional da Cidade de São Paulo, troca um brinde cordial com o Chefe da Nação.

Passou então S. Excia. ao interior do prédio, onde os funcionários lhe abriram alas, aclamando-o entusiasmamente.

Servida uma taça de "champagne" aos presentes, usou da palavra o general Firmino Paim Filho, exaltando a obra meritoria do Presidente Vargas a bem da economia nacional.

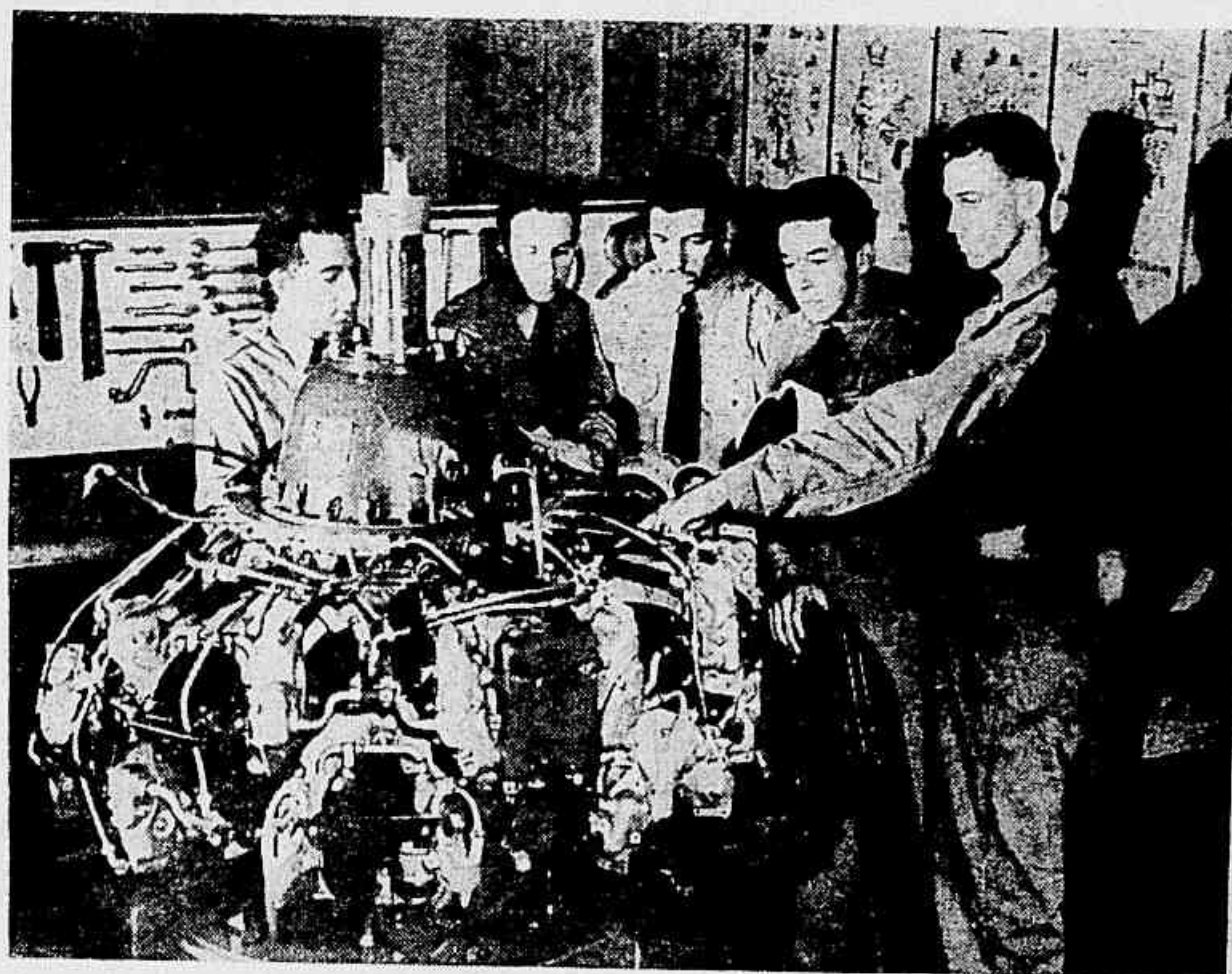
O Presidente agradeceu em rápida e expressiva oração.

A seguir, S. Excia. recebeu das mãos do Sr. Rafael Mayer, presidente da Instituição de crédito visitada, um cheque de cem mil cruzeiros, cujo valor será aplicado em obras de assistência social.

Flagrante da homenagem ao Presidente Vargas, quando o general Firmino Paim Filho saudava S. Excia.



Cadetes Brasileiros nos Estados Unidos



A gravura mostra os cadetes brasileiros Evaldo Maia Sussekind, do Rio, Newton Machado, de São Paulo, e Abraão Friedman, do Rio, acompanhados de seu colega americano Jack Shy, quando procuravam aprender alguma coisa do intrincado mecanismo do motor de um gigantesco bombardeiro norte-americano.



Na sala de estudo da Escola de Instrução Aeronáutica de Yale, os cadetes brasileiros aproveitam os momentos de repouso entre as aulas para uma leitura recreativa. Aparecem na gravura os cadetes Milton Zameng, Olavo Werneck e Newton Machado, os dois primeiros do Rio de Janeiro.

A entrada do Brasil como participante ativo na conflagração mundial, ao lado das Nações que defendem os princípios da justiça e da liberdade, contra as ideologias funambulescas dos países do Eixo, vem exigir dos nossos jovens, a par da fibra e da coragem que, estamos certos, eles possuem, o preparo físico e técnico indispensáveis na guerra moderna.

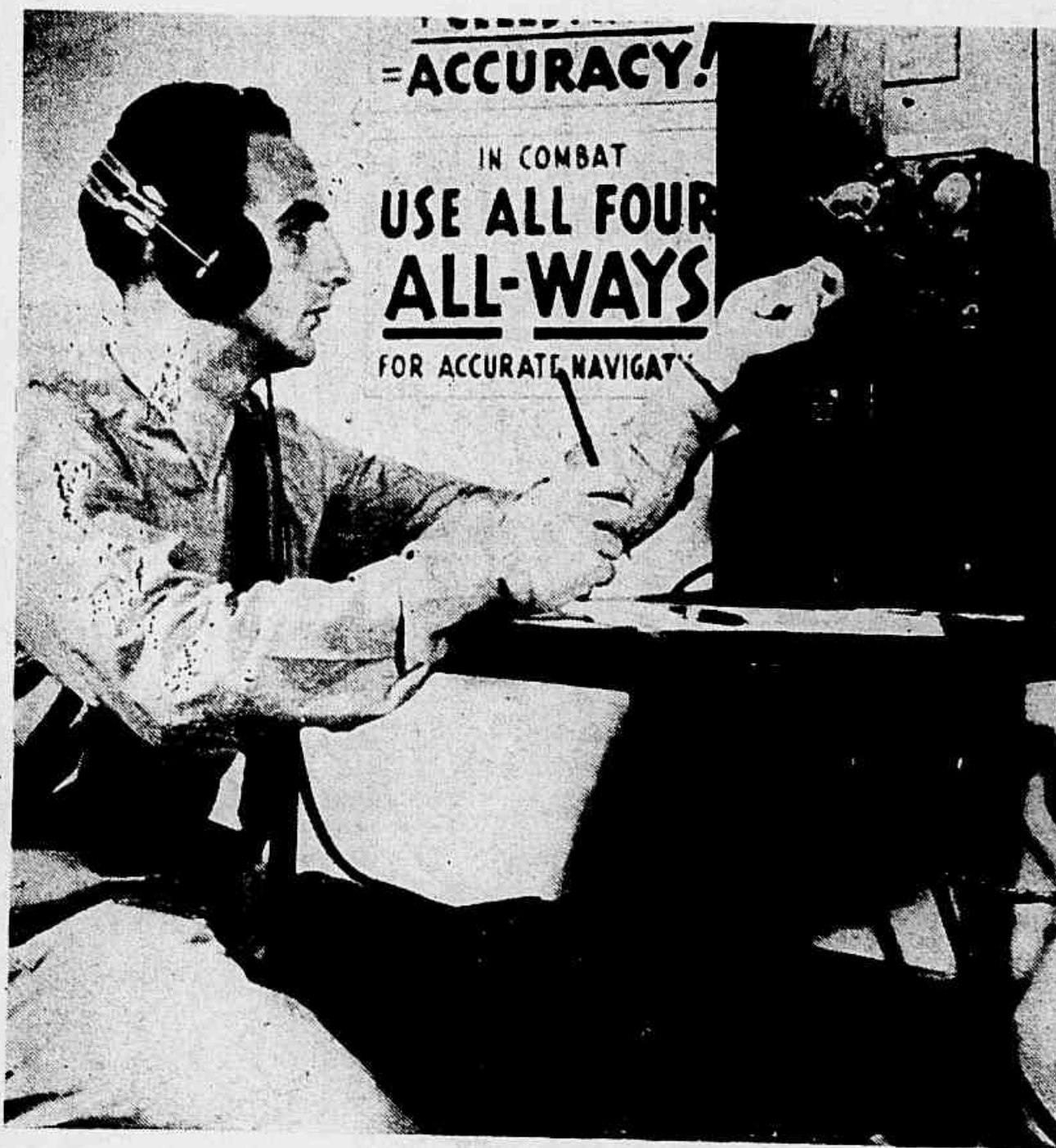
A velha concepção do "dividere et imperare", a todos os que pretendem exercer domínio da força, redundou num completo fracasso esbarrando com o espírito de cooperação das Nações Unidas.

Diante do período comum que ameaçava toda a humanidade, os cidadãos livres do mundo inteiro empunharam a mesma bandeira e abraçaram o mesmo ideal em de-

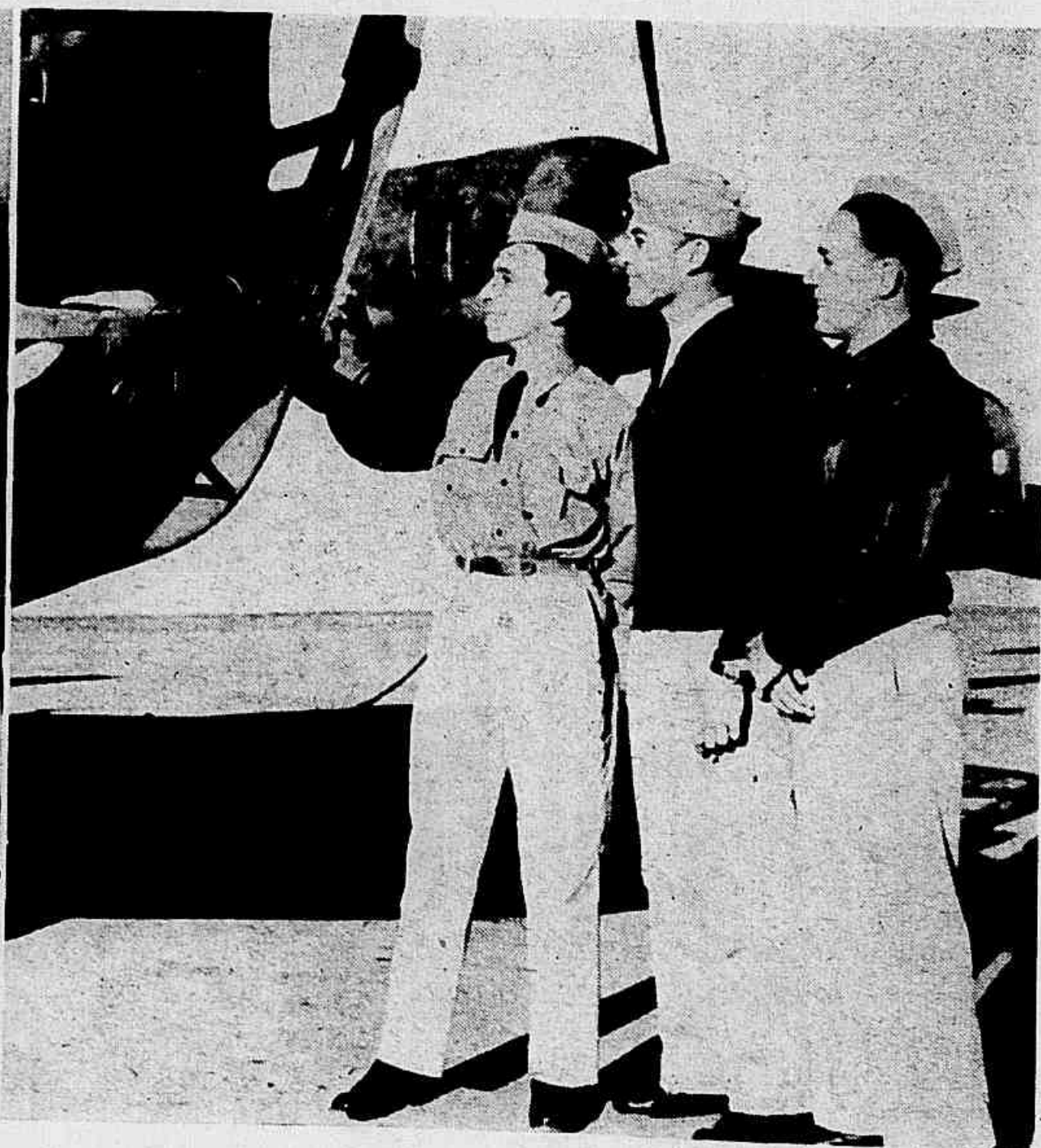
fesa dos seus direitos e das coisas mais sagradas: sua família e a terra onde nasceram, onde cresceram e vivem.

Este sentimento universal de solidariedade, que une os povos amantes da liberdade, é-nos demonstrado todos os dias, nos mais diferentes setores das atividades bélicas. Jovens de todas as nacionalidades, dos países mais afastados geograficamente mas que sentem um destino comum, trabalham juntos febrilmente para apressar a derrocada dos agressores.

Estas fotografias que ilustram o nosso texto são mais expressivas que as palavras. Aqui vemos alguns Cadetes Brasileiros aperfeiçoando-se na arte de guerra para lutar ombro a ombro com seus irmãos do Norte.



Os cadetes brasileiros da Escola de Navegação Aérea do Hondo, no Texas, somente depois de longas horas de estudos teóricos começam a aplicar seus conhecimentos dos vôos de instrução. Na gravura vemos o cadete Percy Bernard, do C. P. O. R. do Ar, do Brasil, que está estudando navegação em Hondo. Durante seu treinamento, o cadete brasileiro aplicará os conhecimentos adquiridos em vôos reais num percurso de mais de 15.000 milhas.



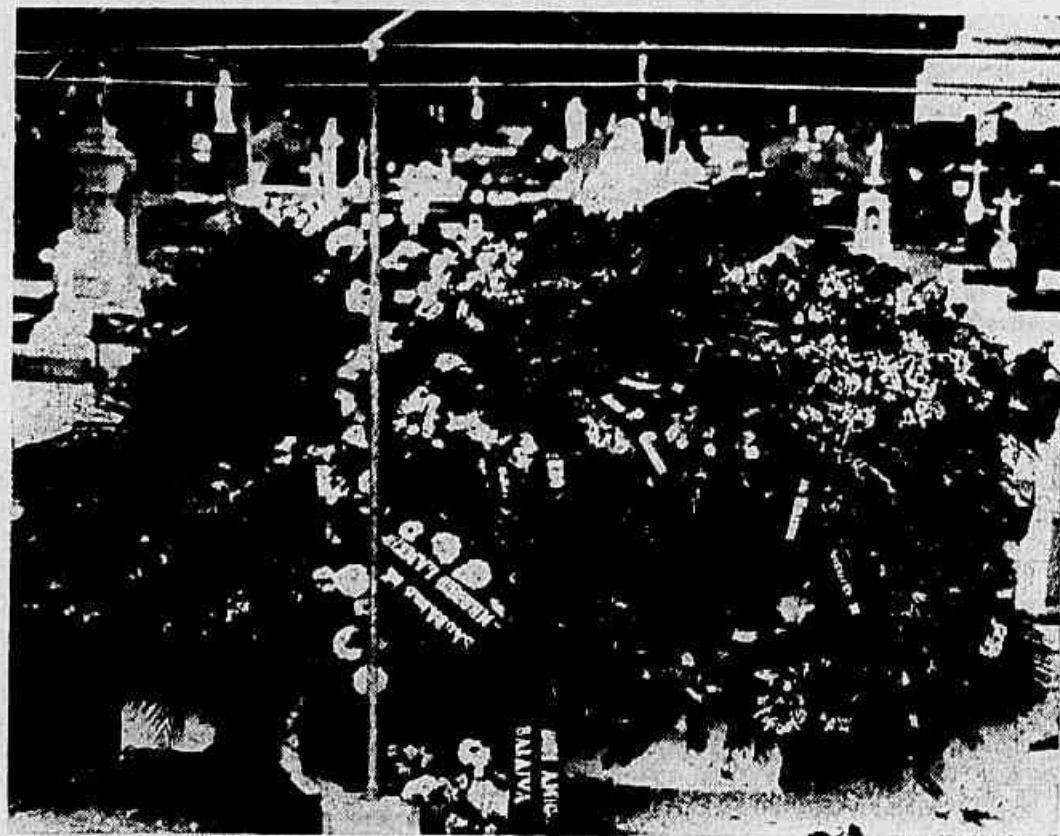
Vemos, na gravura, os cadetes brasileiros Wadih R. Zacour, de Belo Horizonte, Evaristo L. da Silva, de Belo Horizonte e Luiz Carvalho de Souza, quando observavam o comando para instrução na Escola de Aviação de Midland, no Texas, onde os mesmos estão realizando seu curso de aeronáutica — (Fotos Intramericanas).

FRANCISCO GARCIA SARAIVA



REPERCUTIU contrastadamente na sociedade carioca e nos círculos comerciais da metrópole o falecimento do sr. Francisco Garcia Saraiva, chefe da Casa Garcia, que dirigiu durante mais de 40 anos. A sua morte colheu de surpresa quantos o conheciam e estimavam, sabida que era a sua robustez física e invejável saúde. Acometido subitamente por um insulto cerebral, em sua residência à rua Candido Mendes 16 A, daí foi removido para a Beneficência Portuguesa, onde os esforços da ciência não lhe puderam obstar à morte, ocorrida às 15 horas do dia 28 de dezembro último.

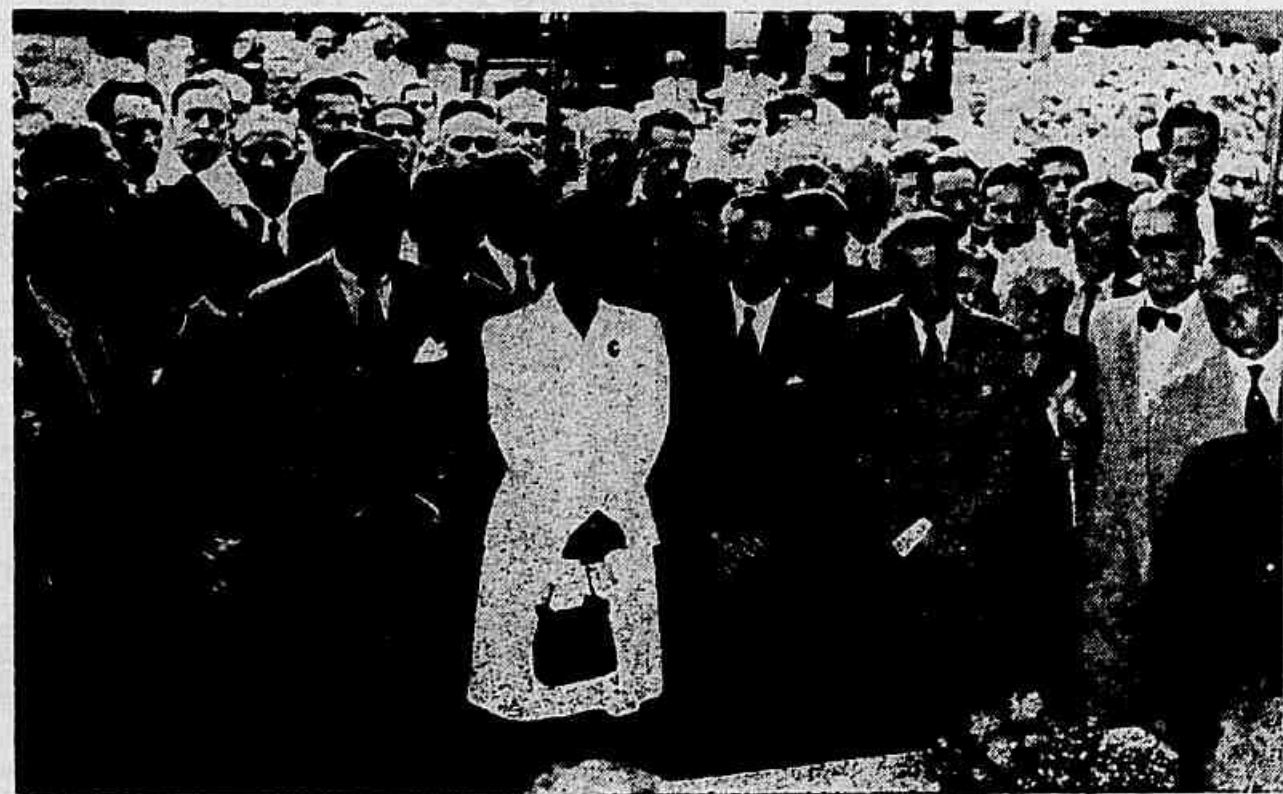
O ilustre extinto, que chegou a esta capital aos 11 anos, logo entrando para o comércio, faleceu aos 72 anos de idade. Sem abandonar os estudos, foi pouco a pouco empreendendo a escala ascensional que o levaria à culminância da carreira que abraçou, com raro devotamento e probidade. O sr. Francisco Garcia Saraiva era conhecido pelas suas raras qualidades de espírito e coração, amigo das boas letras



e um cultor apaixonado do vernáculo. A sua biblioteca camiliana, com as primeiras edições, era considerada a mais completa. Fazia o bem sem ruídos nem ostentação, no que se sentia feliz, sendo sócio de várias ordens religiosas e benfeitor de diversas instituições. Desde o início da atual guerra manifestou-se ardorosamente pela causa da democracia, sendo um dos seus mais entusiásticos adeptos.

O grande círculo das suas relações prestou ao extinto as mais expressivas e comovedoras homenagens, traduzidas nas numerosas demonstrações de pesar levadas à família enlutada e no avultado número de pessoas que compareceram ao seu enterramento e na profusão de flores e coroas que foram enviadas.

Esta página mostra diversos aspectos do enterro do sr. Francisco Garcia Saraiva, desde o saimento fúnebre até ser baixado o caixão à sepultura, na necrópole de S. João Batista, constituindo um registo altamente expressivo do vulto das derradeiras homenagens prestadas ao pranteado morto.



Você sabe quantas calorias queima em um minuto?



1 — O número de calorias consumidas nas diferentes atividades. Esta senhorita necessita 1400 calorias por dia, exclusivamente para viver, além das calorias extra consumidas nas diferentes atividades desenvolvidas. Nas fotografias acima as calorias queimadas em meia hora nas diversas atividades são indicadas pelas maçãs (u'a maçã tem 80 calorias). Assim, meia hora de datilografia consome 55 calorias, e meia hora de natação 234.

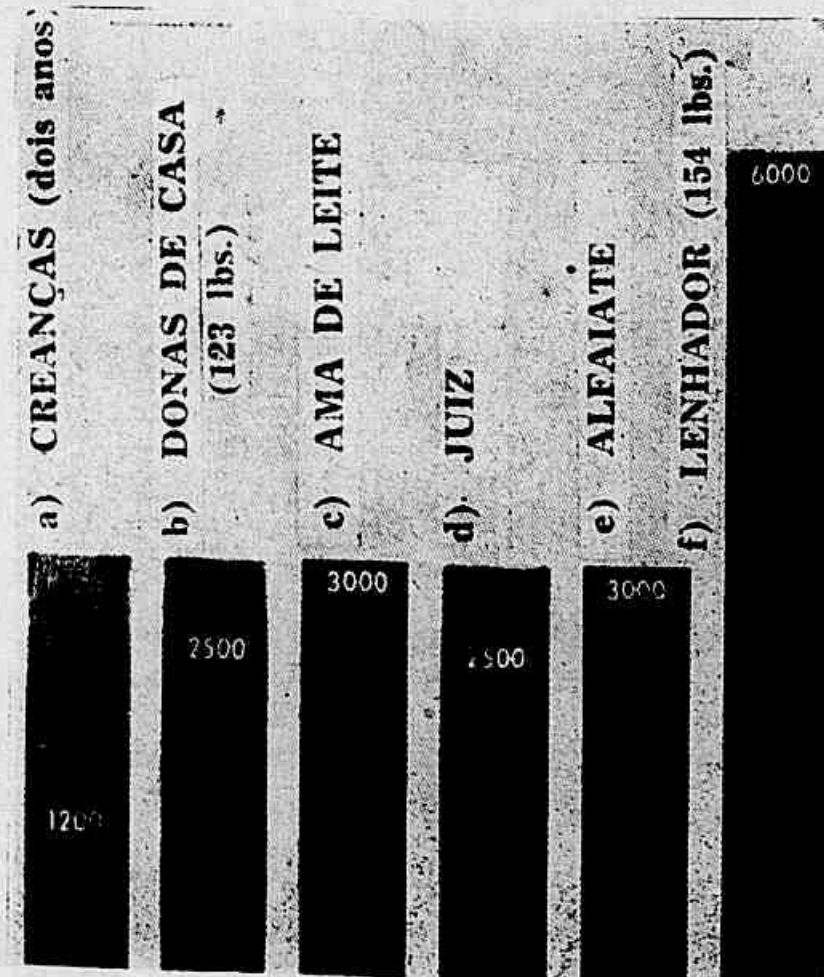
A jovem que aparece nas fotografias tem 23 anos; pesa 56 quilos e tem 1m,65 de altura. Para conseguir viver ela consome 1400 calorias por dia ou sejam aproximadamente uma por minuto. Mas este é um mínimo indispensável para manter a vida. Todas as atividades exigem um número determinado de calorias extra. Num dia normal, com trabalho e exercício, são consumidas 2500 calorias. Esse número, exigido diariamente para cada pessoa, varia naturalmente de acordo com a estatura, o peso e o gênero de atividades que desenvolve. Assim é que um homem pesando 65 quilos e tendo uma vida moderadamente ativa precisa de 3000 calorias. Se esse mesmo homem se dedicar à tarefa de cortar árvores, por exemplo, necessitará do dobro dessa quantidade.

Sem o número necessário de calorias perde-se o peso e a energia, e tratando-se de uma criança seu crescimento normal é fortemente afetado. De acordo com as pesquisas realizadas na Inglaterra, sobre a alimentação, ficou provado que as crianças de antigamente eram em regra sub-nutridas. Hoje em dia, com a guerra, os estudos levados a efeito pelo American Friend Service constataram que um trabalhador em Marselha consome apenas 1.400 calorias por dia,

isto é 1600 menos do que necessita normalmente. Nos Estados Unidos, porém, quase toda a população, inclusive os negros do Sul, obtém o número suficiente de calorias e alguns, consumindo mais que o necessário começam a engordar exageradamente.

Cerca de metade dos habitantes do mundo, especialmente os povos asiáticos, dependem da quantidade de arrôz que podem consumir para obter o número de calorias imprescindíveis ao seu organismo.

Muitos povos ocidentais dependem igualmente do trigo, da cevada e do centeio. É curioso observar que nos últimos trinta anos o consumo de cereais sofreu um decréscimo considerável. Nos Estados Unidos por exemplo, o consumo de trigo caiu de 320 libras em 1894 para 220 libras em 1943. Esse decréscimo entretanto não foi inteiramente compensado por um aumento no consumo de outros alimentos embora em algumas regiões tenha sido consumido mais açúcar. Ao contrário dos cereais, que contêm uma grande quantidade de proteínas (especialmente se não forem descorticados), o açúcar tem apenas calorias sem grande valor de proteção. É sabido que os Americanos, em geral, consomem uma quantidade de açúcar três vezes maior do que o recomendado num regime racional.



As calorias necessárias por dia dependem do peso e do modo de vida; as crianças exigem por quilo mais do que os adultos.

A alimentação adequada torna os homens mais altos e mais saudáveis

A importância da alimentação para a saúde é um fato evidente. Até agora, entretanto, este assunto tem sido mais uma questão de folclore do que de ciência. Os marinheiros ingleses que sofriam de escorbuto descobriram, há muito tempo, que o suco de limão ajudava-os e usavam-no como medicamento muito antes que se tornasse conhecido no mundo inteiro. O suco de limão era considerado como um medicamento próprio para a enfermidade que segundo os médicos provinha de uma exposição prolongada ao ar do mar. Sómente em 1920 os especialistas em nutrição descobriram que o escorbuto é produzido pela falta de vitamina C (também chamada ácido anti-escorbútico) encontrada nas frutas ácidas e nos vegetais.

Outras molestias são igualmente provocadas pela deficiência alimentar. O beriberi é causado pela falta de tiamina, o raquitismo pela deficiência de vitamina D, a pelagra pela ausência de niacina. Ainda outras molestias, algumas causadas pelos germes, ganham intensidade quando aliadas a uma nutrição deficiente. A tuberculose segue o nível de nutrição com uma precisão mortal, propagando-se com incrível violência nos países em que a alimentação é mais deficiente e, em cada país, nas classes que têm um nível muito baixo nos regimes alimentares. Através da história, a peste tem seguido a fome. Um dos efeitos mais alarmantes do regime alimentar pode ser observado na estatura dos homens.

Nos países ocidentais, um padrão de vida mais elevado trouxe como consequência um aumento da estatura média. Estas observações foram feitas pelas pesquisas levadas a efeito em diversos países europeus onde há serviço militar obrigatório. Na América essa tendência é particularmente visível nas mulheres. Os vestidos que se usavam nos tempos coloniais ficariam pequenos para uma mulher de altura média em nossos dias. As medidas tomadas em escolas femininas indicam um aumento apreciável na estatura feminina. Miss America de 1921 tinha 5 pés e uma polegada de altura, Miss America de 1944 tem 5 pés e 8 polegadas.

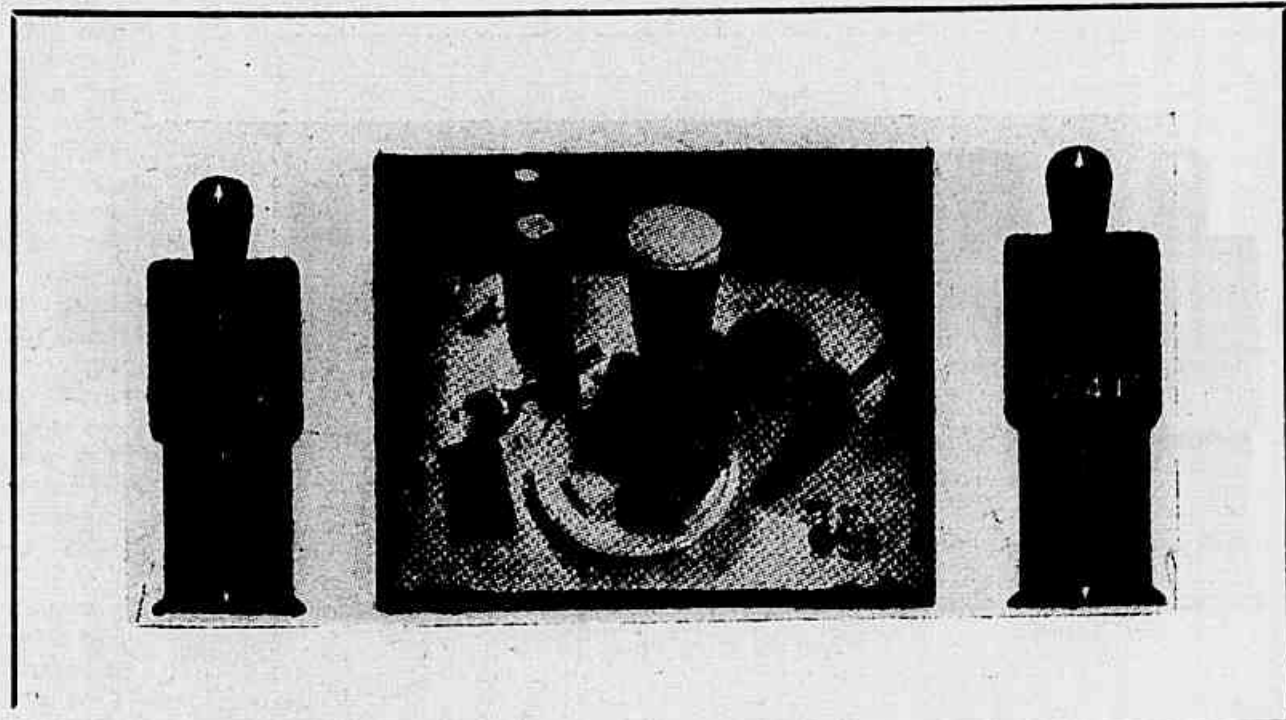
O limite não foi ainda atingido. Em certas escolas houve experiências que consistiram em proporcionar aos escolares uma alimentação extra contendo os alimentos de que carecia a sua alimentação normal. (A experiência mais conhecida, a refeição matinal das crianças norueguesas, é apresentada na fotografia abaixo). Em todos os casos as crianças que tiveram a alimentação extra ficaram mais altas e mais resistentes que as outras. A alimentação extra dos escolares é um dos meios mais eficientes para melhorar a saúde do povo.

Uma boa alimentação não requer alimentos especiais; ela pode ser eficiente desde que contenha os elementos nutritivos essenciais. O esquimó, que não dispõe de terras aráveis, é relativamente bem alimentado com o seu regime de peixe e baía de baleia. Os selvagens das tribos africanas, que habitam terras fertilíssimas, são miseravelmente sub-nutridos, pois devido à preguiça sua alimentação consiste quase exclusivamente em farinha de raízes.

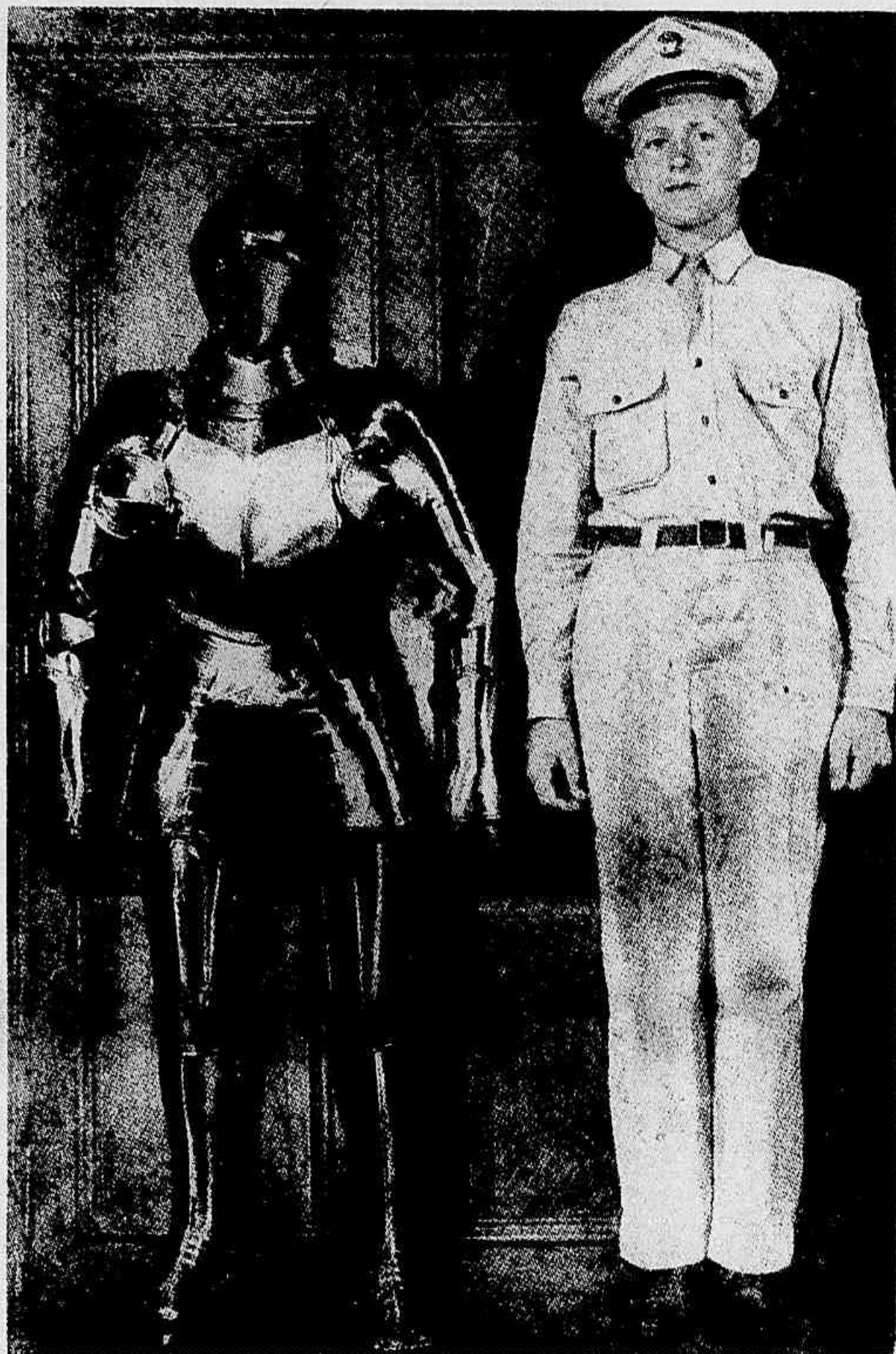
Mas a alimentação seria apenas um dos fatores para a obtenção de um nível de vida mais elevado. Temos entretanto bastante razão para colocá-la em primeiro plano. Esta asserção encontra seus fundamentos num plano de reconstrução de um bairro pobre da Inglaterra, onde uma grande área foi reconstruída de acordo com as necessidades higiênicas de seus habitantes.

Verificou-se que as condições físicas dos moradores piorou sensivelmente. De acordo com as investigações realizadas, chegou-se à conclusão de que os moradores, para pagarem os alugueis mais elevados das novas residências, eram obrigados a uma grande parcimônia nos gastos com a alimentação.

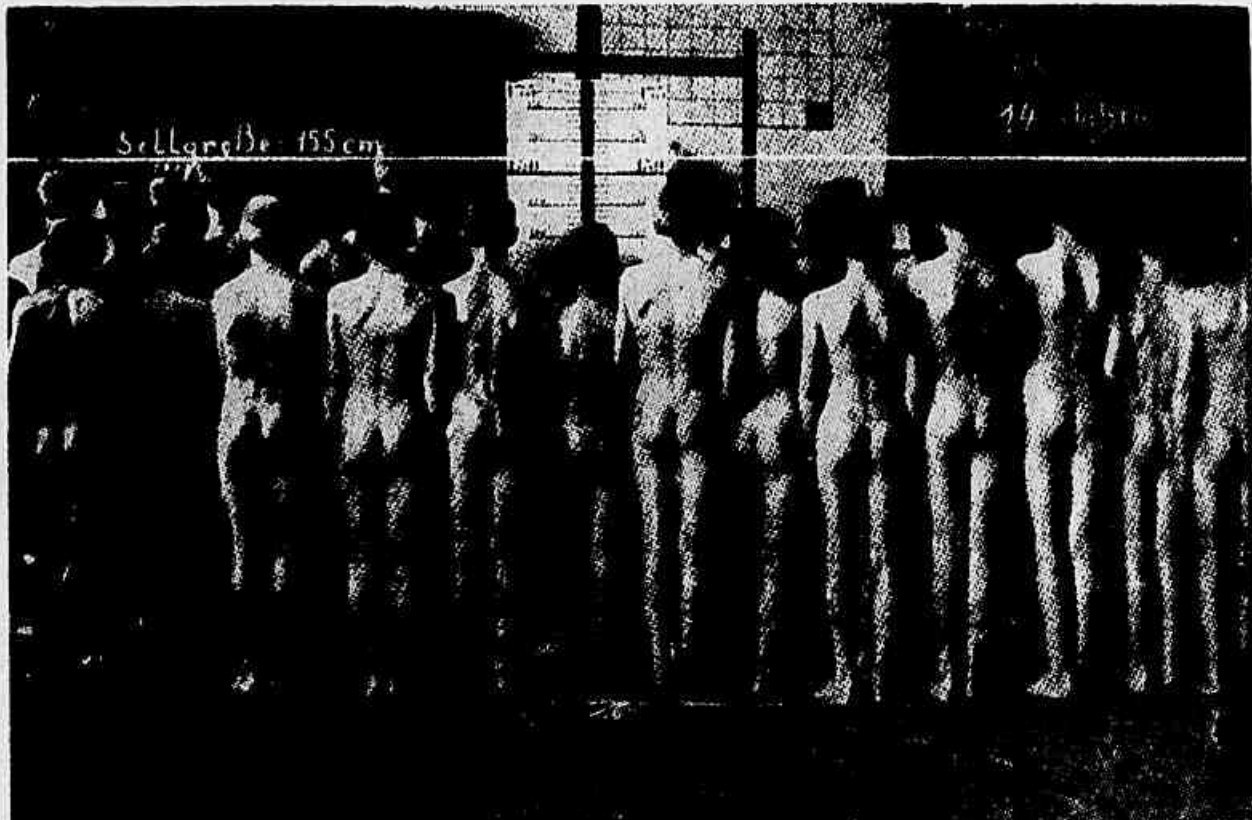
Os especialistas em nutrição acreditam que a boa qualidade dos alimentos acarreta uma rápida melhora nas condições físicas do povo. Um memorandum preparado antes da conferência da Primavera declara: "Embora a aplicação dos conhecimentos sobre os métodos de alimentação em benefício do povo se tenham desenvolvido apenas nos últimos 25 anos, já era do conhecimento geral que a alimentação sadia reduz a porcentagem de doenças e contribui mais para o *mens sana in corpore sano* do que qualquer reforma social. No século XIX, as descobertas dos bacteriologistas e as reformas sanitárias reduziram enormemente os prejuízos causados pelas molestias infecciosas. O abastecimento de todas as classes com uma alimentação adequada trará um benefício para a saúde pública, comparável ao que se seguiu aos trabalhos de Pasteur."



Esta refeição extra tornou as crianças norueguesas 4 polegadas mais altas. A primeira refeição dos escolares na Noruega aumentou a altura média dos rapazes de 14 anos em 14 polegadas. Consiste em leite, laranja, pão de trigo, queijo, biscoitos, cenoura e um colher de óleo de fígado de bacalhau.



Os guerreiros de 1943 são mais altos do que os do tempo das armaduras. Um recruta de Tio Sam, de altura média, não poderia usar esta armadura do século XVI. O aumento da estatura é constatado pelo registro das estaturas dos militares em vários países. Na Holanda a altura média dos recrutas aumentou 5 polegadas entre 1850 e 1907.



O bloqueio aliado na primeira guerra mundial impediu o crescimento das crianças alemãs. Em 1914, em consequência da guerra, a altura destes meninos estava bem longe do normal. Depois desta guerra, todas as crianças européias terão o seu crescimento prejudicado, mas as alemãs sofrerão provavelmente menos do que as dos países conquistados onde a alimentação é ainda mais deficiente.

Decidido o Campeão



O TEAM CARIOCA

No vestuário dos Cariocas depois da vibrante contenda a alegria estampava-se em cada face. Batataes pela sua conduta, recebeu de Flávio Costa palavras elogiosas e de agradecimento. Jayme, afastado das pejeas por um acidente sério, não poudo deixar de comparecer a S. Januario, mesmo com sacrificio. E aqui o vemos, com o mesmo sorriso de que se serviam todos na demonstração de jubilo.



Despertou maior interesse não apenas no Rio de Janeiro, mas em todo o território nacional a disputa do título de campeão brasileiro de futebol em 1943. Foram disputados ao todo cinco jogos, sendo os dois primeiros em S. Paulo e os restantes no Rio. Os jogadores de S. Paulo, os brasileiros, vieram disputar as partidas no Rio como favoritos. O conjunto Guanabara tendo sido suas linhas conseguiram por a classe dos seus elementos vencendo no Rio por 3x1. Os jogadores que se sagraram respectivamente campeão e vice-campeão:

CARIOCAS: Batataes, Domingos e Norival; Ezequiel, Rui e Afonso; Amorim, Leão, João Pinto, Tim e Vevê.

PAULISTAS: Oberdan; Piolim e Begliomini; Trocópio, Brandão e Noronha; Luizinho, Lima, Leonidas, Remé e Parda.

Campeonato Brasileiro de Futebol



Conforme rezava o acordo estabelecido entre o presidente da F. M. F. e da F. P. F., o juiz da quinta partida seria designado por sorteio. E o sorteio teve lugar, com feições de ineditismo, em pleno campo à vista do publico, do qual estampamos este flagrante.

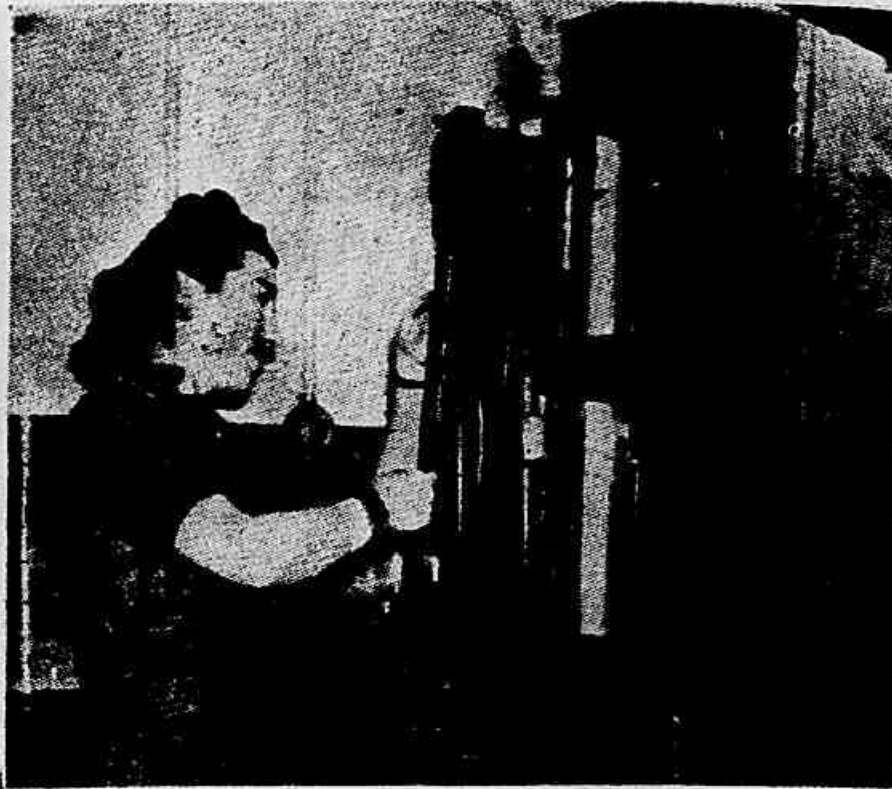
O TEAM PAULISTA



Despertou maior interesse não apenas no S. Paulo mas em todo o território nacional a disputa do título de campeão brasileiro de futebol em 1943. Foram realizados ao todo cinco jogos, sendo os dois primeiros em S. Paulo e os restantes no Rio. Os visitantes vieram disputar as partidas como favoritos. O conjunto Guanabara tendo saído de suas linhas conseguindo por a classe dos seus elementos vencendo no Rio por 3x1. e 2x1. Foram os seguintes jogadores que se sagraram respectivamente campeão e vice-campeão:

CARIOCAS: Amaral, Domingos e Norival; **Equipe:** Rui e Afonso; Amorim, Léo, João Pinto, Tim e Vevê.

PAULISTAS: Bordan, Piolim e Begliomini; **Procopio, Brandão e Noronha;** **Luizinho, Lima, Leonidas, Renato Pardo.**



Mulheres que ajudam a maquina de guerra

Nunca é demais mostrar o papel desempenhado pelas mulheres nesta guerra tremenda na qual cooperam todas as forças do mal acumuladas pelo odio, pela ambição desmedida e pelo aviltamento da especie humana, por credos e regimens que anulam todas as prerrogativas de seres criados à imagem de um Deus.

A maquina de guerra multiplicando-se num aceleramento sem limite exige tambem sacrificios sem limite de todos os que lutam.

A mulher, em todos os Continentes, arregimentada-se como um simples apêndice da enorme engrenagem e não mede renuncias, segue para qualquer setor, onde são notaveis seu senso de responsabilidade, sua aplicação, sua capacidade e a inteligencia com que se integra nas funções que lhe são designadas.

1 A foto acima mostra-nos duas moças que trabalham na secção A. T. S. Operam elas com o Microgram, notavel aparelho que acelera a transmissão da correspondencia oficial e documentos entre repartições de guerra e as batalhas aéreas de Este. Antes do Microgram, estes documentos eram enviados por trem e por mar o que tornava vagarosa, difficil e susceptivel de interrupção pela ação inimiga, causando confusão e demora de graves consequências para a administração do exercito. Hoje qualquer peça de documento é trazida pelo ar e entregue dentro de poucas horas no despacho do Microgram, a A. T. S., serviço que desenvolve o filme, amplia e estampa num só dia, mais de mil documentos por hora.

2 Miss Hilary Bowman eletrificou o mundo da engenharia; sendo a primeira mulher tecnica aviadora a se destacar nesta guerra. Miss Bowman estava estudando para formar-se em dançarina profissional, antes de tornar-se mecanica. Desde que rebentou a guerra ela abandonou o bailado para tornar-se engenheira aeronautica. Agora tem ela 22 anos e foi designada pelo Estado Maior para a fabrica aeronautica do Norte. Sua tarefa é voar com os pilotos em prova e observar os instrumentos e seu funcionamento.

3 Miss Mac Allister, funcionaria de Kodac Ltd., é responsável por um trabalho eficiente que torna possível o serviço da Airgraf, que, de modo notavel expede a correspondencia entre as tropas distantes e seus amigos em casa.

Esse aparelho é uma especie de Microgram, e o trabalho da operadora é desenrolar milhares de metros de filmes que gravam cartas de combatentes a seus parentes e amigos.

4 O serviço do "Corpo de Liaison" da Cruz Vermelha tem como tarefa investigar e informar os doentes e invalidos da guerra, sobre seus parentes e vice-versa. Sendo a oficial chefe Lady Suerdale que tem seu Estado-Maior perfeitamente organizado.

5 Um dos mais habéis e importantes trabalhos empreendidos pelas mulheres nesta guerra, é o da vigilância da alimentação da população tanto quanto a fabricação de drogas e vacinas manipuladas para alívio dos que combatem.

A grande tarefa de alimentar e manter a saúde de



uma nação em guerra é feita por contínuas experiencias e acurada investigação. Estas experiencias são feitas por mulheres químicas, em laboratorios, onde fabricam vitaminas puras; trabalho analítico, que fixa a taxa da quantidade exata de vitamina cortida em cada alimento.

A embalagem das vacinas tambem é feita por elas em condições, perfeitamente asepticas.

6 Coleccionar grades e portões de ferro, para transformá-los em armas de guerra, não é tão facil quanto parece. O Ministerio do Trabalho emprega mulheres para o mistér de coletar ferro velho e elas viajam avaliando o valor do metal e negociando sua compra e remoção. Miss Jean Parrington, uma das empregadas nesse trabalho, está promovendo a remoção das grades de ferro de uma igreja.

7 Finalmente, vemos habéis operadoras cinematograficas, manejando os aparelhos fornecidos pelo Departamento Nacional, para divertimento das tropas. Hoje elas operam como assistentes de divertimentos, nos teatros e praças fortes de todo o país. Este trabalho, que incute o de ampliações, requer inteligencia e oferece uma arena larga para o trabalhador de após guerra.

Em qualquer setor, pois, vamos encontrar a mulher como cooperadora habil e eficiente, tomando a si tarefas rudes ou de meticulosa capacidade, como essa das investigações e trabalhos tecnicos de laboratorios e fabricas.

Na guerra de 1918 a mulher audazmente propôs-se substituir o homem que ia para o "front" e o fez de maneira a merecer a admiração e o respeito do mundo, que se acostumara a vêr nessa fragil creatura, motivo lírico para as fântasias dos poetas, ou apenas a domestica feita para a procreação da especie e para serzir as meias do marido. Hoje, já não se olha o trabalho da mulher com surpresa, pois o mundo se acostumou a dar-lhe seu justo valor e seu lugar na construção de um mundo futuro, onde ao sel da liberdade universal reverdeçam as seáras que hão de alimentar as porvindouras gerações.



A "FILA" NÃO É UMA INSTITUIÇÃO CARIOCA



Esta fila é nacional e carioca. Enquanto esperam, uns leem, outros namoram, conversam ou pensam na vida.

ESTA guerra tem produzido mesmo nos pontos mais distantes do seu epicentro os efeitos mais inesperados. Longe das cidades em ruínas fumegantes da Europa, nós da América temos sentido de modo diferente e felizmente mais benigno, os resultados do ócio dos povos.

Aqui, como nas margens do lago em cujo centio foi atirada uma pedra, sentimos a agitação das águas.

A rotina quotidiana dos cariocas viu-se de repente alterada por uma série de mudanças.

Embora sem o caráter dramático de outras ocorrências, a instituição da "fila" ficará por muito tempo como a mudança mais importante da vida da cidade acarretada pela guerra.

O "entre na fila" já se incorporou á gíria carioca como uma expressão das inovações na vida da cidade impostas pela guerra.

As dificuldades decorrentes da situação mundial, o aumento repentino da população causado pela imigração Européia a par de uma certa noção de ordem que vanos começando a adquirir, são os fatores responsáveis pela criação da fila.

Hoje ela faz parte dos hábitos da cidade e a impaciência dos primeiros tempos foi aos poucos sendo substituída por uma atitude de resignação: a resignação com que o homem se habitua a receber a fatalidade.

Naturalmente o carioca não podia deixar de fazer *blague* que é também uma forma de suportar as contrariedades, talvez a mais característica do nosso povo.

Rir da adversidade é ainda um belo modo de se mostrar superior á má sorte. O "não adianta chorar" é nma expressão muito nossa e que define toda a filosofia do povo.

Se o mal é inevitável aprendamos a recebê-lo com um sorriso. Para um Brucutu que surgisse atarantado nestes nossos atribulados dias essas imensas centopéias humanas



Eis uma fila bem original. As garrafas também fazem bicha, esperando pelo querosene num posto de gasolina, enquanto seus donos andam por perto.



Os que viajam para os subúrbios fazem fila para tomar o trem.



Esperando em fila para conseguir almoçar: este é um espetáculo muito comum em Washington. Toda esta gente, de estômago vazio, espera do lado de fora do restaurante a sua vez de almoçar.

constituíam um espetáculo tão surpreendente quanto o das grandes aves da morte que destroem com seus ovos o resultado de muitos séculos de trabalho, ciência e civilização.

Estamos realmente vivendo na época das "filas": fila da manteiga, do açúcar, da carne. Mas não são apenas as necessidades vitais que obrigam o homem de 1943 a fazer da sua vida uma espera interminável nas "bichas". Também as diversões exigem o seu coeficiente de sacrifício. Nas portas dos cinemas e dos teatros, a melindrosa e o *grã-fino* devem entrar na fila para ver o último sucesso musical e aprender os foxes que repetirão no chaveiro, para tormento dos visinhos. A verdade é que a fila rouba muito tempo aos cariocas. O tempo disponível para o cafézinho, para ler o jornal em casa, para falar mal da vida alheia ou para namorar.



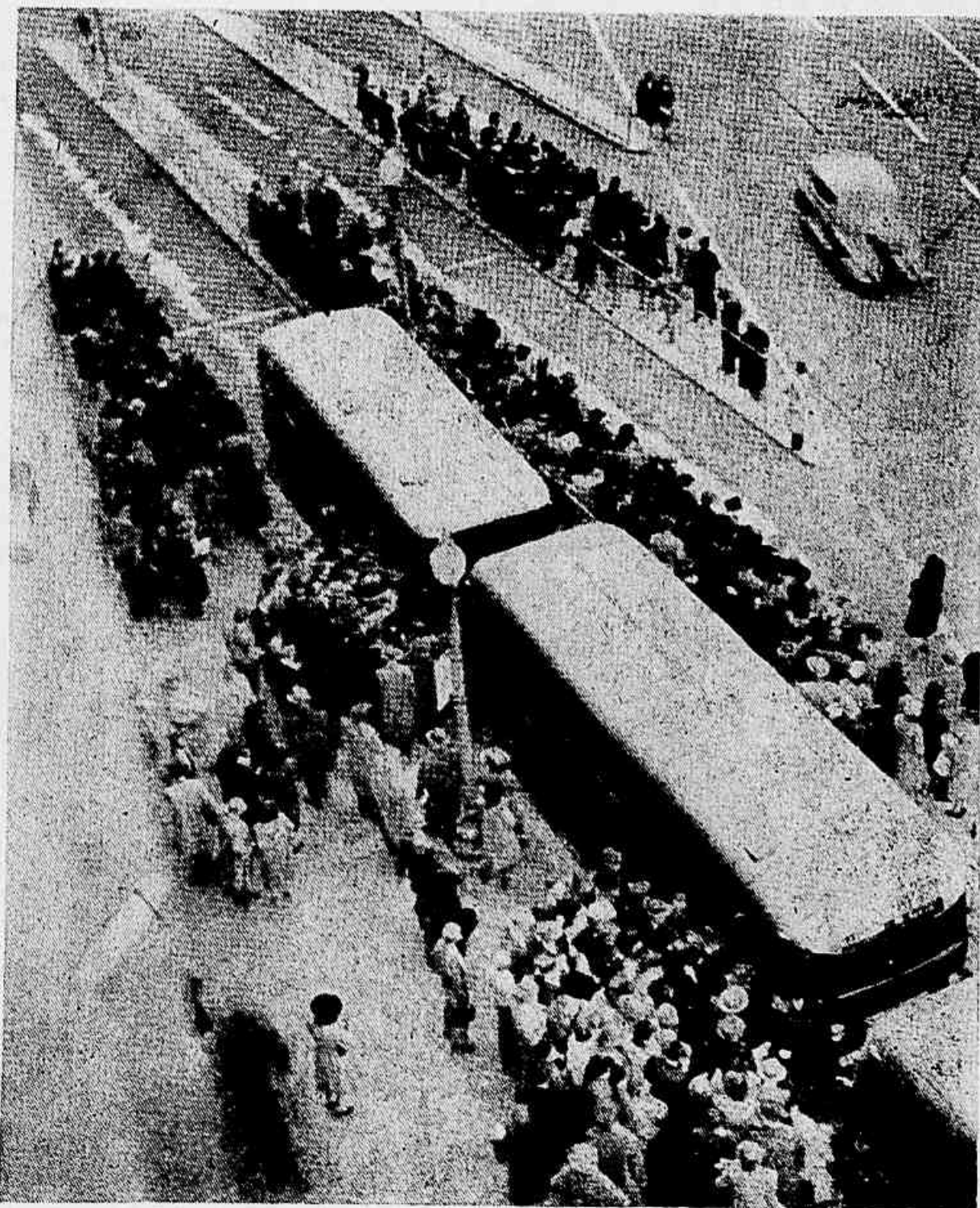
Esperando em fila para o "góle". Este é o preço que os Washingtonianos devem pagar pelo seu viciinho. Nesta cidade de gente que não bebe muita água os bars teem concorrência tão grande como os restaurantes.

Enfim todas essas pequenas coisas que acabam por se tornar vício, amenizando a vida em sociedade.

A verdade é que o carioca já aprendeu a desenvolver todas essas atividades, enquanto espera.

Acaso já observaram, por exemplo, uma fila de espera do ônibus? Ali está o cavalheiro que depois de um dia de trabalho lê gravemente o seu vespertino, seguido pelo casal de namorados que de mãos dadas, esquecidos de que o mundo continua a girar e de que fora do seu amor a vida continua, fazem juras de amor eterno.

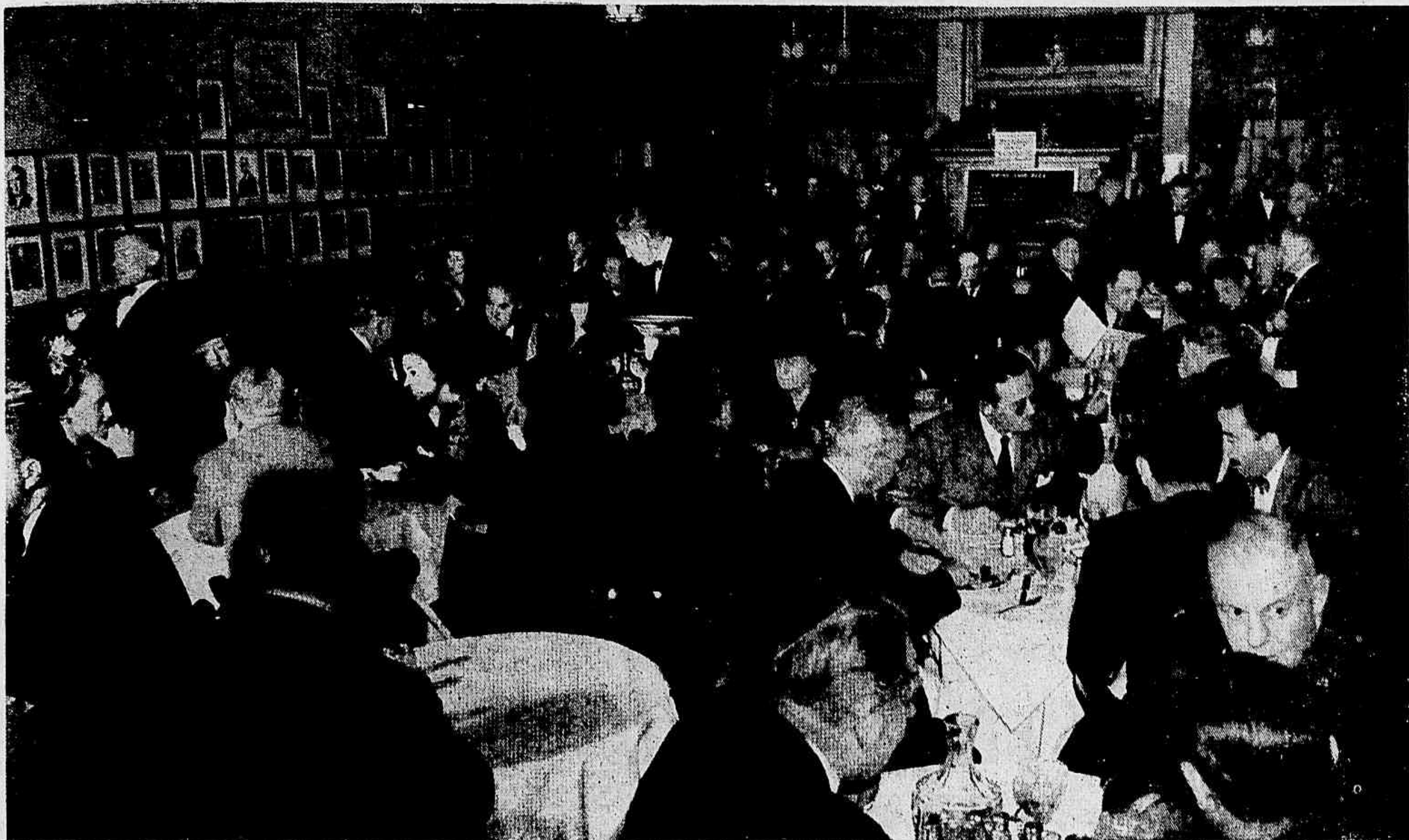
As duas solteironas falam animadamente de um novo ponto de *tricol* ou rancorosamente de-ancam uma amiga ausente.



Esperando em fila pela condução. É uma cena que pode ser apreciada em toda parte. Estes estão esperando um ônibus que os leve aos subúrbios de Virginia.



Esperando em fila pelo dinheiro. Vemos aqui funcionários públicos que tendo, apenas meia hora para o almoço, devem esperar formando uma longa cauda para receber seu pagamento no Tesouro.

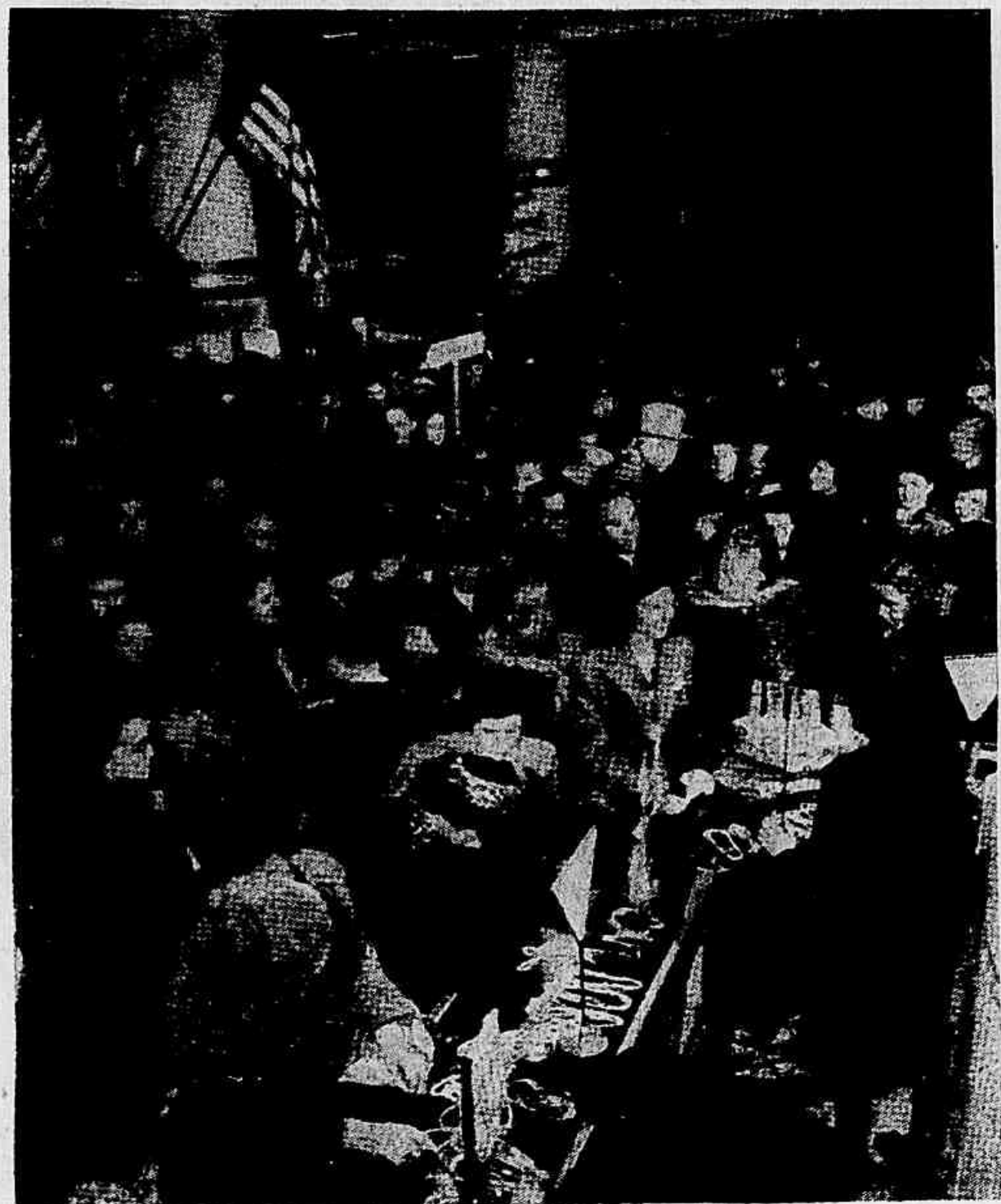


O grave problema da alimentação nos centros populosos. É uma das causas principais dos males do estômago dos habitantes de Washington. Mesmo nos restaurantes de luxo, como este que vemos na gravura, os grã-finos devem esperar em fila até que vague uma mesa. Mas o suplicio não termina aí, pois é preciso esperar ainda para ser servido. O mais trágico é que o preço das refeições subiu em muitos lugares de 50% no último ano. Alguns restaurantes que serviam prontamente um almoço por 45 cents, cobram agora 85.

Toda essa conversa vem a propósito de mostrar ao leitor que ainda não se conformou com as filas, que o carioca não é o único povo que deve esperar. Também nas outras grandes cidades o povo leva grande parte do seu tempo em "fila".

Aproveitamos alguns aspectos de Washington, cidade que viu de um momento para outro sua população acrecida de 300.000 habitantes sem que houvesse tempo de arranjar espaço para acomodá-los.

O resultado é que a vida nesse grande centro converteu-se numa espera interminável: espera de um lugar para viver, de algo para comer, espera de um taxi ou de um ônibus, espera para conseguir entrar num escritório, numa loja ou num cinema e depois a espera de uma oportunidade para sair. Homens de todas as classes e de todas as categorias são condenados a uma mesma sina: para fazer qualquer coisa em Washington é preciso esperar.



Para fazer suas compras, o Washingtoniano deve esperar em longas filas. Terminada essa tarefa surge o grave problema de conseguir sair do estabelecimento.



A entrada de um cinema em Washington. Os americanos pagam seu tributo para se divertir.

NÃO COMETA ESSE ERRO

Dra. SILVIA ROGER

CARTA A UM JOGADOR

Meu amigo G.

SE o conhecesse pessoalmente teria, de certo, um ponto de apoio mais firme para responder à sua carta. Devo falar-lhe com franqueza; se assim não fosse, seria inútil qualquer resposta. Começo confessando-lhe, rudemente: Não acredito na sua *Verdade inteira*, sinto que você só diz a metade da verdade. O egoísmo não lhe permitiria dizer as coisas como elas são. E você é, como a grande maioria dos seus companheiros, impiedosamente egoísta.

O senso de responsabilidade, meu amigo, é uma grande virtude. O homem tem o dever irrestrito de dar à sua família o máximo de conforto, e se seus haveres são mais largos, e ele os pôde arriscar ao jogo, é também um dever dar à mulher o luxo que realça seus encantos, esse encanto que o homem quase sempre descobre na mulher do próximo... Lembre-se também de fazer um pecúlio para os seus filhos; eles tremem esse direito pois vieram ao mundo sem interferência própria, por sua vontade exclusivamente, meu amigo, e a vida está cada vez mais dura.

Quando você se sentar à mesa do poker, pergunte mentalmente si não é o futuro de seu filho que você está jogando.



Ilustração G'g-Young Warner.

De certo que não há mal algum numa distração desse gênero, mas quando não passa de distração... Quilhetos cruzeiros perdidos numa noite, para dar-lhe o prazer, a sensação das cartadas imprevistas, você os considera bem empregados; contudo reclamou contra o anel que sua mulher comprou por mil cruzeiros. Lembre-se, meu generoso jogador, que uma joia é sempre um capital de reserva; sua mulher recebe apenas os juros de beleza, que o anel empresta à sua mão fidalga, e na pior das hipóteses ele ainda pôde servir num aperto...

As razões da sua carta, tão inteligentemente redigida, são lógicas sob o ponto de vista em que você se coloca, mas você se coloca... de perfil. Olhe a verdade como a verdade é, e não como você desejaria que ela fosse. Encare o caso como homem que é senhor de sua vontade, e não como o seu garoto inventando desculpas para sua fragilidade. Sobretudo, não se faça de vítima, quando na realidade a vítima será aquela que sofrer as conseqüências da sua imponderada teimosia. O jogo como distração, repito, é natural; e quem trabalha tem o direito de pagar suas distrações, mas si você joga sacrificando o bem-estar dos seus, é egoísmo incorrigível e criminoso, é fraqueza que não se compreende em quem pertence ao sexo forte.

Numeros atrasados desta
Revista em Sergipe

PROCURAR A
LIVRARIA REGINA

BIO-HEPAX
PACIFICADOR DO FIGADO
PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

O ARRIEIRO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 15)

meio dia, e a sexta arrastada pelas três da tarde, nalgum alpendre do caminho, ou à sombra de uma oiticica verdejante, como derradeiro milagre da flora moribunda.

Eu seguia calado quase o tempo todo; pois à minha esquivança desconfiada se unia o pendor natural do camarada para a casmurrice. Entretanto, não podia ser mais presto nas providências da jornada, para arranjarmos uma refeição, um café quente, um pasto para os animais, ou um pouso mais confortável para nós.

Finalmente, ao terceiro dia, chegávamos a Mecejana, a três leguas de Fortaleza, sob as mangueiras floridas e os cajueiros covados, que embalsamavam talvez outrora os primeiros sonhos de José de Alencar menino.

Afirmaram os animais, soltos num pasto de aluguel, seguindo nós, com a bagagem, de automóvel, para a cidade.

O Mariano arranchou-se com um conhecido, não sei onde, aparecendo-me todas as manhãs no hotel, para receber ordens.

Não tardei a despachar-me, e, ao cabo de quatro dias, tanto resolvê o caso técnico como o recebimento do diheiro.

Sómos ainda madrugada alta, de jeito que o sol apenas surgia quando montávamos os animais.

Eu tivera o cuidado, desde a saída, de simular o maior despreendimento pela valise do diheiro, jogando-a atoa no fundo do automóvel que nos levava, entre os demais volumes da bagagem, para que o Mariano não percebesse nada. O mesmo fizera ao saltar, ajudando-o a compor a carga, vindo como ele colocava o pacote precioso no meio dos outros, bem seguro pelas alças de corda.

Viajávamos o dia todo, a toda força. A noite, porém, veio colher-nos em plena mata. Noite negra, de céu nankim com a lua crescente muito aguda — como uma foice de prata, mesmo que nos versos do poeta, e tanta estrela estremeando na altura que o céu inteiro palpitava, como um dossel de crêpe arreado de lajezoulas, que fosse desabar ao peso de tanto lume.

Nem um pouso, a não ser daí a cinco leguas ainda. Como não me fosse humanamente possível suportar a marcha, para nós sob a tenda rumorosa e fresca de um joazeiro do caminho. O coração se me vusera sombrio e pressagioso como a própria noite.

Em torno, apenas acanhada a mata desfolhada, erguendo para o céu o recorte dos braços torturados. Uma paz de cemitério chumbava a natureza toda. Apenas dois de corujas mal-assombrando o espaço, e os chochos das cascaveis, hora a hora, vibrantes no ar parado. Um sopro de incêndio mal extinto corria de vez em quando, fustigando-nos as carnes, como um halito de fera monstruosa escondida na treva.

A guerra cega despida de folhagem estralejava então, num atrito longo, a recordar gemidos ou queixas de um martírio infinito. E a fita lúgida da estrada, cortando como um golpe de navalha gigantesca a carne preta da terra, era adiante um convite premente à fuga, à marcha do-la para além.

Já estávamos, porém, apeados, e o Mariano tirava os arreios dos animais, soltando-os com a peia de couro, para não se afastarem muito.

Armada a minha rede nos galhos da árvore, o cabra foi quebrar no mato um mólho enorme de garrachos, com que acender uma fogueira esperta, para fazer café e espantar os bichos. Eu me recostara na rede fresca e macia, o corpo destrambelhado da marcha bruta, o coração arrochado num torção de angústia indefinível.

O sono vinha chegando, imperioso e fatal, apesar de todos os meus esforços para ficar alerta. Na minha frente, o Mariano ia e vinha, à luz do fogo, ajeitando a bagagem, avivando a chama. Feito o café, serviu-me também o seu gole.

Num doloroso esforço da minha acuidade psíquica em tensão máxima, vi-o ainda arrastar a minha maleta da roupa mais para perto do lume, colocando ao lado o rifle que tirara das costas ao apeiar.

Tudo se me tornou depois confuso e vago. Os olhos entreteachando cada vez mais tortemente, todo o corpo derrapado como de uma sova mestra, sentia-me afundar irremissivelmente num torpor maciço, que anulava todos os meus cuidados e receios cruéis.

Não sei ao certo se tive tempo de dormir um minuto, quando, de repente, me sentei de golpe, estarecido, o coração oassado, e a respiração suspensa, vendo o cabra dirigir-se cauteloso e sorrateiro para o lado onde os arreios estavam, com a valise largada por cima, e deitar a mão ao volume precioso.

Vendo-me despertar, com todo o alarma traidor dos meus sentidos pintado ao certo nas feições, o cabra soltou um risinho mordaz, que me varou o peito como a folha imensa do seu puihal e, sem largar a valise, foi sentar-se, na mala, ao pé da fogueira. Pousou-a, então, no chão, debaixo dele, colocou o rifle de través sobre os joelhos, dizendo para mim, tranquilamente:

— O diheiro fica melhor comigo, doutor.

Não tentarei descrever o assombro que me estatelou àquela frase.

Passado o primeiro momento de estupor, o coração rompeu num tropel desabalado, enfocando-me. Todo o sangue refluía a ele, deixando-me regelado da cabeça aos pés. Um grande vacuo me tomava a mente, e me envolvia todo, como se eu estivesse caindo de uma altura imensurável.

Nem sei o tempo que levei assim, a mirar esgazeado aquele homem terrível, que a chama vermelha recortava no fundo da noite, em pineladas de fogo, como um diabo vomitado do inferno.

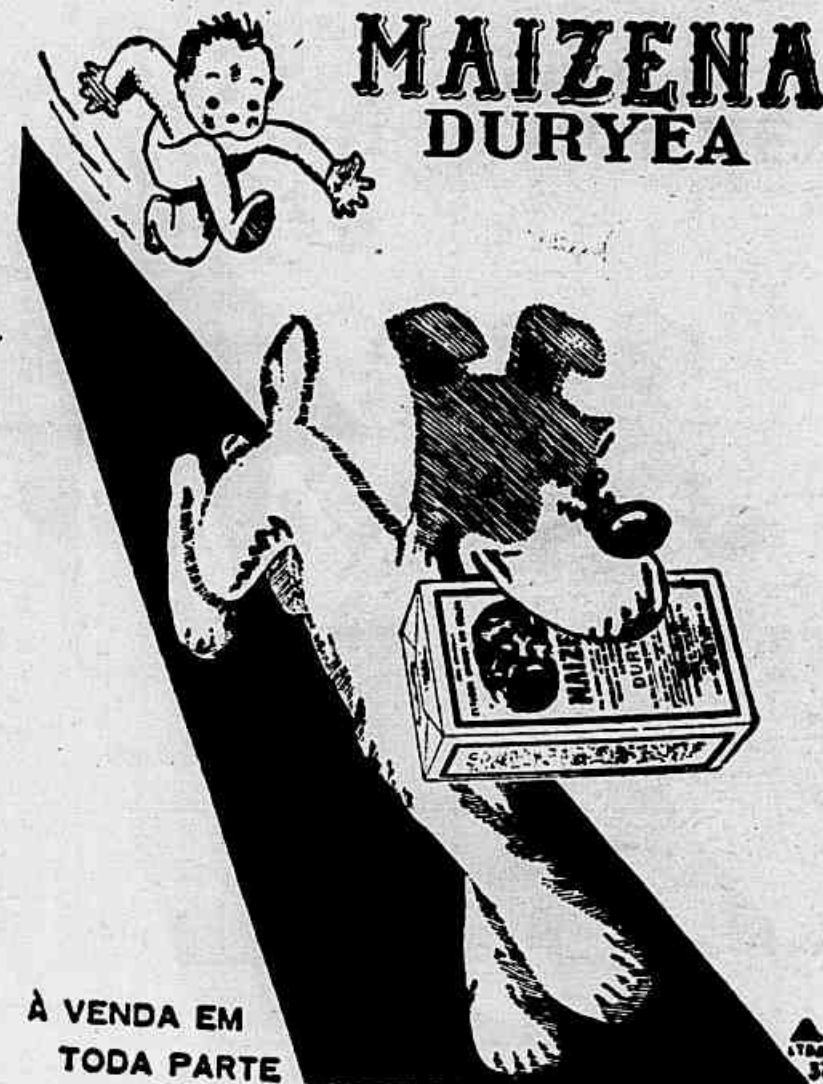
Eu estava positivamente estarecido, entregue de todo ao meu pavor mortal, não nego. Nem um gesto de defesa inútil me ocorria, votado que me sentia inteiramente à sanha do celerado. E

uma grande revolta me subiu do coração à boca, a espoucar numa praga surda, quando me veio à mente a figura do administrador da estrada.

Como eu tive odio desse homem, que me entregara estupidamente a mim mesmo ao assassínio!

Pois toda a trama miserável se pintou num relance ao meu espírito. Naquelas breves perdas, sem outra testemunha além da natureza, nada mais fácil do que o cabra me liquidar — porque, ao me mover, o meu rifle me estenderia quieto para sempre. Depois, entregando ao outro a sua parte — cincoenta contos para cada, naquela crise feroz, que blo arranjol — os dois tinham tempo de sobra de fugir, até que a minha falta fosse notada.

Como eu fôra imbecil, não entendendo logo aquele empenho todo do bandido em me inculcar o cúmplice!



(CONTINUA NA PAG. 43)

JOCKEY CLUB MUNDANO



O Jockey Club Brasileiro deu início brilhantemente às suas atividades em 1944, com a realização dos "meetings" turfísticos de sábado e domingo últimos. A seleta assistência que ocorreu à abertura da temporada turfística do novo ano bem demonstra o progresso sempre crescente do nobre esporte na terra carioca. São dessas brilhantes reuniões os instantâneos que ilustram esta página.

Chapéus



Os estilos, como as cores e o material empregado para os chapéus desta temporada, são os mais variados. O mesmo modelo pôde ser confeccionado em feltro, veludo, seda. Os enfeites de franja estão em grande voga. Continua a moda do véu posto de formas diversas; contudo há também muito chapéu "chic" sem véu.

Nos dias chuvosos não se deve usar véu, como não se usam peles.

Estes chapéus, parecidos com os de antes da guerra, dão uma demonstração da imaginação dos desenhistas. Quanto mais simples os vestidos mais alegres os chapéus. (1) Chapéu de feltro preto com uma fita dupla de setim. A bolsa é de "corduroy" com o forro de couro de bezerro. (2) Chapéu de feltro preto, estilo boneca, com laços de rosa e pretos. A fita que passa por baixo do queixo também é de "moiré" preto. (3) Turbante de seda estampada vermelha, verde e branca sobre um fundo preto. (4) Tricórnio de feltro rosa-Goya com *aigrettes* azuis esverdeadas. A bolsa é de feltro, com um enfeite antigo e dourado. (fotos H. rper's Bazaar de Londres).



K. T. STEVENS — da Columbia

No Teatro da Moda

O tema eterno...

Por WALLY

"Dolce far niente". — O doce repouso de não fazer nada, nem mesmo permitir que o pensamento trabalhe. Eterizar-se. Sentir que o mundo trabalha por nós e para nós.

Mulher — Todo o universo se move ao redor desse astro maravilhoso; ela é a lua romântica da inspiração trovadoresca. A estultícia do homem fez dela um enigma, para ter a volúpia de tentar decifrá-lo.

"Tu me desesperas
porque és como um perfume
disperso no ar!"

Um poeta escreveu isto no seu livro *Folhas de Chá*, são versículos minúsculos como as folhas de chá, são os breves *"Haikai"*, que mais parecem azas soltas de borboletas. Mas este bramir de coração é a tautofonia de tantos outros que se alongaram em rimas e reticências...

E ele repete ainda: — A flor se oferece,
tão linda ao vento que passa,
e o vento a desfolha.

Inútilmente tentará a mulher oferecer quanto de humano e ilicito há nela, o humano choca o homem, o divino faz-lhe inveja. O enigma perdura.

"Sei do teu caminho
mas não sei os caminhos
do teu pensamento".

Oldegar Vieira desenhou em riscos de nanquim sobre folhas de chá, como os poetas orientais das terras do quimono, alguns pensamentos perfumados de suave filosofia, repetindo para a mulher o tributo de todos os poetas do mundo.

Tudo é para ela. Os reinos da natureza ofertam-lhe o melhor. A fauna feroz, a fauna alada e colorida. Do pequeno crisol da larva sae o fio precioso para a sua gala de rainha; o bravo, fero e flávo mar dá-lhe pérolas, corais, ambaré, madreporas exóticas. Do seio humoso da terra, é a deusa Flóra que tira para ela as maravilhas do seu reino de perfumes. E' Ceres que lhe estende o cabáz repleto. Ainda das montanhas e rios, o garimpeiro descalço tira ouro e gemas preciosas para seu escrínio.

As bandeiras de Borba Gato abriram caminhos à nacionalidade, rasgando seções; mas as esmeraldas de Fernão Dias Paes Leme correm desde tempos remotos por entre os dedos esguias e fidalgas da mulher.

E' a homenagem da Especie a sua deusa!

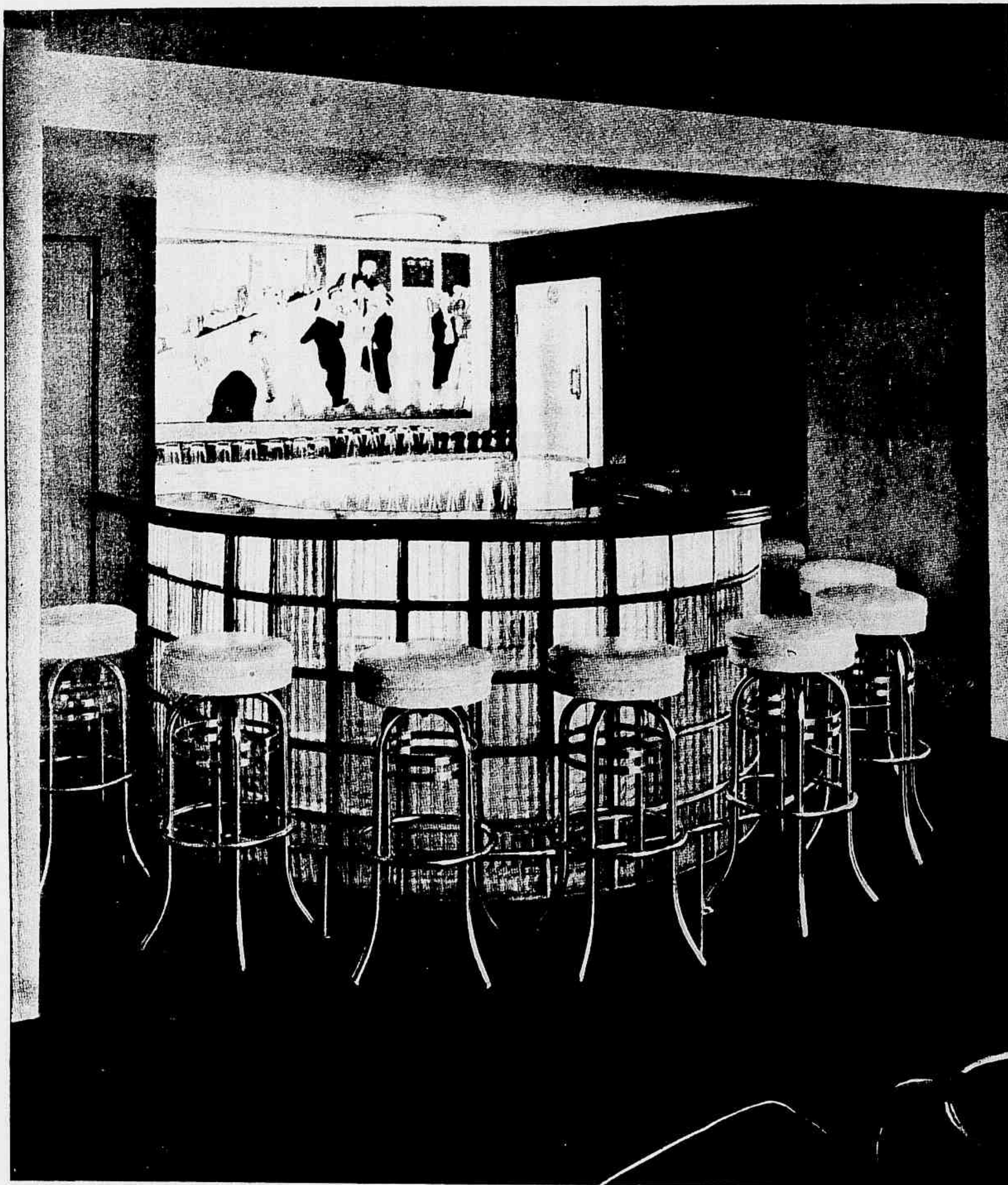
E' o enigma irrevelado, é uma sombra de Deus, projetada sobre o mundo, como aza luminosa de redenção e de consolo.

Nem a biologia, nem a filosofia, nem mesmo a profética inspiração da poesia, poderão jamais dizer da essência divina que existe na mulher a quem Deus confiou o mais doloroso trabalho da geração. Ele, com seus deuses bofiondaveis, persegue o homem, ao companheiro terrestre e orgulhoso da mulher: "O de estás tu? Que fizeste. Afinal do mesquinho mundo em que vives?"

E depois mostrando *Evaré* Ela é o velho que se fez com a idade, a pureza foi o artifício da imortalidade humana.

M. Elise! Refugio eterno e consolador da juventude e da velhice.

O Lar



Este bar é de uma casa particular de Chicago; fica junto ao salão de jogo continuando-o. O chão é de mosaico asfáltico, em negro e vermelho, o balcão e prateleiras são de ladrilhos de vidro deixando transluzir as lâmpadas postas por trás deles; há também lâmpadas laterais, iluminando a pintura mural. Timberetes de metal e couro.

A casa moderna, entre a gente elegante, não dispensa o Bar. Foi mais uma importação americana; não sei se realmente digna de ser imitada, pois não me parece seja o nosso clima favorável ao hábito dos "drinks".

Contudo, o que nos compete é apenas sugerir decorações e mesmo ambientes aos nossos leitores, e até atendermos a sugestões ou pedidos que nos façam sobre esse assunto.

A casa, moveis, decoração, detalhes, objetos para sua ornamentação e conforto. A casa moderna é cada vez mais restrita, quer como espaço, quer como mobiliário; e combinar exiguidade com o conforto e um ambiente bonito não é, de fato, coisa muito fácil.

Oferecemos hoje, três modelos de bar para espaços diferentes. Um deles é clássico: o balcão, as prateleiras e as mesas de metal ao redor; os outros dois são mais originaes e resolvem com bastante elegancia o problema do espaço. Ambos têm as lâmpadas por trás dos vidros, o que é de lindo efeito; ambos ficam encostados á parede e são transformaveis, porque fechados não denunciam a sua verdadeira utilidade... Essa dupla utilização dos moveis modernos torna-os preciosos.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES
OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

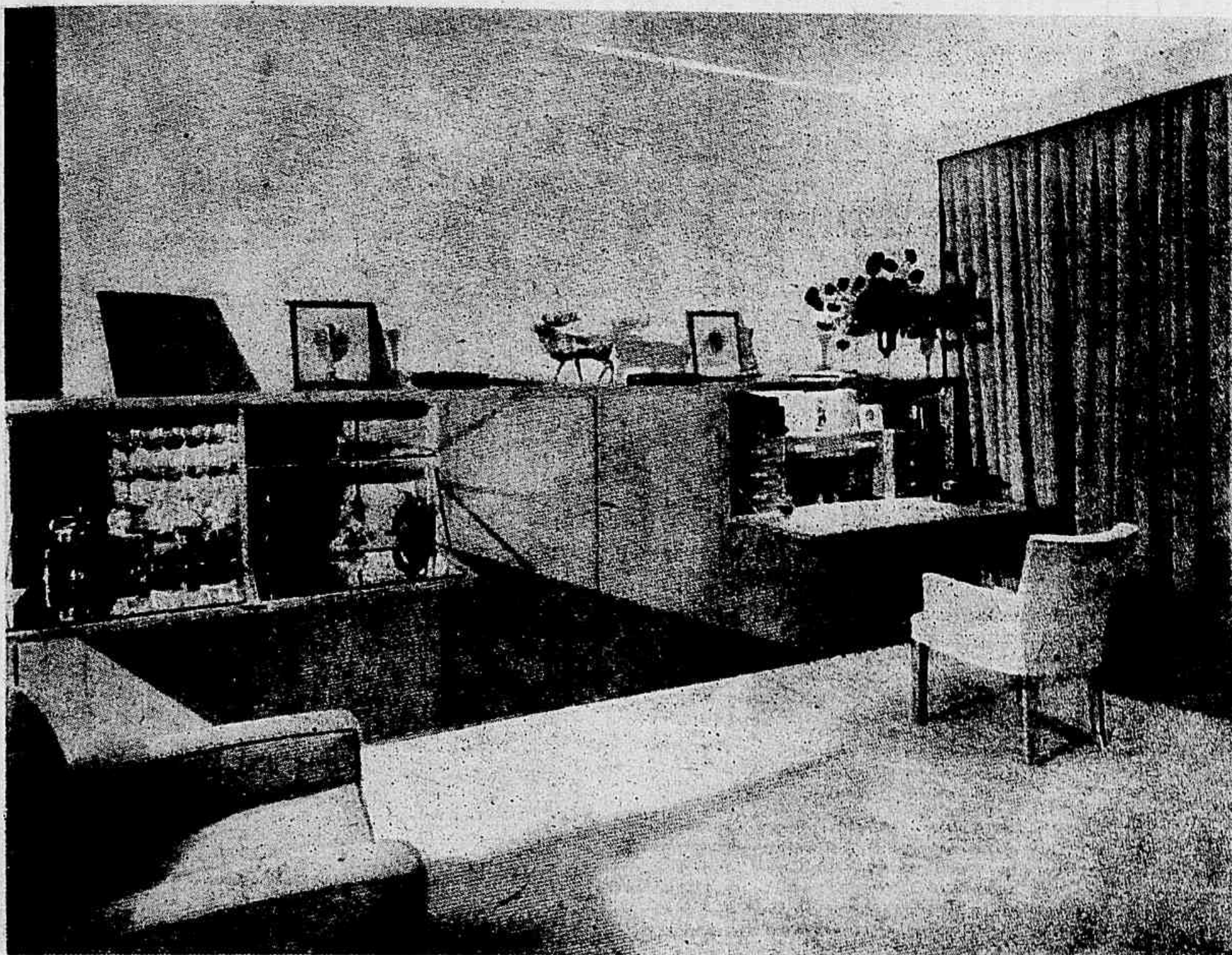
ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

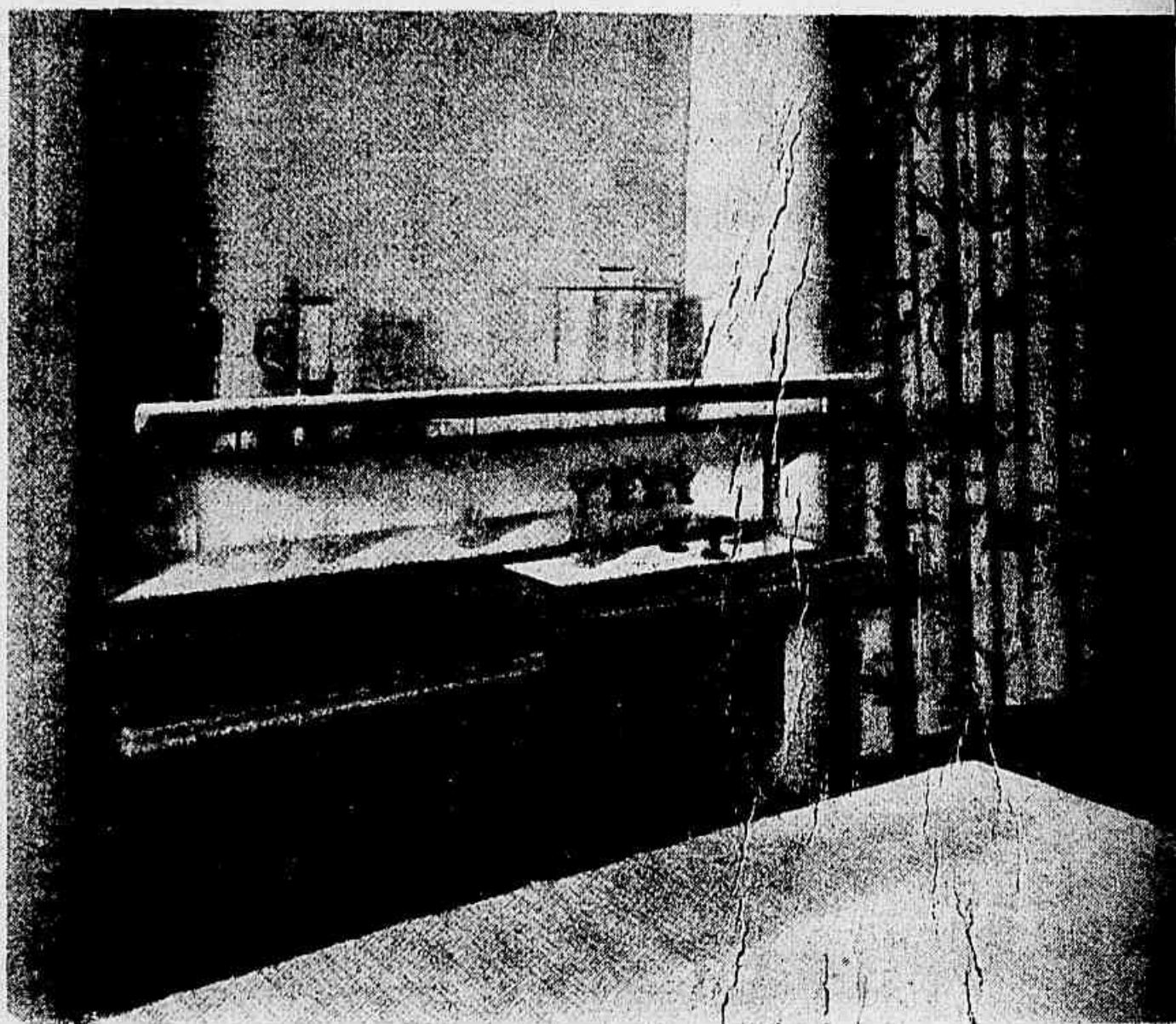
NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS



Um bar muito elegante em apartamento. E' constituído por um longo movel, tomando a largura de uma das paredes; é um movel biblioteca-bar, tendo tambem a escrivaninha, a mesa, com todos os utensilios de cada parte. A poltrona e as cadeiras são estofadas de branco; a cortina de "bouclette" verde Nilo. Luz indireta do tecto e atrás do sofá.

O bar menor, colocado entre duas janelas, ou entre duas portas, quando fechado é um "consolo" maravilhoso com a parte de trás toda em vidro-de fantasia, projetando na sala a sua luz indireta.

O outro é movel para um confortavel gabinete, pois presta



seus serviços como biblioteca, como secretária e finalmente como bar; e não esqueçamos que sobre ele podemos ainda pôr um retrato amigo, alguns objetos de arte e vasos com flores; esses detalhes são encantadores, e dão ao ambiente uma nota tão familiar quanto aprazível.



De Hollywood e New-York



Da nova terra da promessa e do sonho chegam, cada vez mais escassamente, as últimas novidades. Mas chegam, afinal.

O calor também chegou, e Dorothy Lamour nos ensina a usar, com graça e encanto, o leque, esse romântico elemento que outrora era como a asa dourada e translúcida de uma libélula onde se escreviam mensagens de amor, quadrinhas de Saudade e de Esperança.

"Saudade! Tenho saudade,
do tempo que eu não sabia,
que essa palavra saudade,
infelizmente, existia."

O leque faz novamente a sua introdução do cenário da moda, e é de esperar que os raros rapsodos que ainda respiram neste ambiente impregnado dos vapores venenosos do oportunismo comercializado, saiam a liça para os jogos florais da inteligência; e quando a dama for uma Dorothy Lamour, não acreditamos que falte a mais ardente inspiração. O prestígio renovado do leque virá emprestar à mulher um novo e farfalhante encanto: o encanto leve de asas luminosas.

A beleza fina, para, quasi transcendente de Anita Louise, dá um "charme" esquisito a esta blusa de georgette de um rosa pálido e picot azul marinho. Com a aparição do sol escaldante do verão, as blusas claras e transparentes são um acessório indispensável no guarda-roupa da mulher elegante, como no da simples empregada no comércio; é uma indumentária democrática, mas que nem por isso tem menos prestígio. O jabot, como o leque, já teve entre as elegantes de mil e oitocentos o valor decorativo de uma flor e até de uma joia, pela graça fina que ela empresta à toilette feminina. No jabot que circula o decote desta blusa de Anita Louise, o picot escuro põe uma nota de exotismo e ao mesmo tempo de simplicidade.

Janet Blair, uma das mais recentes belezas de Hollywood e uma das mais elegantes atrizes da "Columbia", oferece às nossas leitoras uma maravilhosa toilette para reuniões chics, em crepes preto, drapeado ao lado esquerdo da saia, com o laço do cinto do mesmo lado; a blusa ajustada vai subindo em ponta até a renda negra que a enfeita e que forma também as mangas longas e ajustadas. Esta renda de desenho aberto é posta sobre um georgette lino cor de carne, fazendo a pala lisa e o decote em V, aberto na base. Para completar tão linda toilette e de uma notável originalidade, Janet Blair usa sapatos de setim preto com laço no alto. Veja-se o seu tipo coincide com o de Janet e vista-se como ela; estará sempre elegante, discretamente elegante, pois Janet tem o bom gosto de não ser extravagante. Aliás este vestido preto, que a formosa estrela nos apresenta, pode ser usado por qualquer tipo, e mesmo idade, excepto, é claro, por uma jovem de 17 anos.

E agora temos o prazer de lhe apresentar, leitora amiga, uma fascinante estrela, surgida mais como um meteoro, nos ecrãs da "Metro-Goldwyn-Mayer", e que está indicada a ser um dos maiores sucessos do novo ano. Suas medidas antropométricas estão sendo publicadas para dar o padrão do último tipo de beleza americana.

E — coisa extraordinária! — esta formosura de 21 anos era, há bem pouco tempo, apenas uma bonita "farm-girl", sem nenhuma pretensão ao estrelato.

De Iowa partiu uma Caravana da Vitória, formada por um alegre grupo de rapazes e moças do interior. Marilyn ia descuidadamente entre eles, cantando e dançando para os valentes soldados de Tio Sam. Chegaram a Washington, foram aplaudidos pelo Presidente Roosevelt; foi essa uma surpresa encantadora para Marilyn, nem ela desejava mais.

Mas de repente, como num sonho de magia, e-la brilhando como estrela da "Metro-Goldwyn-Mayer, etc."

Aqui está ela numa atitude que lembra Marlene; mas é apenas "pose", pois Marilyn tem tanta personalidade, que não precisou forçar as portas da fama. Breve Marilyn será um dos modelos preferidos das mulheres elegantes desta maravilhosa cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

1 — Dorothy Lamour ("Paramount"); 2 — Janet Blair;
3 — Anita Louise ("Columbia"); 4 — Marilyn Maxwell,
da "Metro".



O AEROPLANO SUBMARINO

A primeira pessoa que avistei ao abrir a porta foi o meu amigo Tom Joe. Embora nos não tivéssemos encontrado havia já dois ou três dias, não o achei mudado. Conservava o belo semblante rubicundo; e trazia na cabeça um chapelinho deveras engraçado. Estava sentado junto ao balcão, numa das altas cadeiras ou tambores em uso nos botequins; e tinha de cada lado um grande copo de whisky. Pareceu-me que lhe custava manter-se em equilíbrio. E só realmente o conseguia porque, de cada vez que se ia inclinar de mais para um lado, tomava do outro lado um largo sorvo de whisky.

O acolhimento que me fez foi extremamente cordial. Queixou-se de não receber, há muito tempo, notícias minhas. Depois perguntou-me se eu não tomava alguma coisa e suspirando profundamente:

— Nem sempre a sorte me tem favorecido. Como você há de estar lembrado, quando nos encontramos pela última vez, andava eu acabando de beber a herança da minha velha tia da Groenlândia. Aquilo foi rápido; e, de repente, vi-me obrigado a recorrer aos piores expedientes. Os tempos que vão correndo não são absolutamente propícios aos homens de gênio. E' sabido isso desde a mais remota antiguidade. Tentei lançar no mercado vários produtos, entre eles a minha famosa loção para o cabelo "Never More". Tudo falhou. A minha última tentativa foi a construção duma fábrica para a produção de fitas métricas de borracha.

— De borracha, Tom Joe?

— Perfeitamente. Todas as grandes descobertas são devidas à observação trivial. Aí está por exemplo, Newton. Reparei de repente que os objetos a serem medidos oferecem dimensões diferentes, ao passo que o metro, pela própria definição, tem sempre o mesmo tamanho. Ora, isto o torna inútil desde que se trate de objetos de mais ou menos de um metro — o que quase sempre acontece. Se, porém, tomarmos um metro feito de substância elástica e supondo que precisamos de medir uma sala, fixamos solidamente uma das extremidades a uma das paredes e vamos puxando até chegar à parede fronteira. E' simples e genial. Mas a fábrica ardeu completamente. Não me ficou nem com que medir a extensão do meu infortúnio.

— Pobre Tom Joe!

— Ah, mas não desanime! Atualmente ocupo-me de aviação. Disponho de todos os elementos necessários para triunfar. Como você sabe, fui eu o primeiro a recomendar, haverá uns quinze anos, a divisão dos balões em compartimentos de vácuo, para atenuar os perigos da queda. Qual não havia de ser a minha surpresa ao notar que tinham gradualmente suprimido o envólucro dos aerostatos, para só conservar os compartimentos, isto é a armação! Resultaram disso os maravilhosos "papa-gaios" denominados aeroplanos. Ora, daí a realizar o aeroplano submarino ia apenas um passo.

A admiração emudecera-me. Tom entornou um copo de whisky e continuou:

— Há um fato indubitável, verificado por todos os homens de ciência: que a lógica de trás para diante é quase sempre a melhor. Consideremos, por exemplo, não mais os aeroplanos mas os dirigíveis atuais.

Conto humorístico do escritor francês
GABRIEL DE LAUTREC

Todos eles — não é verdade? — obedecem à forma de peixes enormes. Daí uma conclusão se impõe: Se, para andar no ar, se verificou ser o feito de peixe o melhor, naturalmente se segue que os aparelhos submarinos se devem assemelhar aos pássaros.

"Com efeito, acho que os aeroplanos são ainda mais apropriados à água do que ao ar. O seu emprego suprimiria todos os perigos da navegação submarina. Naturalmente não os devíamos construir de lona, ainda que alcatroada. Suponhamos, porém, um ou dois planos inclinados, em alumínio, e tendo apenas ao meio um assento para o piloto. A hélice pode ficar à frente, atrás ou do lado. Devido à inclinação, o aeroplano, assim que o puserem em marcha, mergulhará. O homem irá em costume de escafandrista e levará suficiente provisão de ar. Não haverá a menor dificuldade. Graças a Deus, o ar é a única coisa que ainda não subiu de preço. Nem ainda foi racionado. Cada indivíduo pode adquirir quanto queira e por preço mínimo. Nesse sentido, não há a menor comparação entre ele e o whisky.

— Mas... observei timidamente — não acha você, Tom Joe, que haveria certo perigo em mergulhar dessa maneira?

— Perigo! Qual? Chegar ao fundo do mar? Brincadeira! Por que não revestiríamos o alumínio de chapas de cortiça, de maneira a tornarmos o conjunto mais leve do que a água? O pior que nos poderia suceder era uma panne do motor. Mas, em vez de cair como aconteceria se estivessemos no ar, o aparelho subiria à superfície, tranquilamente.

— Bravo, bravo! exclamei, positivamente entusiasmado.

— Obrigado! respondeu Tom Joe, agitando debilmente os braços, como para levantar vôo do seio das ondas.

Mas esta tentativa comprometeu-lhe o equilíbrio, e o pobre Tom caiu pesadamente ao chão. Alguns cidadãos de boa vontade me ajudaram a acudir-lhe. Levámo-lo para cima dum banco, cuidadosamente o deitámos. E alguns minutos depois, sem dúvida prosseguindo em sonho na sua concepção genial, Tom Joe imitava na perfeição, com o nariz, o ronco do motor.

HEMORROIDAS E VARIZES

TRATAMENTO SEM OPERAÇÃO

Após longos estudos foi descoberto um remédio de componentes vegetais, que permite fazer um tratamento com ótimos resultados das hemorroidas e varizes. HEMO-VIRTUS é o nome desse remédio que, para hemorroidas internas e VARIZES, deve ser tomado na dose de três colheres de chá por dia. Para as hemorroidas externas, usa-se o HEMO-VIRTUS, pomada. Comece hoje mesmo e leia com atenção o tratamento na bula. Não encontrando na sua farmácia, peça ao Depositário: CAIXA P. 1874 (UM-OTO-SETE-QUATRO), S. Paul.

HEMO-VIRTUS



-aos SRS. DISTRIBUIDORES E ASSINANTES
DESTA REVISTA

Rogamos indiquem sempre, com as suas
remessas de dinheiro, nome, endereço
e fins a que as mesmas se destinam

CAVALCANTI, JUNQUEIRA S. A.

CAPITAL: CR \$ 10.000.000,00

ENGENHARIA — ARQUITETURA — CONSTRUÇÕES
INSTALAÇÕES ELETRICAS E HIDRAULICAS

Av. Almirante Barroso 97 -- 6.º
RIO DE JANEIRO.

Rua José Bonifácio 250 -- 9.º
SÃO PAULO.

CREME DE MASSAGEM
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
ALIMENTA A PELE — CONTRA AS RUGAS
A VENDA EM TODA A PARTE

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

A BELEZA É OBRIGAÇÃO

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os cremes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de allace ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Allace permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Allace "Brilhante". Experimente-o.

DOR DE ESTOMAGO?
AZIA - MÁ DIGESTÃO
DISPEPSIA - ULCERAS
Papéis
BANKETS

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

PRISÃO DE VENTRE?
Pílulas
ALOICAS
REGULAM O INTESTINO SEM TORTURA-LOS.

NUMEROS ATRAZADOS DESTA REVISTA NO RIO GRANDE DO NORTE

Pedir a LUIZ ROMÃO
AV. TAVARES DE LIRA, 48

SABÃO
TIMBOROL
A BASE DE TIMBO USO VETERINÁRIO
ASSEGURA A HIGIENE E BELEZA DO
CÃO POR COMBATER OS PARASITAS E AS
MOLESTIAS QUE OS MESMOS PROVOCAM

Grafia Futura

(Alguns exemplos)



A riscado



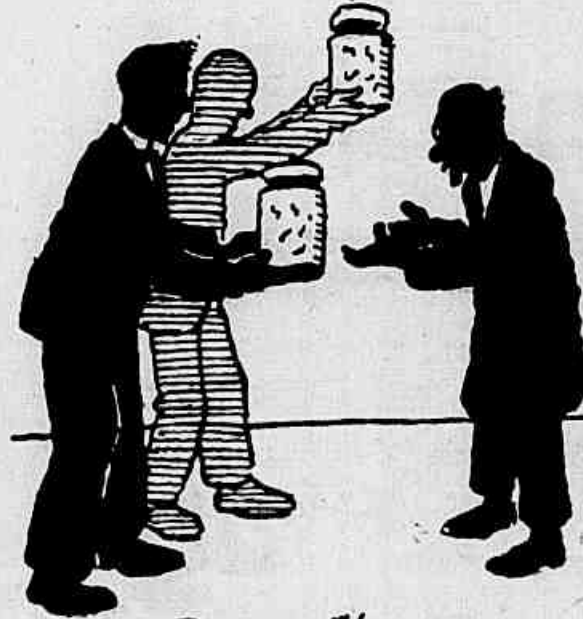
Ré cheio



- Áta-viádo



Paz ciencia



- Vérme lhe dão...



Pró grama



mão de óca



Cara pau



Atriz tesa



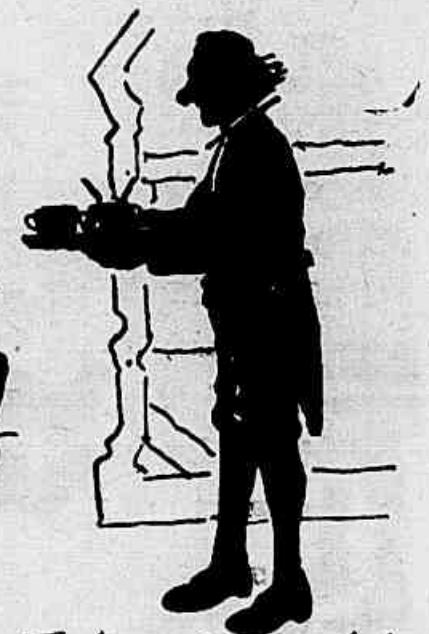
A má zôna



Cara vela



Dôido varrido



Traje com média



Amor talhado



Flôr em tina



már a' lona.

PAUL
1944

Desfile de modelos

1 — Vestido para reunião elegante; os folhos são de organza em tres tons "dégradés", o que lhe dá um toque de originalidade. Chapéu com rosas pequenas no mesmo tom dos folhos; véu de tule da cor do vestido. 2 — Os punhos e a gola desta juvenil e graciosa jaquetinha podem ser em fina renda valenciana e cambráia, dando-lhe uma nota fresca, própria para o verão. 3 — Gracioso vestido de jaquetinha curta, em seda clara; dá-lhe uma nota *chic*, a gravata de seda com listas em varias cores. 4 — Vestido estilo "chemisier" de seda branca; chapéu com enfeites vermelhos, luvas e bolsa brancas. 5 — Elegante costume de linhas discretas, confeccionado com seda amarelo seco, bolsa, luvas e chapéu verde escuro (musgo). 6 — Vestido para reunião, em seda grossa lustrosa; o enfeite são as joias. Chapéu de tule e veludo. Pode ser usado com bolero bordado.

E' um vestido tipo transformavel.



UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO

inencarelli

Ultimas Novidades



Vestido simples, gola inteira; puns arredondadas nos ombros com pregueados dos dois lados. Na saia pregas; mangas $\frac{3}{4}$. As costuras são pespontadas.

Vestido de linho, abotoado na frente, gola "marujo", e pequeno bolso, enfeitado com vize de côr.



Vestido em estilo, com vizes e barra de organza lisa, sendo ele em quadriculados brancos e verdes.

Vestido em georgette azul, sob georgette rosa; a saia azul, apanhada de lado em drapados, deixa aparecer o georgette rosa que forma a cauda do vestido; faixa e o ombro rosa.



Vestido em crepe branco grosso estampado; a gola tipo smoking termina com um laço. Casaco em forma de peplum, saia de corte liso.

Vestido amarelo vivo, com estampado simbólico da aviação e frases celebres de Churchill.

Todo estampado, com as proclamações dos franceses livres.



DE LONDRES PARA AS BRASILEIRAS

(Fotos Harper's Bazaar)

Novos modelos londrinos estão chegando e daqui vão eles diretamente para as nossas leitoras.

Na 1.^a estão dois lindos "tailleurs", modelos que as nossas amigas poderão usar para diversos fins inclusive viagens de fim de ano. Na 2.^a vê-se gracioso vestido escolhido pela sua elegância e simplicidade. Estampado de amarelo mostarda, tem a saia estreita, grandes bolsos, cinto de couro amarelo e botões da mesma cor. O chapéu de

palha; fita combinando com as luvas. Na 3.^a está elegante modelo de crepe "marocain" branco. A tunic abotoada na frente por uma fileira de botões e a saia um pouco ampla para combinar com a linha da tunic. Na 4.^a vê-se o café servido no jardim, depois de um jantar, numa noite quente de verão. A mesma elegância personificada num vestido lavavel de algodão com listas vermelhas. O outro modelo é um vestido de crepe amarelo-ouro e blusa de mangas compridas. A blusa pode ser usada durante o dia com qualquer saia curta e um casaco de lã cinza. E na 5.^a aparece uma menina usando um vestido de lã amarela com listas azuis e vermelhas.



**ENQUANTO VOCÊ DORME,
trabalham os
germes...**



Durante o sono, a fermentação de partículas alimentares que penetram nos interstícios dos dentes favorece a ação dos germes, produzindo o mau hálito. Evite este mal, fazendo bochechos com uma solução do Dentifrício Medicinal Odorans, diariamente. Odorans impede a fermentação e as infecções bucais, como piorrêia, gengivites, etc.

MAU HALITO!

ODORANS

O DENTIFRÍCIO MEDICINAL

O templo do idolo Astarté

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 10)

atingimos a clareira, que parecia esbatida e fantasmal à luz da manhã recente. Symonds agarrou-me o braço e eu contive uma exclamação surda. Na noite passada, quando a tínhamos visto ao luar, havia o corpo dum homem deitado de bruços na relva. Agora, à luz da manhã recente, a mesma visão nos vinha aos olhos. Elliot Haydon estava deitado exatamente no mesmo lugar onde o primo havia caído.

— Meu Deus! — disse Symonds. — **Ele também foi vítima!**

Largamos a correr pela relva. Elliot Haydon estava sem sentidos mas respirava debilmente, e desta vez não havia dúvida sobre o que causara a tragédia. Uma longa e afiada arma de bronze permanecia no ferimento.

— Atravessou-lhe o ombro e não o coração. Foi uma sorte, comentou o médico. — Palavra que não sei o que pensar. De qualquer modo ele não está morto e será capaz de contar-nos o que aconteceu.

Mas foi justamente o que Elliot Haydon não foi capaz de fazer. Sua narrativa foi excessivamente vaga. Ele havia procurado inutilmente a adaga e por fim abandonando a busca se aproximara do templo do idolo. Foi então que se convenceu gradativamente de que alguém o estava observando da cintura de árvores. Lutou contra essa impressão, porém não pôde libertar-se dela. Descreveu um vento frio e estranho que começou a soprar. Parecia que não vinha das árvores, mas do interior do templo do idolo. Deu volta, espiando para dentro. Viu a pequena imagem da deusa e sentiu que estava sob o efeito duma ilusão ótica. A imagem pareceu crescer, crescer. Então, de repente, recebeu como que um golpe entre as têmporas que o lançou cambaleando para trás, e ao cair teve a noção de uma dor aguda e ardente no ombro esquerdo.

A adaga dessa vez foi identificada como sendo igual a uma desenterrada do túmulo da colina e que Richard Haydon havia comprado. Onde ele a conservara, na casa ou no templo do idolo, ninguém parecia saber.

Os policiais foram de opinião, e sempre pensarão assim, que ele fôra deliberadamente apunhalado por Miss Ashley, mas em vista de nosso depoimento unânime que ele não chegara a três metros de distância dela, não tinham esperança de manterem a acusação. Portanto a coisa ficou sendo e continua a ser um mistério.

Houve um silêncio.

— Não parece que haja nada a dizer — disse Joyce Lemprière afinal. — Tudo é tão horrível... e sobrenatural. O senhor tem alguma explicação, dr. Pender?

O velho fez que sim com a cabeça. — Sim — disse ele. — Tenho uma explicação, isto é uma espécie de explicação. Muito curiosa... mas para mim ainda conta com certos fatores favoráveis.

— Eu tenho assistido a sessões — disse Joyce — e digam o que quiserem dizer, pode acontecer muita coisa esquisita. Eu creio que se pode explicar por uma espécie de hipnotismo. A pequena transformou-se realmente numa sacerdotiza de Astarté, e creio

(CONTINUA NA PAG. 46)

O ARRIEIRO

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 38)

Quanto tempo me debati nas vascas do mais tremendo suplício moral, vendo erguida contra mim a arma assassina, que ao meu primeiro gesto para a salvação me despejaria em cima toda a carga?

Sei apenas que a noite não acabava mais. A solidão da treva era cada vez mais densa, com a fuga do crescente lunar pelo horizonte. O mesmo torpor mortal em derredor. E a figura demoníaca do facinora, sempre na postura firme da tocaia, como a estatua maldita do meu destino.

Mas a natureza, por fim, me traiçou. Apesar de todo o meu terror e o meu anseio de salvação, senti-me ao cabo das minhas forças. Mentalmente, em desespero, pedia a Deus que me abreviasse ao menos o termo daquele insuportável martírio.

Um torpor como o do cloroformio derrubava-me a pouco e pouco na rede. Não havia mais força humana que me sustivesse as pálpebras pesadas como conchas de chumbo. Todo eu me sentia apagar, sumir, no aniquilamento total dos sentidos.

Ignoro se foi sono ou desmaio que me absorveu assim, ainda por duas ou três vezes, durante aquela noite infernal, despertando-me sempre em sobressalto, ante a mesma visão desorientadora do curiboca vigiando imperturbável.

Eu me perdia outro tempo atôa, em conjecturas loucas, até que o cansaço me vencia de novo inevitavelmente.

Despertou-me afinal, de vez, um pesadelo atroz, em que me pareceu debater-me horas sem conta, em luta cega com uma tropa de saltadores.

Dei acordo de mim, num pulo, estremunhado ainda, sem me repôr de todo do sonho. Junto a mim, um sorriso amável, inteiramente novo, como eu nunca lhe vira, a aclarar-lhe a face, todo envolto na aureola de ouro que o sol nascente lhe amava por trás da figura esguia, o Mariano, apoiado ao punho da minha rede, sacudia-a, de leve, convidando-me alegremente:

— Vam' embora, doutor! Stá na hora da gente largar!

SABONETE



Dorly

PRÊÇO POR PRÊÇO É O MELHOR!

**MELHOR PELO PRÊÇO E PELA
EXCELENCIA DE SUA QUALIDADE!**

À VENDA EM TODO O BRASIL

TRICOT DE LÃ

PULL-OVER PARA MENINO

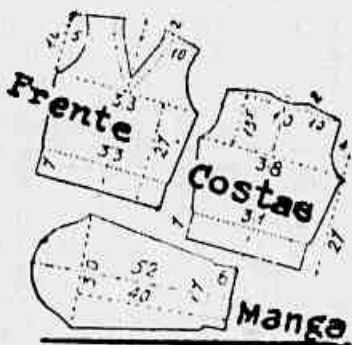
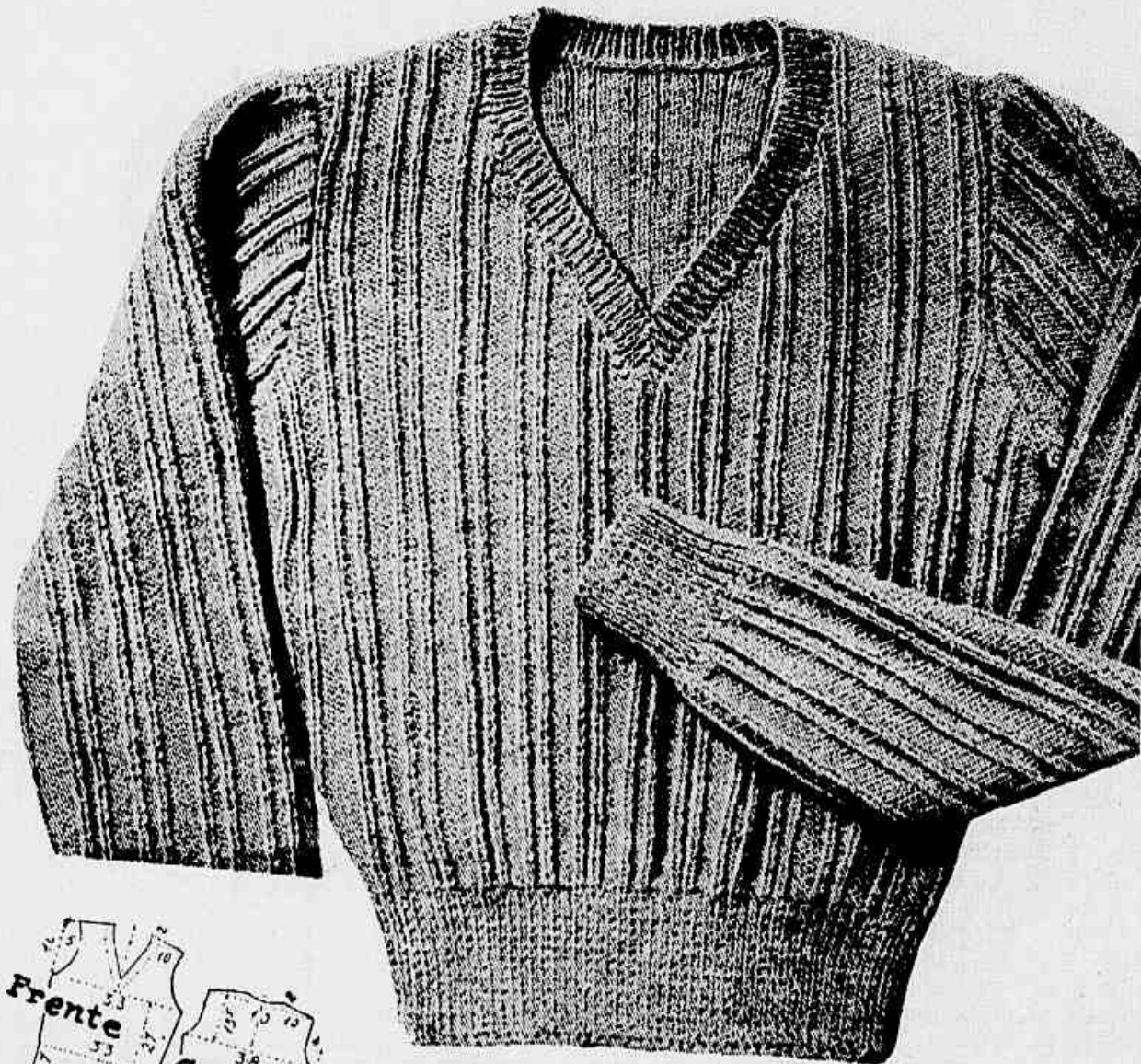
Este "pull-over" agradará. Seu feitiço é clássico. O ponto empregado forma bonito relevo. Seu decote em ponta permite usa-lo com uma gravata.

As medidas dadas para uma criança de 8 a 9 anos. São necessárias 300 grs. de lã "cablée" bege ou vermelha, duas agulhas de tricot n.º 2 (3 mm. de diametro), 2 agulhas de tricot n.º 3 (3 mm. 1/2 de diametro).

Pontos empregados: Ponto de gaita: 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso (para terminação da blusa, das mangas e do decote). Ponto com listas em relevo (para a blusa e mangas); é feito da seguinte maneira: 2 pontos pelo avesso, X 1 ponto pelo direito, 2 pontos pelo avesso, 1 ponto pelo direito, 4 pontos pelo avesso. Recomeçar em X e assim trabalhar até o fim da carreira. Na volta tricotar os pontos como se apresentam, pelo direito os pontos pelo direito, pelo avesso os pontos pelo avesso. Essas duas carreiras repetem-se sempre.

Costas — Começar pela parte de baixo pondo na agulha mais fina 96 malhas. Tricotar 7 centímetros no ponto de gaita, depois tomar as agulhas mais grossas e tricotar o ponto com listas em relevo. Fazer de cada lado um aumento todos os dois centímetros e meio (8 aumentos). Quando o trabalho medir 27 centímetros de altura, formar as cavas fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo, 3 vezes 2 malhas e 7 vezes 1 malha. Quando a cava medir 11 centímetros de altura fazer um aumento de cada lado, e quando o trabalho medir 40 centímetros de altura fechar 16 malhas no meio. Tricotar cada lado separadamente. Fechar para formar a gola com uma carreira de intervalo 2 vezes 3 malhas. Simultaneamente fechar do lado oposto para o enfiado do hombro dez por dez as 30 malhas restantes.

Frente — Começar pela parte de baixo, pondo na agulha mais fina 104 malhas. Tricotar os sete centímetros no ponto de gaita, depois tomar as agulhas mais grossas para tricotar o ponto de listas em relevo. Fazer de cada lado 1 aumento com intervalo de dois centímetros e meio (8 aumentos). Quando o trabalho medir 27 centímetros de



altura formar as cavas fechando de cada lado com uma carreira de intervalo três vezes 3 malhas e seis vezes 1 malha (15 malhas no total). Simultaneamente, quando o trabalho medir 28 centímetros de altura, separar as malhas no meio, trabalhar cada lado separadamente, fechando do lado da gola 20 vezes uma malha com uma carreira de intervalo. Quando a cava medir 10 centímetros de altura, enviezar o hombro da mesma maneira que nas costas.

Manga — Começar pela parte de baixo, pondo na agulha mais fina 56 malhas, tricotar 6 centímetros de altura no ponto de gaita, depois tomar as agulhas mais grossas e começar o ponto de listas em relevo, fazer de cada lado sempre um aumento com 2 centímetros de intervalo. Quando a manga medir 40 centímetros de altura, formar o arredondado da manga fechando de cada lado com uma carreira de intervalo 3 malhas, 2 malhas e sempre 1 malha, até que a manga tenha 52 centímetros de comprimento. Fechar de uma só vez as malhas restantes.

Fazer as costuras dum ombro e apanhar em volta todas as malhas da gola. Tricotar 10 carreiras tomando sempre juntas com uma carreira de intervalo 3 malhas de centro para formar o bico na frente, trabalhar com as agulhas mais finas no ponto de gaita. Fazer em seguida a segunda costura do ombro. Passar a ferro pelo avesso.

BLUSA DE TRICOT

Esta blusa, executada em lã azul pervinca, tem na frente uma longa pala no tom amarelo palha. Abotoamento nas costas.

Para manequim 42 são necessárias 200 grs. de lã "Merinos-Floche" de 3 fios azul e 50 grs. da mesma lã no tom amarelo claro, 2 agulhas de tricot n.º 1 (2mm. 1/2 de diametro) 2 agulhas de aço n.º 8/0.

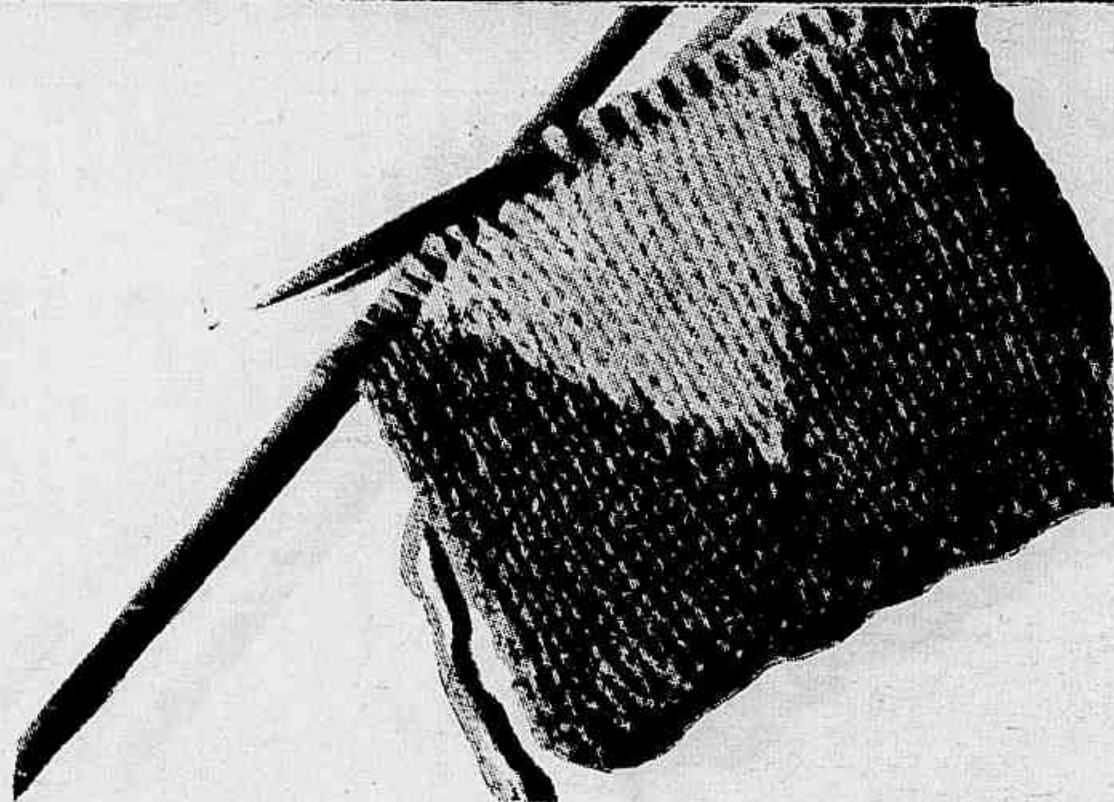
Para cada manequim diferente juntar ou diminuir 16 malhas (8 malhas na frente e igual numero atrás). Um quadrado de 5 centímetros tem 17 malhas de largura e 22 carreiras de altura.

Pontos empregados: 1.º — Ponto de gaita (para a terminação da blusa e das mangas): 1 malha pelo direito, 1 malha pelo avesso. 2.º — Ponto de jersey (blusa e mangas): 1 carreira pelo direito, 1 carreira pelo avesso. 3.º — Ponto tecido (gola); é feito como o ponto de jersey: uma carreira pelo direito, uma carreira pelo avesso, mas mantendo um 2.º fio sobre o avesso tomado no trabalho todos os 2 pontos.

Costas: — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de tricot 140 malhas. Tricotar 16 centímetros no ponto de gaita, fazendo dos dois lados 1 diminuição todos

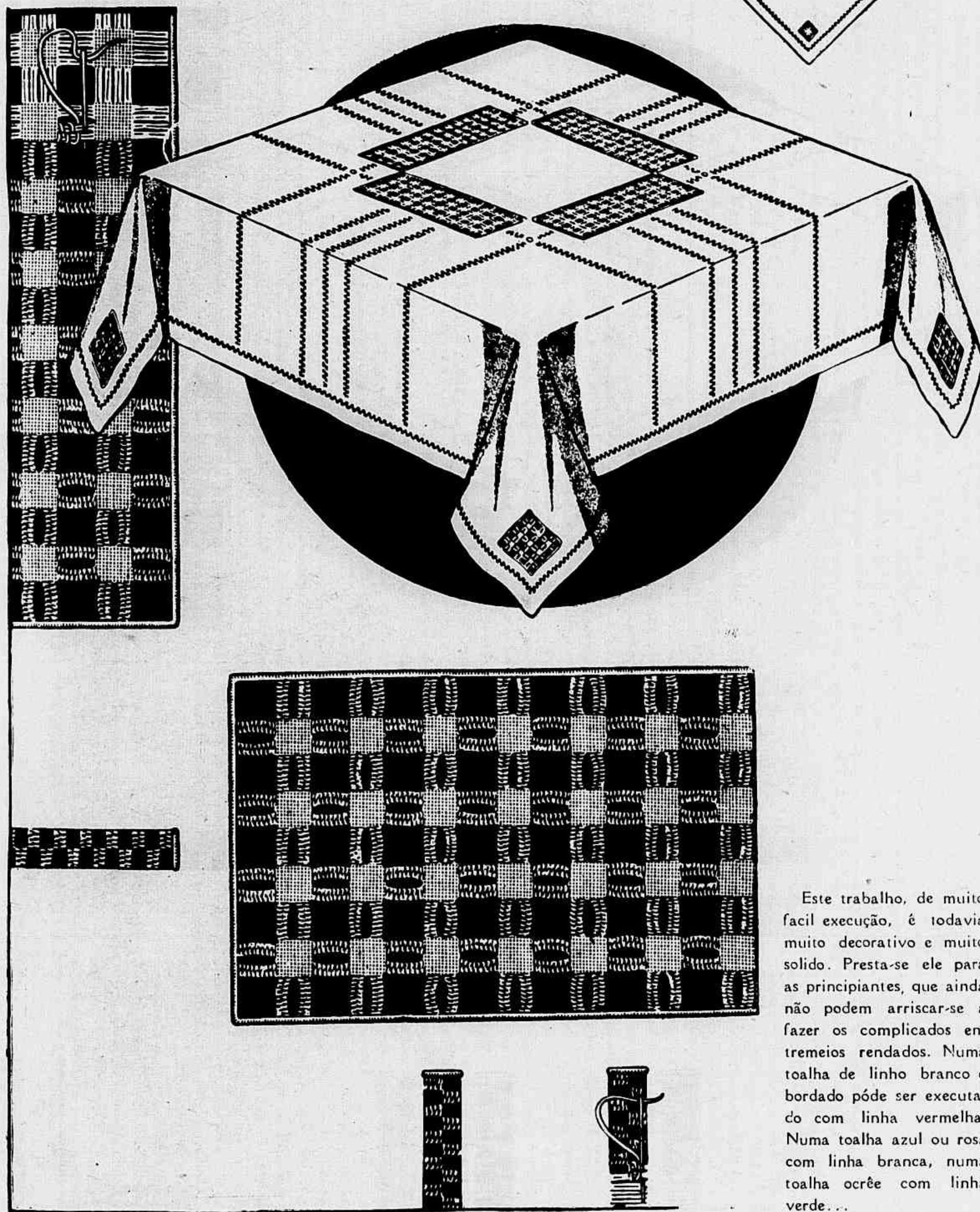
os 2 centímetros. Depois trabalhar no ponto de jersey fazendo de cada lado 1 aumento todos os 3 centímetros (138 malhas ao todo). Formar as cavas fechando de cada lado, com uma carreira de intervalo, 4 malhas, 2 malhas e 6 vezes 1 malha (12 malhas). Quando a cava tiver 12 centímetros de altura, fazer 2 vezes 1 aumento com dois centímetros de intervalo. Simultaneamente, quando o trabalho tiver 43 centímetros de altura, separar o trabalho no meio para a fenda das costas. Trabalhar o lado esquerdo, juntar 4 malhas do lado da fenda para a tira dos botões. As duas ultimas malhas da beirada são sempre tricotadas pelo direito. Quando a cava medir 17 centímetros de altura, fechar 6 por 6 as 36 malhas para formar o hombro. Simultaneamente, na 3.ª diminuição no ombro, fechar do lado da gola, com uma carreira de intervalo, uma vez 12 malhas 7 malhas, 8 malhas. Fazer o outro lado da mesma maneira, mas sem juntar malhas na fenda. Devido a isso na gola 2 vezes 8 malhas e 1 vez 7 malhas.

Frente: — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de tricot 151 malhas, seguir até as cavas a explicação das costas. Simultaneamente a um centímetro acima do ponto de gaita, preparar um segundo novelo de lã azul, e outro de gaita, preparar



TRABALHO MANUAL

Toalha e guardanapos enfeitados com pontos abertos.



Este trabalho, de muito fácil execução, é todavia muito decorativo e muito solido. Presta-se ele para as principiantes, que ainda não podem arriscar-se a fazer os complicados entremeios rendados. Numa toalha de linho branco o bordado pôde ser executado com linha vermelha. Numa toalha azul ou rosa com linha branca, numa toalha ocre com linha verde...

um segundo novelo de lã azul, e outro de lã amarela para formar a original pala tricotando com a lã amarela uma malha bem no centro do trabalho. Na mudança de cor os fios de lã são passados um em volta do outro sem cortar. Vae se alargando o desenho da pala juntando de cada lado do ponto do meio 1 ponto todas as 2 carreiras tomadas nos pontos de lã azul até obter-se 13 pontos no tom amarelo, depois 1 ponto de cada lado todas as carreiras até obter-se 19 pontos amarelos. Em seguida 8 vezes 3 pontos com 1 carreira de intervalo, depois 1 ponto de cada lado em todas as carreiras durante 7 carreiras (81 pontos amarelos). Juntar ainda 11 vezes 1 ponto de cada lado com 4 carreiras de intervalo, durante 13 centímetros e depois todas as 3 carreiras durante 3 centímetros. Neste momento as cavas devem ter 2 centímetros de altura. Cortar o fio de lã azul e continuar o trabalho só com a lã amarela. Simultaneamente, nas cavas, que são formadas na mesma altura que nas costas, fechar de cada lado com uma carreira de intervalo 8 malhas, 3 malhas, 2 malhas e 5 vezes 1 malha. Quando medirem 10 centímetros de altura as cavas, fazer 4 vezes 1 aumento com dois centímetros de intervalo. Quando a cava medir 18 centímetros de altura, enviezar os ombros como nas costas.

Mangas: — Começar pela parte de baixo pondo na agulha de tricô 85 malhas com a lã azul. Tricotar 2 centímetros no ponto de gait; depois continuar no ponto de jersey. Tricotar 13 centímetros fazendo de cada lado um aumento todos os centímetros e meio. Formar o arredondado da manga fechando de cada lado, com uma

carreira de intervalo, 4 malhas, 2 malhas. Depois 1 malha de cada lado todas as 4 carreiras durante 6 centímetros, depois 1 malha todas as 2 carreiras durante 4 centímetros e 1 malha de cada lado em cada carreira durante 3 centímetros. Fechar de uma só vez as malhas restantes.

Gola: — é feita em dois pedaços. Para um deles que se começa pelo alto, pôr na agulha 40 malhas, tricotar uma das extremidades em linha reta. Do lado oposto (beirada da frente), fazer com uma carreira de intervalo os seguintes aumentos: 1 vez 3 malhas, 3 vezes 2 malhas, e 2 vezes 1 malha. Fechar as malhas. Para a segunda metade pôr na agulha 4 malhas mais para a tira do abotoamento da fenda das costas.

Passar a ferro pelo avesso todas as peças antes de armar.

AGUA DE TOILETTE
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
LIMPA E FECHA OS PÓROS
A VENDA EM TODA A PARTE

MOBILIÁRIOS EM ESTILOS
RENASCENÇA, COLONIAL,
RÚSTICO, CHIPENDALE E
POSTOS EM AMPLOS
MOSTRUÁRIOS

A exposição de uma completa variedade de mobiliários nos diversos estilos hoje em uso, capaz de permitir o pretendente fazer a sua escolha, exige muito espaço e amplos salões, razão por que a Fábrica de Moveis "Lamas" tem os seus mostruários junto à fábrica, à rua Melo e Souza n.º 100/10, onde ocupa um vasto quarteirão, próximo à estação principal da Leopoldina, pois que as suas exposições do Flamengo, Urca e Copacabana são de simples propaganda.

A Fábrica "Lamas" pode satisfazer os pretendentes a moveis de boa fabricação, desenho apurado e de inteira responsabilidade, porque entre as poucas que se dedicam ao fabrico de moveis finos é a que tem a maior e mais completa organização, com competente secção de desenho para moveis de encomenda e facilitando em certos casos o pagamento.



Para a mãe e o filho
MALTOGENO
"Granado"



CABELLOS BRANCOS

CASPA
Quêda
dos
Cabellos

JUVENTUDE ALEXANDRE

O templo do idolo Astarté

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 43)

que dum modo ou doutro deve tê-lo apunhalado. Talvez jogasse a adaga que Miss Mannering lhe viu na mão.

— Ou podia ser um dardo — sugeriu Raymond West. — Afinal de contas, a luz do luar não é muito forte. Ela podia ter uma espécie de lança na mão e o feriu à distância e depois supponho que um hipnotismo global entrou em cena. Quero dizer, vocês todos foram preparados para o verem fulminado por meios sobrenaturais e portanto o viram cair desse modo.

— Eu tenho visto muitas coisas maravilhosas feitas com facas e punhais em **music-halls** — disse Sir Henry. — Creio que é possível que um homem estivesse escondido na faixa de árvores e de lá pudesse jogar uma faca ou uma adaga com suficiente segurança... aceitando, naturalmente, que se tratasse dum profissional. Admito que isso parece muito arranjado, mas parece a única teoria realmente aceitável. Vocês se lembram que o outro homem teve a impressão exata de que havia alguém no bosque observando-o. Quanto a Miss Mannering dizer que Miss Ashley tinha uma adaga na mão e os outros dizerem que não tinha, não me surpreende em absoluto. Se vocês tivessem a mesma experiência que tenho, saberiam que a narração do mesmo fato feita por cinco pessoas difere de maneira quasi incrível.

Mrs. Petherick tossiu.

— Mas em todas essas teorias nós parecemos estar desprezando um fato essencial — observou ele. — Que aconteceu com a arma? Miss Ashley dificilmente poderia desfazer-se dum dardo, ficando de pé como estava em meio dum espaço aberto; e se um assassino oculto jogasse uma adaga, então a adaga estaria ainda no ferimento, quando Sir Richard foi examinado. Nós devemos, creio, afastar todas as teorias muito arranjadas e limitar-nos ao fato restrito.

— E aonde nos leva o fato restrito?

— Bem, uma coisa parece completamente clara. Ninguém estava perto do homem quando ele foi derrubado, portanto a única pessoa que o poderia ter apunhalado seria ele próprio. Suicídio, efetivamente.

— Mas, por que cargas d'água iria ele suicidar-se? — perguntou Raymond West incredulamente.

O advogado tossiu de novo. — Ah, esta é ainda uma vez uma questão de teoria — disse ele. — No momento não me interessa por teorias. Parece-me que, excluindo o sobrenatural, no qual não creio num por um momento, foi esta a única maneira segundo a qual os fatos se passaram. Ele se apunhalou e, ao cair, os braços se distenderam, arrancando a adaga do ferimento e jogando-a longe, na zona das árvores. Isto é ao meu ver, embora um tanto improvável uma coisa possível de acontecer.

— Não digo que esteja convencida — disse Miss Marple. — Isso tudo me deixa muito perplexa. No **garden-party** de Lady Sharpley, no ano passado, o homem que estava arranjando o campo de golf tropeçou num dos números, ficou completamente sem sentidos e não voltou a si durante cerca de cinco minutos.

— Sim, querida tia — disse Raymond gentilmente — mas não estava apunhalado, estava?

— Naturalmente não, meu caro — disse Miss Marple. — E' isso que estou lhe dizendo. Naturalmente só houve um meio pelo qual o pobre Sir Richard foi apunhalado, mas eu gostaria de saber o que o fez cambalear primeiramente. Naturalmente poderia ser uma raiz de árvore. Ele podia estar olhando para a moça, naturalmente, e quando há luar é fácil de se dar um tropeção.

— A senhora diz que só houve um meio pelo qual Sir Richard poderia ser apunhalado, Miss Marple — disse o clérigo, olhando-a com expressão de curiosidade.

— E' muito triste e não gosto de pensar nisto. Ele era destro, não era? Quero dizer, para se ferir no ombro esquerdo ele tinha de ser destro. Eu tive sempre muita pena do pobre Jack Baynes na guerra. Ele deu um tiro no próprio pé, vocês se lembram, depois duma luta séria em Arras. Ele me contou quando fui vê-lo no hospital e estava muito envergonhado. Espero que esse pobre homem, Elliot Haydon, não tenha tirado muito proveito de seu perverso crime.

— Elliot Haydon! — gritou Raymond. — Você acredita que ele tenha feito isso?

— Não vejo como pudesse ter sido alguém mais — disse Miss Marple abrindo os olhos em amável surpresa. — Quero dizer se, como Mr. Petherick tão sabiamente diz, considerarmos os fatos e desprezarmos toda essa atmosfera de deusas pagãs que não acho muito decente. Ele correu para perto do primo em primeiro lugar e naturalmente estava de costas para os outros todos e estando fantasiado de pirata teria seguramente uma arma de qualquer espécie no cinto. Eu me lembro de ter dansado com um homem fantasiado de pirata, quando era mocinha. Ele trazia cinco espécies de facas e punhais e não sei dizer-lhes como isso era incômodo e desagradável para o par.

Todos os olhos se voltaram para o dr. Pender.

— Eu soube a verdade — disse ele — cinco anos depois que a tragédia ocorreu. Veiu na forma de uma carta que me escreveu Elliot Haydon. Ele dizia que sempre achava que eu suspeitasse dele. Dizia que foi uma tentação súbita. Ele também amava Diana Ashley, mas era apenas um pobre solicitador esforçado. Com Richard fora do caminho e herdando-lhe os títulos e os domínios, viu uma maravilhosa perspectiva abrindo-se por diante. A adaga saltara-lhe do cinto ao ajoelhar-se junto do primo, e, quasi antes de ter tempo de pensar, brandiu-a e a meteu de novo na bainha. Apunhalou-se, de maneira a desviar as suspeitas. Escrevia-me na hora de partir para uma expedição ao Polo Sul, para o caso, dizia ele, que nunca regressasse. Eu não creio que ele pretendesse regressar, nem, como disse Miss Marple, que seu crime lhe adiantasse nada. — "Durante cinco anos", escreveu, tenho vivido num inferno. Espero, afinal, que possa expiar meu crime, morrendo dignamente."

Houve uma pausa.

— E ele morreu dignamente — disse Sir Henry. — Você mudou os nomes na sua história, dr. Pender, mas eu penso que estou reconhecendo o homem a quem se refere.

— Como eu disse — continuou o velho clérigo — não creio que esta explicação elucide completamente o fato. Ainda creio que houvesse uma influência maligna naquele bosque, uma influência que dirigiu a ação de Elliot Haydon. Até hoje não posso lembrar-me sem um calafrio do Templo do Ídolo Astarté.

FIGURAS E FATOS



NA ACADEMIA DE CIENCIAS DE LISBOA — Flagrante apanhado quando o sr. João Neves da Fontoura, embaixador do Brasil em Portugal, foi recebido na Academia de Ciencias de Lisboa. Estão na mesa o Presidente Carmona e o sr. Oliveira Salazar.



LEANDRO MONTENEGRO — Reapareceu na Radio Jornal do Brasil em outro genero, Grand-Guignol, o dramatico teatro francês. O popular radio-ator é grande interprete do teatro aventuras, tendo trabalhado tambem com exito em comedias ligeiras.



JAIMINHO ARAUJO. O joven Jaime, filho do casal Avelina-Jaime da Silva Araujo, no dia de seu 11.º aniversario quando foi homenageado pelos seus numerosos amigos.

ANIVERSARIOS

Dia 8 — Senhoras: Itala Guanabara Vidal, Maria Candida de Oliveira Viana; Senhores: Dr. Paulo de Lyra Tavares, Dr. Jocelino Pinto, Sr. Oswaldo Marcondes do Amaral.

Dia 9 — Senhora: D. Zilda Deschamps Cavalcanti Nazareth; Senhora Marcionilla de Almeida Araujo; Senhores: Dr. Olavo Freire Jr., Capitão Fabio de Noronha, Coronel Luiz Sá de Affonseca, Francisco de Paula Rodrigues de Carvalho, Dr. Paulo de Campos Porto.

Dia 10 — Senhoras: Alberico de Moraes, Judith Varela Paranhos, Zulmira Ferreira, viuva Dr. Heitor de Souza, Senhorita Ruth Pereira Dias; Senhores: Dr. José Américo de Almeida, Dr. A. Junqueira Ferreira, Guilherme de Almeida.

DA SEMANA

Dia 11 — Senhoras: Sarah Verne de Abreu, Alcinda Palmeira da Silva, Marietta de Verney Campello, Leda Deschamps Cavalcanti; Senhores: General Manoel Rabello, Dr. Candido Campos, Dr. Galdino Travassos, Dr. Alarico Silveira, Dr. Cornelio Vaz de Mello, Dr. Ernesto Cony Filho.

Dia 12 — Senhora Maria de Lourdes Vallim Balthazar da Silveira; Senhores: Dr. Luiz Lyra, José Rodrigues Barbosa, Celso Vieira.

Dia 13 — Senhora: Nair Teixeira de Mello Milanez; Embaixador Dr. Pedro Leão Velloso, Dr. Abel Guimarães Porto, Dr. Juvenal Murtinho Nobre, Dr. Armando Vidal Leite Ribeiro, Coronel Costa Netto.

Dia 14 — Senhora Mazzini Bueno; Senhores: Dr. Sergio Barreto, Dr. Eloy de Andrade, Dr. Edgard Soutello.



NA CRUZADA BRASILEIRA — Realizou-se nos Ambulatórios da Cruzada Brasileira, à praça Cruz Vermelha, a distribuição de presentes de Natal aos tuberculosos pobres matriculados na benemerita instituição presidida pelo professor Clementino Fraga. Contribuíram para o exito da iniciativa várias importantes firmas desta capital.

Coisinhas da Moda



A moda tem alguns segredos que se revelam quasi sempre num detalhe gracioso e original.
Eis aí alguns detalhes bem interessantes.

Nenhum RELOGIO lhe dará
tanta SATISFAÇÃO
como o
CYMA



*Antimagnetico
de Fama Mundial*

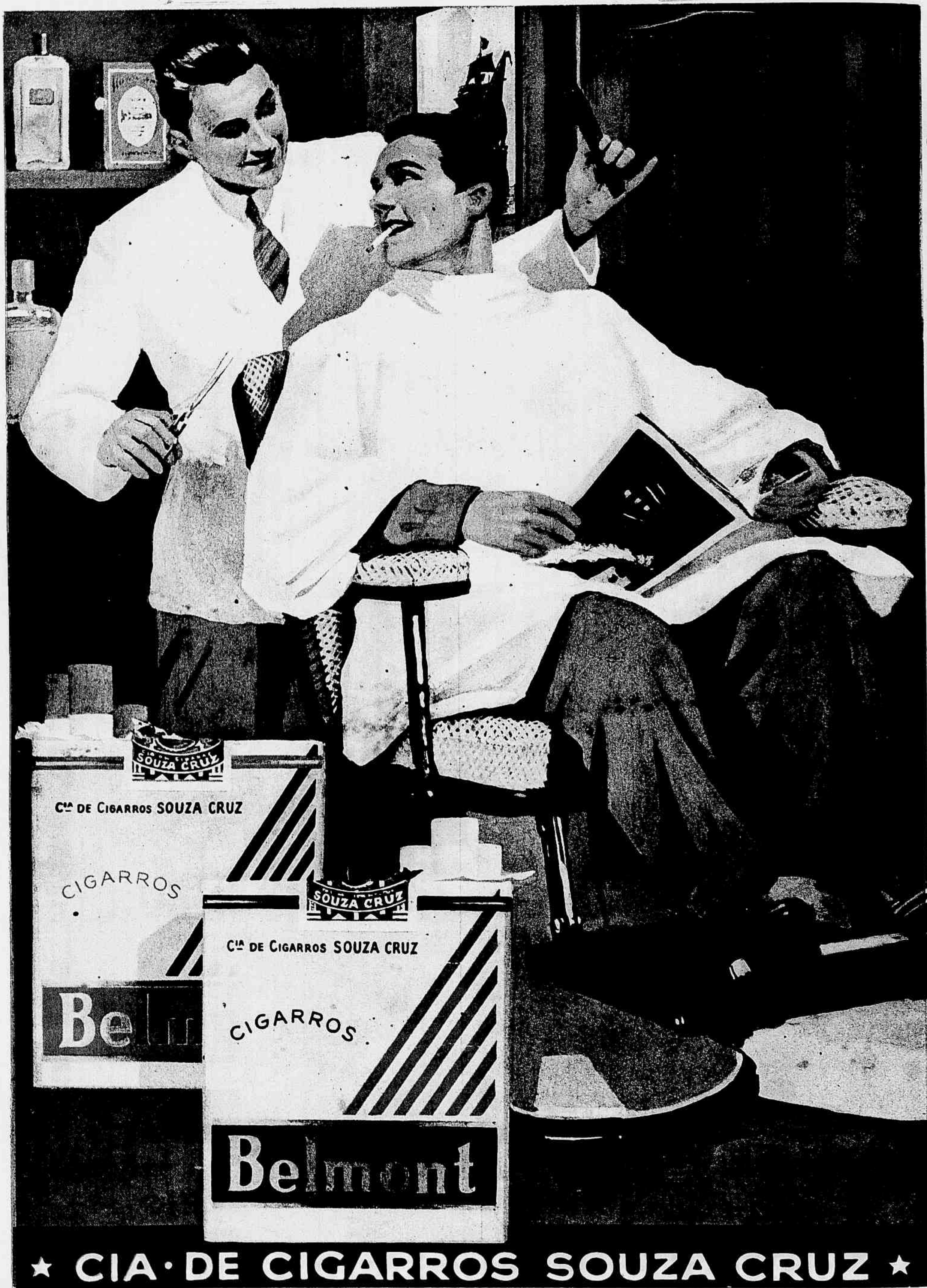
CYMA

**GRIPES
RESFRIADOS
NEURALGIAS**



**DÔRES
de CABEÇA**

TRANSPIROL



★ CIA·DE CIGARROS SOUZA CRUZ ★